



MARIA EMILIA NUNES BUENO

**O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO DA
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Rio Grande

2016

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
ESCOLA DE ENFERMAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM
DOUTORADO EM ENFERMAGEM**

MARIA EMILIA NUNES BUENO

**O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO DA
VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem – Área de Concentração: Enfermagem e Saúde. Linha de Pesquisa: Tecnologia de Enfermagem e Saúde para indivíduos e grupos sociais.

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. MARA REGINA SANTOS DA SILVA

Rio Grande, 2016

B928p Bueno, Maria Emília Nunes.

O processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes / Maria Emília Nunes Bueno. – Rio Grande, 2016.

115 f.

Orientadora: Profª. Drª. Mara Regina Santos da Silva

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Rio Grande, 2016.

1. Paternidade. 2. Violência doméstica. 3. Relações pai-filho.
4. Enfermagem. 5. Família. I. Silva, Mara Regina Santos da. II. Título.

CDU: 616-083:316.6

Catálogo na fonte: Bibliotecária Alessandra Lemos CRB 10/1530.

MARIA EMILIA NUNES BUENO

**O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO
DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**

Esta tese foi submetida ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a obtenção do título de Doutor em Enfermagem e aprovada na sua versão final em 3 de março de 2016, atendendo às normas da legislação vigentes da Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Área de Concentração Enfermagem e Saúde.

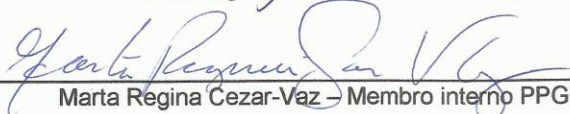


Dr^a Mara Regina Santos da Silva
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem - FURG

Banca Examinadora



Dr^a Mara Regina Santos da Silva – Presidente (FURG)



Marta Regina Cezar-Vaz – Membro interno PPGENF (FURG)



Barbara Tarouco da Silva – Membro externo PPGENF (FURG)

Michell Ângelo Marques Araújo

Michell Ângelo Marques Araújo – Membro Externo (UFC)

Vera Lúcia de Oliveira Gomes – Suplente interno (FURG)

Francisca Lucélia Ribeiro de Farias – Suplente externo (UNIFOR)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter iluminado meus caminhos durante todo este processo de doutoramento e ter me permitido chegar até o final;

À minha família (Célimo e Junior) por serem tolerantes nos diversos momentos em que estive ausente e deixei de compartilhar momentos especiais com eles;

Aos meus pais pelo acompanhamento e apoio constante em todos os momentos de minha vida;

À minha orientadora, Mara Regina Santos da Silva, pelo incentivo, sabedoria, dedicação e paciência para compreender minhas limitações e dificuldades nesse processo de doutoramento;

À amiga Gabriele Schek pelo companheirismo e compartilhamento de angústias durante toda esta etapa;

Aos membros do GEPEFES, pela contribuição nesse processo de construção de conhecimento;

Ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, pelo apoio à realização dessa caminhada, por meio de seus professores e demais funcionários;

À banca examinadora, pelas contribuições para qualificação do trabalho e construção do conhecimento;

E aos pais, participantes do estudo, pela disponibilidade e confiança em dividir comigo suas vivências.

RESUMO

BUENO, Maria Emília Nunes. **O processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.** 2016. 115p. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande – FURG

A relação entre pai(s) e filho(s) envolve comunicação efetiva, sustentada em vínculos afetivos com características próprias, de acordo com a etapa do ciclo vital que se encontram tanto o(s) pai(s) quanto o(s) filho(s). Através desta relação são transmitidos os sentimentos de segurança e confiança ao filho desde tenra idade, assim como os valores, os saberes e os limites necessários para que mais tarde a criança, o adolescente e o adulto que vão se tornar possam viver em sociedade. No entanto, as famílias que convivem com situações adversas como a violência entre seus membros, o pai geralmente não consegue manter este tipo de relacionamento com seus filhos. Muitas vezes ele manifesta menor controle emocional, utiliza práticas agressivas e se mostra menos hábil na regulação do comportamento das crianças, o que acaba interferindo de forma negativa na relação com o filho. O objetivo geral deste estudo é compreender o processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. Especificamente objetiva: 1) Identificar as características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s), que contribuem para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes; 2) Descrever a percepção do pai sobre seu comportamento na interação com seu(s) filho(s); 3) Elaborar estratégias para o cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que apresentam comportamento agressivo com o(s) filho(s). Trata-se de um estudo de casos múltiplos desenvolvido com uma amostra constituída de sete homens na faixa etária compreendida entre 27 e 45 anos, residentes no município de Rio Grande/RS, que apresentaram histórico de violência contra os filhos, incluindo violência física, psicológica ou negligência. Os dados foram coletados por meio de entrevistas em profundidade realizadas entre julho de 2014 a março de 2015, totalizando 56 horas de gravação, as quais foram conduzidas por um roteiro constituído de três partes. A primeira centrada em dados para caracterização do participante incluindo idade, número de filhos, estado civil, escolaridade, ocupação, carga horária de trabalho, renda e constituição familiar. A segunda voltada para a investigação dos processos vivenciados pelo pai no contexto familiar, com vizinhos, amigos e no trabalho. Na terceira parte foram utilizados vídeos montados com cenas que mostram a relação entre pai e filho(s), em momentos bons e momentos difíceis vivenciados em família, os quais têm a finalidade de estimular um processo reflexivo do pai sobre as situações cotidianas que pode influenciar positiva ou negativamente na relação com seu(s) filho(s). A organização, análise e interpretação dos dados foram realizadas tendo por base uma estrutura teórica construída a partir da teoria bioecológica do desenvolvimento humano e dos objetivos deste estudo. Como técnica foi utilizada a análise textual discursiva. Os resultados do estudo apontam que características pessoais como agressividade, impulsividade, dificuldade de determinação e baixa autoestima estão associadas com a dificuldade dos pais para desempenhar seus papéis e funções parentais. Apontam, também, que o pai se percebe como negligente, distante ou ausente da vida dos filhos e considera que o comportamento rebelde dos filhos é desencadeador da violência entre eles, embora os familiares o percebam como pai negligente, agressivo e responsável pelo comportamento rebelde dos filhos. A partir desses resultados, foram elaboradas estratégias para a

prática de enfermagem, as quais incluem: conscientização do enfermeiro no trabalho com o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s); aproximação do enfermeiro com o(s) pai(s); identificação das necessidades prioritárias do(s) pai(s) com comportamento agressivo; identificação dos recursos pessoais e contextuais do(s) pai(s) com comportamento agressivo. Conclui-se que a construção de uma relação sensível entre pai e filho no contexto da violência intrafamiliar é um empreendimento que demanda trabalho integrado entre enfermeiros e outros profissionais, tendo como referência o fato que o comportamento agressivo de uma pessoa não determina sua identidade. Sendo assim, é importante resgatar de forma global as experiências do pai e não apenas aquelas que o definem como agressivo.

Palavras Chaves: Paternidade; Violência doméstica; Relações pai-filho; Enfermagem; Família.

ABSTRACT

BUENO, Maria Emília Nunes. **The process of paternity reconstruction in the context of interfamily violence against children and adolescents.** 2016. 115s. Thesis (Doctorate in Nursing) – Nursing Graduation Program, Federal University of Rio Grande – FURG

The relationship between parents and children involve effective communication, which must be sustained through affective bonding with personal characteristics, concerning the vital cycle in which parents and children are. Through this relationship, feelings such as security and confidence are transmitted to the child since young age, as well values, knowledge and necessary limits, which are important to, later as adolescents and adults, live in society. However, in families that live with adverse situations, such as violence among its members, generally, the father is not able to keep this type of relationship with his children. Frequently, he manifests less emotional control, use aggressive methods and show himself as less able to regulate children behavior, which ends up interfering as a negative aspect towards father/child relationship. The general objective of this study is to get deep into the comprehension about the process of paternity (re)construction in the context of interfamily violence against children and adolescents. Specifically, it aims to: 1) identify the personal and contextual characteristics of the father with history of aggressive behavior against his children; 2) to describe the father's perception about his own behavior when interacting with his children; 3) identify, from parents' discourse, strategies on nursing to better cope with the father that manifests aggressive behavior against his children. The study approaches multiple case studies, which were developed with a sample constituted of seven men in between 27 and 45 years old, who live in Rio Grande/RS, and presented history of aggressiveness against their children, including physical and psychological violence or negligence. Data was carried out through profound interviews, two to ten meetings with each participant, totalizing 56 hours, from July 2014 until March 2015, which were conducted by a guide of three phases. The first was centered in data that characterized the participant, which included age, quantity of kids, civil state, education, occupation, income and family constitution. The second was focused on the investigation of the processes experienced by the father in the family context and with neighbors, friends and at work. In the third part, videos elaborated with fragments of the scenes extracted from movies, which showed daily life experiences of fathers and their children, were showed. These videos had good and tough moments lived by families. Also, they had the objective to stimulate a reflexive process on the father about the situations interpreted by the subjects. The organization, analysis and interpretation of data were done having basis on a theoretical structure created from the Bronfenbrenner's bioecological theory and from the objectives of this study. As technique, the discursive textual analysis was used. The results point out that personal characteristics such as aggressiveness, impulsivity, difficulty of determination and low self-esteem are associated to the difficulty that fathers have to perform their parental role and functions. In addition, they show that the father realizes himself as negligent, distant or absent of their children's lives; it considers that the rebellious behavior of children is the trigger to violence between them, although relatives recognize them as the negligent, aggressive father, who is responsible for their children rebellious behaviors. From these results, strategies were elaborated to the nursing practice, which include nurses' awareness when working with fathers that manifest aggressiveness with their

children; be close, as a nurse, to fathers and their families; identification of major necessities of the aggressive father; identification of personal and contextual resources of fathers with aggressive behavior. It is possible to conclude that building a sensitive relationship between fathers and children within the context of interfamily violence is very hard and demands integrative work invested by nurses and other professionals, having as reference the fact that the aggressive behavior of a person does not determine his identity. Thus, it is important to globally rescue the experiences of the father and not only the ones concerning his aggressiveness.

Keywords: Paternity; Domestic violence; Father-child relations; Nursing; Family.

RESUMEN

BUENO, Maria Emília Nunes. **El proceso de reconstrucción de la paternidad en el contexto de violencia intrafamiliar contra niños y adolescentes.** 2016. 115h. Tesis (Doctorado en Enfermería) – Programa de Pos-graduación en Enfermería, Universidad Federal de Rio Grande - FURG.

La relación entre padre(s) e hijo(s) envuelve comunicación efectiva, sustentada en vínculos afectivos con características propias, de acuerdo con la etapa del ciclo de vida que se encuentran, tanto los padres cuanto los hijos. A través de esta relación son transmitidos los sentimientos de seguridad y confianza al hijo, desde temprano, así como valores, saberes y los límites necesarios para que, más tarde, cuando adolescente o adultos, puedan vivir en sociedad. Sin embargo, las familias que conviven con situaciones adversas como violencia entre sus miembros, los padres no consiguen mantener este tipo de relacionamiento con sus hijos. Muchas veces, él manifiesta menor control emocional, utiliza prácticas agresivas y se muestra menos hábil en la regulación del comportamiento de los niños, lo que acaba interfiriendo de forma negativa en la relación entre padre/hijo. El objetivo general de este estudio es profundar la comprensión acerca del proceso de (re)construcción de la paternidad en el contexto de la violencia intrafamiliar contra niños y adolescentes. Específicamente, los objetivos son: 1) identificar las características personales u contextuales del padre con histórico de comportamiento agresivo contra su(s) hijo(s), que contribuye para la violencia intrafamiliar contra niños y adolescentes; 2) describir la percepción del padre sobre su comportamiento cuando se relacionando con sus hijos; 3) elaborar estrategias para el cuidado de enfermería con padres que presentan comportamiento agresivo con sus hijos. Se trata de un estudio de casos múltiples desarrollado con una muestra de siete hombres entre 27 y 45 años, residentes en Rio grande/RS, que presentaran histórico de violencia contra hijos, incluyendo violencia física, psicológica o negligencia. Los datos fueron recolectados por medio de entrevistas en profundidad realizadas a partir de 2 a 10 encuentros con cada participante, con duración total de 56 horas, en el periodo entre julio de 2014 hasta marzo 2015, totalizando 56 horas de grabación, las cuales fueron conducidas por un guion de tres partes. La primera estaba centrada en datos para caracterización del participante incluyendo edad, número de hijos, estado civil, escolaridad, ocupación, renta y constitución familiar. La segunda estaba enfocada para la investigación de los procesos vivenciados por lo padre en el contexto familiar, con vecinos, amigos y en el trabajo. En la tercera parte fueron utilizados videos montados con fragmentos de cenas extraídas de películas, que muestran a relación cotidiana entre el padre y sus hijos. Estos videos con cenas de momentos buenos y difíciles vivenciados en familia tienen la finalidad de estimular un proceso reflexivo del padre sobre las situaciones interpretadas por los personajes. La organización, el análisis e interpretación de datos fueron realizados teniendo por base una estructura teórica construida a partir de la teoría bioecológica de Bronfenbrenner y de los objetivos de este estudio. Como técnica fue utilizado el análisis textual discursivo. Los resultados de estudio apuntan que características personales como agresividad, impulsividad, dificultad de determinación y baja autoestima están asociadas con la dificultad de los padres para desempeñar sus papeles y funciones parentales. Apuntan también que el padre percibiese como negligente, distante o ausente de la vida de los hijos; considera que el comportamiento rebelde de los hijos es desencadenador de la violencia entre ellos; sin embargo los familiares lo perciben como padre negligente, agresivo y

responsable por lo comportamiento rebelde de los hijos. A partir de estos datos fueron elaboradas estrategias para la práctica en enfermería, las cuales incluyen la concientización del enfermero en el trabajo con padres que manifiestan comportamiento agresivo con los hijos; aproximación del enfermero con los padres y su familia; identificación de necesidades prioritarias de padres con comportamiento agresivo; identificación de los recursos personales y contextuales de padres con comportamiento agresivo. Se concluye que la construcción de una relación sensible entre padre e hijo en el contexto de violencia intrafamiliar es un emprendimiento que demanda trabajo integrado entre enfermeros y otros profesionales, teniendo como referencia el hecho que el comportamiento agresivo de una persona no determina su identidad. Así siendo, es importante rescatar de forma global las experiencias del padre y no solamente aquellas que lo definen como agresivo.

Palabras-clave: Paternidad; Violencia doméstica; Relaciones padre-hijo; Enfermería; Familia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Síntese da estrutura teórica – Teoria Bioecológica Urie Bronfrenbrenner .	41
Figura 2: Esquema Artigo 1	51
Figura 3: Esquema Artigo 2.....	52
Figura 4: Esquema Artigo 3.....	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Caracterização dos sujeitos participantes da pesquisa.....	46
Tabela 2: Estratégias de cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s).....	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 OBJETIVOS.....	17
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	18
3.1 O <i>retrato</i> do pai agressor na família.....	18
3.2 Políticas e Programas de intervenção dirigidas ao pai	22
3.3 A relação sensível entre pai e filho(s) como referência para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes	26
3.4 A enfermagem no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: um foco no pai agressor.	32
4 REFERENCIAL TEÓRICO	36
5 METODOLOGIA	42
5.1 Tipo de estudo	42
5.2 Local do Estudo	43
5.3 Participantes do Estudo.....	43
5.4 Procedimentos de análise dos dados	47
5.5 Aspectos Éticos	49
6 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	51
6.1 Artigo 1: Características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s): um estudo de caso.....	54
6.2 Artigo 2: A percepção do pai sobre as interações que vivencia com seus filhos	68
6.3 Artigo 3:A enfermagem frente ao pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s).....	81
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	99
APÊNDICES	109
ANEXO	114

1 INTRODUÇÃO

A relação entre o pai e seu filho é influenciada fortemente pela capacidade do primeiro perceber corretamente as mensagens emitidas pelo filho e responder de maneira apropriada a esses sinais, dentro de um tempo em que a mensagem e a resposta possam ser associadas (DE WOLF; VAN IJZENDOORN, 1997). Trata-se de um tipo de relação que envolve comunicação efetiva, sustentada em vínculos afetivos e que assume características próprias, de acordo com a etapa do ciclo vital em que ambos se encontram. Por meio desta relação são transmitidos os sentimentos de segurança e confiança ao filho desde tenra idade, assim como os valores, os saberes e os limites necessários para que mais tarde a criança, o adolescente e o adulto que vão se tornar possam viver em sociedade.

Na literatura este tipo de relação recebe diferentes denominações. Dentre essas, relação parental, vínculo afetivo e sensibilidade parental, sendo esta última a mais frequente (DE WOLF; VAN IJZENDOORN, 1997; DE ANTONI; BARONE; KOLLER, 2007). Neste estudo utilizamos genericamente o termo relação sensível para designar a capacidade do pai reconhecer as necessidades do filho, expressas através de diferentes linguagens.

Na literatura constata-se que a maioria dos estudos produzidos sobre relação entre pais e filhos, tem como foco a mãe e o filho (SOLIS-PONTON, 2004; VITE SIERRA et al., 2010; FROTA et al, 2011; LEERKES, 2011). A relação entre pai e filho não recebe a mesma atenção dos pesquisadores. Possivelmente esta tendência deve-se ao fato da mãe estar mais próxima da criança, principalmente nos primeiros meses de vida, favorecendo o desenvolvimento de um vínculo afetivo e tornando-a mais perceptiva em relação às necessidades de seu(s) filho(s), enquanto o pai se ocupa majoritariamente de prover financeiramente a família (SOUZA; BENETTI, 2009; BORSA; NUNES, 2011).

Entre os estudos realizados com o pai, o foco prioritário está centrado nas dificuldades deste para prover a criança em termos de cuidado e conforto e a

necessidade de orientação sobre o desenvolvimento infantil (CIA, 2006; CIA, 2010). Poucos estudos realizam uma análise das competências parentais para efeitos de intervenção (BARROSO; MACHADO, 2010; CIA; BARHAM, 2013).

Na área da enfermagem observa-se a mesma situação. Uma revisão da literatura utilizando as publicações acessadas nas bases de dados Cinahal, Scielo, Lilacs e Pubmed, no período de 2005 a 2013, evidenciou a existência de uma lacuna no conhecimento acerca da relação entre pai e filhos. Dentre os estudos existentes, o maior número está voltado para compreender as experiências de ser pai de crianças que se encontram internadas em unidades de terapias intensivas ou clínicas infantis (TRONCHIN; TSUNECHIRO, 2006; CARDOSO; SOUTO; OLIVEIRA; 2006, CARVALHO et al., 2006). Outros estudos investigam o significado e o papel do pai na sociedade contemporânea, concluindo que o pai reproduz o papel tradicional de provedor, mas também se reconstrói na dimensão afetiva (FREITAS et al., 2009; FIGUEIREDO; MARQUES, 2011; ZAMPIERI et al., 2012).

No campo específico da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, também predominam os estudos com foco na relação mãe e filho, enquanto o pai permanece “ignorado” apesar dos índices que o apontam como o principal agressor em situações de violência física, sexual e psicológica, em diversos países (MORAN et al., 2008; VITE SIERRA, 2010; BEHRENSA; PARKERA; HALTIGAN, 2011; LEERKES, 2011; LINDHIEM; BERNARD; DOZIER, 2011; WAISELFISZ, 2012).

Em famílias canadenses em que os filhos residem com o pai e a mãe, o pai é apontado como o responsável por 71% dos abusos físicos e 69% das violências psicológicas (CROOKS et al., 2006). Nos Estados Unidos, do total de casos de violência notificados ao Serviço de Proteção à Criança, no período de 2009 a 2011, 84% ocorreram no contexto intrafamiliar, tendo o pai como principal agressor (BRANDON et al., 2012). De acordo com o quarto estudo de incidência sobre abuso e negligência de Washington, o pai biológico é responsável por 48% dos abusos físicos e 80% dos abusos sexuais praticados contra crianças e adolescentes (SEDLAK et al., 2010).

Um estudo realizado com famílias chinesas em Hong Kong que buscou verificar a recorrência da violência intrafamiliar, constatou que o pai foi o principal responsável pelas agressões físicas, psicológicas e negligência contra seus filhos (CHAN, 2011). Em Washington, de acordo com o *Department of Health and Human Services* (2011), 81,2% das vítimas sofreram violência causada pelo pai juntamente

com outra pessoa, como a mãe ou outro parente. Na Suécia, dentre os casos de violência intrafamiliar notificados no departamento de polícia, o pai se sobressai como principal agressor, responsável pela violência física contra crianças (Annerbäck, 2012).

No Brasil, conforme registros dos serviços de notificação do Sistema Único de Saúde-SUS, no ano de 2011, o pai foi responsável por 23,5% dos atendimentos a vítimas de violência menores de um ano nos serviços sociais e de saúde. Esse fato é preponderante no primeiro ano de vida, e vai diminuindo com o crescimento da criança. Na faixa etária entre 15 e 19 anos só acontece em 15,8% dos casos (WAISELFISZ, 2012).

Esses dados evidenciam a necessidade do pai constituir-se como objeto de estudo e intervenção, uma vez que alguns autores apontam como características que influenciam o comportamento agressivo, serem menos responsivos às necessidades dos filhos; interagirem pouco com eles; mostrarem-se intolerantes e inclinados a usar a punição física; além de terem pouco conhecimento sobre o desenvolvimento da criança (CROOKS et al., 2006; SCOTT; LISHAK, 2012; CICCHETTI; ROGOSCH; SHEREE, 2006). Alguns autores associam estas características ao fato desses homens conhecerem pouco as necessidades físicas e emocionais dos filhos, o que acarreta em dificuldade para compreender o comportamento das crianças e, conseqüentemente para se relacionar com elas (CROOKS et al., 2006; SCOTT; LISHAK, 2012).

O desconhecimento do pai principalmente em relação às necessidades da criança e adolescentes repercute negativamente na família, podendo comprometer o comportamento social e emocional dos filhos, bem como o desenvolvimento cognitivo dos mesmos, com conseqüente redução do desempenho escolar, e de forma mais ampla, da autoestima dos membros da família (TOPITZES; MERSKY; DEZEN; REYNOLDS, 2013). Repercute, também, dificultando a manutenção dos vínculos afetivos, além de gerar insegurança e isolamento social (GODINHO; RAMIRES, 2011). Lacharrité et al. (2006) referem que o desconhecimento das necessidades dos filhos pode levar o pai a utilizar a violência física como forma de educação, demonstrando sua dificuldade para educar os filhos.

Esta concepção equivocada de educação dos filhos geralmente tem sua origem na história pessoal, na cultura e nas normas vigentes no meio social onde o pai vive. São práticas agressivas que podem resultar de uma diferença significativa

entre o que o pai considera como correto para educar seu filho e o que a sociedade preconiza como apropriado (LACHARRITÉ et al., 2006). Esse descompasso leva o pai a conduzir as situações de indisciplina dos filhos de forma inadequada, ou seja, utilizando-se de violência física ou psicológica na educação das crianças e adolescentes.

Da mesma forma, um conjunto de características pessoais do agressor também pode estar associado a violência intrafamiliar. Dentre essas, a baixa auto-estima, depressão, ansiedade e comportamento anti-social do pai (GOLDMAN et al., 2003). Essas características contribuem para que os pais se tornem propensos a negligenciar as necessidades de seus filhos, a não se responsabilizarem com o provimento financeiro dos mesmos, podendo colocar em risco a saúde e a segurança de toda a família. Além disso, podem influenciar direcionando para a escolha de uma disciplina rígida e agressiva (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009).

Outras situações que também podem contribuir para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, são conflitos conjugais, violência doméstica, pobreza, desemprego, dificuldade financeira e exclusão social (TOPITZES; MERSKY, 2013). Embora essas situações isoladamente não possam ser responsabilizadas pela violência, elas freqüentemente influenciam de forma negativa o funcionamento familiar, podendo exacerbar certas características como a hostilidade, ansiedade ou depressão, o que também agrava o nível de conflito familiar (GOLDMAN et al., 2003). Estudo de coorte realizado nos Estados Unidos com 2032 famílias com crianças de 9 anos de idade mostrou forte associação entre a dificuldade financeira e o aumento da violência infantil (BROOKS-GUNN; SCHNEIDER; WALDFOGEL, 2013).

Ainda, nesta linha de raciocínio, Gracia e Musito (2003) afirmam que pais que maltratam seus filhos podem experimentar um maior isolamento e menos apoio social, devido ao comportamento agressivo que manifestam. O isolamento social pode contribuir para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, na medida em que fragiliza os vínculos sociais e dificulta o acesso a recursos da rede social. Esses pais, geralmente têm menos contato com sua família de origem e, por consequência, recebem pouca ajuda de seus familiares (GOLDMAN et al., 2003).

Em síntese, os fatores que incidem sobre o comportamento dos pais, justificam a necessidade dos enfermeiros voltarem a atenção para o pai na tentativa

de reduzir o número de casos de agressões, abusos e negligência sofridos pelas crianças. Neste sentido, os programas de intervenção direcionados ao desenvolvimento de uma relação sensível com o(s) filho(s) seria uma possibilidade para a realização de um trabalho focado nestes pais.

Este tipo de trabalho vem sendo desenvolvido na Europa, no Canadá e nos Estados Unidos com resultados positivos, que favorecem a mudança do comportamento desses homens. Rothman, Mandel e Silverman (2007) realizaram estudo com 384 pais em programas de intervenção para agressores no Canadá e Estados Unidos, apontando que 73% deles reconheceram que suas ações violentas afetavam negativamente o desenvolvimento de seus filhos. Uma meta-análise realizada por Lundahl (2008) também apontou que a inclusão do pai em programas de intervenção e prevenção de violência contra crianças e adolescentes, promoveu mudanças significativas nas práticas parentais desses homens. Essas mudanças de comportamento favorecem a construção de uma relação sensível entre pai e filhos.

Scott e Lishak (2012) analisaram a eficácia de um programa de intervenção para homens com histórico de violência contra os filhos. Este programa concentrou-se em ajudar esses pais a utilizarem estratégias menos violentas na relação com os filhos, a reconhecerem suas atitudes como prejudiciais ao desenvolvimento dos mesmos e para sua própria identidade e competência parental. A intervenção levou a mudanças consideráveis no relacionamento entre eles, havendo uma diminuição do stress paterno e uma melhora no bem-estar emocional da família como um todo.

No Brasil, a experiência e a valorização deste tipo de intervenção dirigida aos pais agressores ainda é muito recente e escassa. O Sistema Único de Saúde (SUS) brasileiro apresenta diretrizes que orientam propostas para o desenvolvimento de um trabalho com famílias em situações de violência mais especificamente a partir do Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 2005) e da Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem - PNAISH (BRASIL, 2008), valorizando a promoção e educação em saúde e qualidade de vida.

Um dos possíveis motivos para a escassez de intervenções voltadas a estes homens seria o fato deles apresentarem maior resistência para reconhecer a necessidade de ajuda profissional (CIA, 2013). Em São Paulo, um estudo de intervenção com 55 famílias com o objetivo de fortalecer os laços afetivos e favorecer transformações positivas nas relações familiares, constatou que a adesão do pai ao acompanhamento foi de 58% enquanto que a da mãe foi de 100%, o que

confirma a maior dificuldade dos homens para aderir este tipo de trabalho (BRITO et al., 2005).

Existem projetos na área social como o “Instituto Paternidade Responsável”, o qual é desenvolvido pelo Estado de Santa Catarina/SC voltado para a busca do reconhecimento da paternidade. Também existem programas direcionados à violência como o Centro Latino-Americano de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES), que é um centro de pesquisa, ensino e assessoria, criado em 1989 pela ENSP/FIOCRUZ com o objetivo de investigar o impacto da violência sobre a saúde da população brasileira e latino-americana (CLAVES; UNICEF, 2004). Entretanto, são programas que não integram a paternidade e a violência, tornando-se notória a ausência de programas direcionados especificamente ao pai agressor.

A participação dos homens em um programa de intervenção é algo fundamental, considerando que várias pesquisas apontam que estes programas repercutiram de forma positiva para a mudança de comportamento dos pais, o que proporcionou a melhoria na qualidade das relações pai/filho, assim como nos demais membros da família (SCOTT; LISHAK, 2012; ROTHMAN; MANDEL; SILVERMAN, 2007). Além disso, pode diminuir os riscos de agravos para a saúde de milhares de crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar, contribuindo para o estabelecimento de um ambiente incentivador e seguro para o desenvolvimento infantil.

Estes programas podem contribuir também para a participação desses pais nos serviços de saúde, favorecendo a inclusão dos mesmos como parte integrante da assistência, possibilitando a identificação das possíveis redes sociais de apoio e permitindo o estabelecimento de uma prática interdisciplinar comprometida com esses atendimentos. Este compromisso requer o entendimento de que o problema da violência não possui origens apenas no plano individual, familiar, mas que faz parte de um contexto social mais amplo, profundamente injusto, desigual e que se interliga com as relações interpessoais entre pais e filhos.

O enfermeiro que trabalha com o pai agressor precisa levar em consideração que a agressão é desencadeada por diferentes fatores e que, em sua maioria, ela não determina a identidade de uma pessoa. O rótulo de “agressor” estigmatiza levando a uma identidade deteriorada. Por essa razão é preciso considerar que estes homens também são pessoas que vivem em sociedade, trabalham e podem manter relações afetivas com seus filhos. São pessoas capazes de rever seus

comportamentos e assumir um processo de mudança, para o qual necessitam de apoio.

O estímulo à mudança de comportamento do pai com histórico de agressão pode ser efetivo na medida em que pode modificar a percepção desse homem em relação às necessidades das crianças e, também, para que ele perceba a importância de seu papel no desenvolvimento de seu(s) filho(s). Estudo realizado na Austrália sobre a autopercepção da paternidade mostrou que os pais que recebiam apoio para o desenvolvimento de suas funções e que passavam maior tempo com seus filhos, possuíam uma relação mais sensível e eram mais propensos a perceberem a si mesmos como melhores pais (BAXTER; SMART, 2010).

Uma intervenção centrada na construção de uma relação sensível entre pais agressores e seu(s) filho(s), possibilita criar maior segurança para a criança no ambiente familiar e auxilia o pai a estabelecer novos limites emocionais, que o ajudará a controlar suas reações agressivas (LINDHIEM; BERNARD; DOZIER, 2011). Para isso é fundamental criar condições que favoreçam o desenvolvimento de sentimentos de confiança e motivação nestes homens, a fim de que eles consigam ser autocríticos em relação às suas atitudes, e assim possam desencadear um processo de mudanças em seu comportamento. Nesse sentido, é importante que os pais avaliem suas interações com outras pessoas, em outros ambientes que estejam relacionados com a sua vida e a de seu(s) filho(s), como a escola e os serviços de saúde, entre outros. Isso pode auxiliar no reconhecimento de que seu comportamento agressivo pode influenciar de forma negativa na vida dos mesmos (SCOTT; LISHAK, 2012).

No processo de intervenção, é preciso considerar também que as agressões do pai contra seu(s) filho(s) podem estar fundamentadas em um contexto histórico e social, sustentado em relações de poder estabelecidas pelo homem no ambiente familiar. Apesar disso, é necessário priorizar estratégias de intervenção efetivas, levando em consideração o universo cultural do homem, tomando como referência suas concepções e práticas, com espaços de reflexão e apresentando possibilidades de construir uma relação sensível entre a díade pai/filho(s).

A proposta de um trabalho de intervenção com pais agressores é uma tarefa emergente para o enfermeiro. Mesmo que a violência intrafamiliar seja um campo de trabalho amplo para este profissional, sua atuação nessa área ainda é pouco expressiva. Estudos direcionados à violência intrafamiliar, realizados com

profissionais da saúde constataram que os enfermeiros encontram dificuldade para detectar precocemente situações de violência. Também se sentem impotentes para atuar efetivamente seja na identificação dos casos, na notificação ou no cuidado e prevenção da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes (ALGERI et al, 2007; LIMA; FARIAS, 2008).

Uma forma de superar estas dificuldades seria por meio de um acompanhamento sistemático dessas famílias. O enfermeiro pode ser capaz de criar um vínculo com as mesmas que o possibilitará desenvolver um trabalho de orientações e cuidado articulados à realidade de cada família, direcionado às suas necessidades e potencialidades, estimulando uma relação sensível entre pai e filhos e interrompendo ou prevenindo o ciclo de violência.

De acordo com Nunes et al. (2008), os profissionais de saúde ainda encontram dificuldade para compreender a violência a partir do ponto de vista dos sujeitos envolvidos e de reconhecê-la como consequência da complexidade do relacionamento entre vítima e agressor. Desta forma, uma possibilidade para que o enfermeiro e sua equipe consigam atuar de forma efetiva nestas situações é considerar o agressor como um sujeito com potencial para mudar seu comportamento na relação com seu(s) filho(s).

Neste sentido é fundamental que o enfermeiro conheça e considere a cultura do pai, sua história de vida, suas experiências e expectativas sobre a paternidade de forma global e não somente sob o espectro de pai agressivo com o(s) filho(s) (ALGERI; SOUZA, 2006). Esta forma de perceber o pai envolve refletir sobre a sua experiência de ser pai, resgatar questões que o levem a perceber o impacto de seu comportamento para o(s) filho(s) e para o convívio familiar, sem julgamentos de natureza culpabilistas.

Desta forma, esse estudo tem como propósito aprofundar a compreensão acerca da relação entre o pai agressor e seu(s) filho(s), com vistas a produzir conhecimento para embasar o trabalho de enfermagem com famílias que convivem com a violência entre seus membros. Esta é, com certeza, uma tarefa complexa e desafiadora, particularmente por se tratar do pai agressor, o qual é estigmatizado na sociedade, geralmente considerado incapaz de cumprir com seus papéis e tarefas parentais e, ao mesmo tempo, descrente de sua capacidade de mudar o comportamento.

Esse desafio instiga a realização desse estudo por entender que é abrindo novos espaços para a conscientização da importância de uma relação sensível entre pai e filho(s), que se pode romper ou amenizar o ciclo da violência intrafamiliar e assim contribuir para o processo de reconstrução da paternidade.

Com base nas considerações apresentadas, este estudo defende a seguinte tese:

Resgatar de forma global as experiências de pai e não apenas aquelas que o definem como agressivo, possibilita elaborar estratégias particularizadas para o trabalho de enfermagem voltado à reconstrução de uma relação sensível entre o pai e seu(s) filho(s).

A partir desta tese, as questões de pesquisa que norteiam o desenvolvimento deste estudo são:

- Como o pai com histórico de agressão contra o(s) filho(s) percebe as interações que vivencia com o(s) mesmo(s)?
- A partir da percepção do pai, quais as experiências que se desenrolam em seu cotidiano de vida que influenciam na relação com o(s) filho(s)?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender o processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

2.2 Objetivos específicos

- 1.** Identificar as características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s), que contribuem para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes;
- 2.** Descrever a percepção do pai sobre seu comportamento na interação com seu(s) filho(s);
- 3.** Elaborar estratégias para o cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que apresentam comportamento agressivo com o(s) filho(s).

3 REVISÃO DE LITERATURA

Este capítulo está estruturado em quatro partes. A primeira aporta um retrato do pai agressor; a segunda trata das Políticas e Programas de intervenção com esse pai; a terceira traz uma revisão sobre as características de uma relação sensível entre pai e filho(s) e a quarta aborda o trabalho da enfermagem no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, com ênfase no pai agressor. A elaboração de cada uma destas partes foi orientada pela busca de resposta, em um primeiro momento, sobre: quem é o homem que agride o(s) filho(s)? Esta questão foi respondida utilizando a literatura específica que permitiu visualizar este sujeito nas relações que estabelece no interior de sua família, com a companheira, com o(s) filho(s) e nos demais contextos nos quais ele está inserido. Em seguida, procurou-se identificar qual o espaço que o pai ocupa nas políticas públicas e programas de intervenção, priorizando a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e a atenção dos profissionais para este fenômeno. A terceira parte resgata na literatura o desenvolvimento de uma relação sensível entre pai e filho(s), visando utilizá-la como referência para o enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes quando o pai se constitui como agressor. Por fim, aborda-se a atuação do enfermeiro frente às situações de violência familiar, considerando o pai agressor como o alvo da atenção.

3.1 O retrato do pai agressor na família

O homem tem sido apontado como um dos principais autores da violência intrafamiliar contra os filhos no mundo todo (SILVA; VIEIRA, 2001; CROOKS et al., 2006; MARTINS; JORGE, 2009; SEDLAK et al., 2010; BRANDON et al, 2012). Um estudo realizado com famílias chinesas em Hong Kong que buscou verificar a recorrência da violência intrafamiliar, constatou que o pai foi o principal responsável pelas agressões físicas, psicológicas e negligência contra seus filhos (CHAN, 2011). Em Washington, de acordo com o *Department of Health and Human Services* (2011), 81,2% das vítimas sofreram violência causada pelo pai juntamente com a

mãe ou outro parente. Na Suécia, dentre os casos de violência intrafamiliar notificados no departamento de polícia, o pai se sobressai como principal agressor, responsável pela violência física contra crianças (Annerbäck, 2011).

No Brasil, de acordo com os atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde – SUS, no ano de 2011, o pai foi o responsável por 23,5% das agressões físicas contra os filhos menores de um ano de idade e 19,5% das agressões sexuais na faixa etária entre 1 a 4 anos de idade (WAISELFISZ, 2012). No Estado de São Paulo, estudo que examinou as agressões físicas ocorridas no ambiente familiar no período de 2001 a 2005, constatou que o pai se destacou como o principal agressor, seguido pela mãe, sugerindo que a violência física é mais frequentemente utilizada pelo pai, do que pela mãe para a resolução de conflitos na relação com os filhos (DOSSI et al., 2008). No Paraná, outro estudo sobre o perfil de casos notificados de violência física contra menores de 15 anos constatou que em 48,8% dos casos de violência o pai foi o agressor principal (MARTINS; JORGE, 2009). Em Fortaleza/CE, em um estudo realizado com crianças e adolescentes que sofreram violência dos pais ou outros familiares também constatou que o pai biológico foi o principal agressor (SILVA; VIEIRA, 2001).

Com o propósito de dar maior visibilidade a este problema e estimular novas formas de enfrentamento da violência praticada contra crianças e adolescentes, é relevante conhecer o pai agressor e como ele estabelece suas interações na família e nos demais contextos onde está inserido. Geralmente estas relações são permeadas pelo abuso de poder e controle do pai em relação aos filhos, através de práticas coercitivas destinadas a impor medo, dependência, vergonha e impotência à vítima. Muitas vezes, este homem costuma ser impulsivo com suas ações, não conseguindo agir de forma planejada ou sistemática, o que pode diminuir o nível de tolerância com a criança, o diálogo na resolução dos problemas e elevar o nível de estresse nas relações parentais (ROSENBERG; WILCOX, 2006; GARBIN et al., 2011).

O comportamento violento do pai, muitas vezes, é influenciado por experiências de violência na infância praticada pelos próprios pais ou outras pessoas (DIXON et al., 2009; BERLIN et al., 2011). Estudo que investigou os fatores de risco para o envolvimento com a violência entre uma população adolescente, constatou que grande parte dos adultos que praticam atos de violência foi exposta a violência intrafamiliar na infância (THORNBERRY et al., 2013). Nestas

situações, de acordo com Gomes et al. (2002), os pais agressores reproduzem o modelo de educação que receberam durante a infância. Assim os homens que sofreram agressões ou negligência por parte de seus pais, costumam utilizar-se deste mesmo tipo de violência como maneira de educar os filhos.

Outro estudo que examinou o envolvimento do pai em agressões físicas contra seus filhos no Brasil relatou que em mais da metade dos casos (56,4%), ele alegou estar educando ou corrigindo o comportamento da criança (WEBER et al., 2002). Pascolat et al. (2001) realizou um estudo com 225 crianças vítimas de agressão física e também constatou que o principal motivo das agressões foi impor limites aos filhos. De acordo com De Antoni et al. (2007), os pais enfrentam um desafio constante em relação a disciplina dos filhos. Este mesmo autor realizou uma pesquisa com 20 famílias de baixo nível socioeconômico e constatou que em 40% dessas, as interações entre pais e filhos são marcadas por atos violentos.

Este tipo de relação torna menos efetivo o papel do pai na educação dos filhos, além de ser contestada pela sociedade contemporânea e passível de intervenção jurídica (BRASIL, 2005). Para Ribeiro et al. (2004) são os acontecimentos da rotina diária das relações parentais, os principais responsáveis pelos casos de agressões contra crianças e adolescentes. O mesmo autor complementa que o sentimento de posse do homem em relação à mulher e aos filhos contribui para a generalização da violência intrafamiliar.

Em contrapartida, a violência intrafamiliar também tem sido percebida como resultado de algumas características individuais do agressor que, se presentes, podem influenciar na sua ocorrência ou recorrência. Dentre essas, são citadas a idade, o estado civil; hábitos de vida como o abuso de álcool e drogas ilícitas; a inserção social da família envolvendo baixa renda, pouca escolaridade e desemprego (REICHENHEIM; DIAS; MORAES, 2006).

Estudo que avaliou a recorrência da violência intrafamiliar na infância com famílias chinesas em Hong Kong constatou que a maioria (79,8 %) dos pais (pai e mãe) agressores estava na faixa etária entre 40 e 54 anos; mais da metade dos homens possuíam nível fundamental incompleto; e mais de 90% dos pais eram casados (CHAN 2011). Nos Estados Unidos, a faixa etária de 84,6% dos pais agressores variou entre os 20 a 49 anos (NATIONAL CHILD ABUSE AND NEGLECT DATA SYSTEM, 2011). Martins e Jorge (2009) ao traçarem o perfil do

agressor, constataram que grande parte deles (72,6%) era do sexo masculino e 38,8% apresentavam idades entre 30 a 40 anos.

Na literatura é possível identificar que a dependência química e o alcoolismo estão relacionados com a violência contra crianças e adolescentes (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009; ANNERBÄCK et al., 2012; GARBARINO, 2013). Berger (2005), ao pesquisar as características das famílias que convivem com a violência contra crianças e adolescentes, constatou que a maioria dos pais fazia uso de álcool. As mesmas constatações foram confirmadas por Martins e Jorge (2009) que ao traçarem o perfil do agressor verificaram que a maioria (64%) fazia uso abusivo de álcool e outras drogas. Estudo que buscou explicitar a realidade vivida por algumas famílias que convivem com a violência intrafamiliar na cidade de Pelotas/RS, constatou que quase metade (45,7%) dos agressores havia utilizado álcool, outras drogas ou ambos (BES et al., 2013). Constata-se, portanto, uma forte associação entre a violência intrafamiliar e o uso do álcool, principalmente porque é uma droga aceita socialmente e muito utilizada entre os homens.

Por outro lado, as famílias que convivem com a violência, na maioria das vezes, enfrentam problemas como o desemprego, salários baixos, condições inadequadas de moradia, de saúde e baixa escolaridade, favorecendo a desestruturação familiar (NUNES; SARTIS; OHARA, 2008). Estudo que buscou caracterizar as famílias envolvidas em situação de violência encontrou que a maioria dos pais possui baixa escolaridade, baixa renda familiar e residem em bairros mais pobres e distantes do local de atendimento de saúde. Constatou também que um quarto dessas famílias vivia em condições de extrema pobreza (PIERANTONI; CABRAL, 2009).

Pesquisa realizada com 2760 famílias nos Estados Unidos encontrou forte associação entre a baixa renda dos pais e a violência intrafamiliar (BERGER, 2005). Na Holanda, estudo que avaliou a prevalência da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes também constatou que famílias que enfrentam este problema, possuíam baixa renda e baixa escolaridade, assim como desemprego (EUSER et al., 2013). Carmo e Harada (2006) também encontraram uma associação significativa entre o uso da violência física como prática disciplinadora e o desemprego. A persistência de condições sociais precárias nas famílias contemporâneas é contrária ao ideal de igualdade do ser humano, levando-os a perderem a noção de dignidade, de autoestima e de identidade própria, tornando-se

mais propensos a agredir seus filhos, pois perdem a capacidade de agregar valores capazes de inibir a violência.

A violência conjugal também está associada com a relação parental conflituosa, pois se cria um ambiente de alto risco as agressões contra a criança, sejam elas intencionais ou não (HAJ-YAHIA, 2001; WEBER et al., 2002; MOURA; REICHENHEIM, 2005). Desta forma, o relacionamento conjugal vem sendo apontado como um fator importante para a qualidade das relações parentais. A maneira como é conduzida a relação entre os cônjuges influencia na forma de educação dos filhos e na qualidade das relações entre os genitores e suas crianças (BRAZ; DESSEN; SILVA, 2005)

No contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes praticada pelo pai, foi possível identificar que este homem é jovem, predominantemente na faixa etária dos 20 aos 40 anos, com um baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade e muitos são desempregados, sugerindo que maior dificuldade financeira e conflitos familiares favorecem a manifestação do comportamento agressivo. Muitos fazem uso de álcool e outras drogas e consideram que a violência pode ser utilizada como uma estratégia educativa eficaz para os filhos, auxiliando a garantir a autoridade parental. Neste sentido, a violência é entendida pelos pais como uma estratégia para a resolução de problemas.

Uma possível explicação para o fato de os homens serem os principais agressores nas últimas décadas é a mudança no papel da paternidade na sociedade contemporânea. O homem está deixando de ser apenas autoridade e provedor financeiro, para se envolver mais nos cuidados com os filhos. Em muitas famílias, é o homem quem assume o cuidado dos filhos enquanto a mulher responde pelo sustento da família (PIMENTEL; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2009). Isso significa que o pai convive mais tempo com a criança, aumentando a possibilidade de violência, pois quanto mais prolongado é o convívio com as pessoas que provocam o ato violento, maior é a probabilidade de a criança se expor à agressão.

3.2 Políticas e Programas de intervenção dirigidas ao pai

A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem – PNAISH dá enfoque à violência sob uma visão sistêmica, considerando os fatores que induzem o homem às práticas agressivas. Em sua essência, a PNAISH determina que a

intervenção deve estar direcionada para as causas que levam o homem a agredir os filhos e não unicamente sobre o ato em si (BRASIL, 2008).

Com essa proposição, a PNAISH prioriza e fortalece a integralidade da atenção a saúde, voltada para a promoção e prevenção de agravos evitáveis, como a violência intrafamiliar. Preconiza também que o processo de construção do homem seja visto como uma constante transformação, resguardando as diferenças e necessidades do mesmo sem discriminação.

Mesmo com esse enfoque, pouca atenção tem sido dada para ajudar os pais agressivos a mudarem suas atitudes. Exige-se que eles demonstrem mudanças positivas no seu comportamento parental como condição de obter maior envolvimento com seus filhos, no entanto, não se fornece serviços adequados para ajudar nestas mudanças. As práticas são pautadas na justiça penal em que o agressor é punido e preso (PIMENTEL, 2008). Em consequência, não existe um trabalho para a reeducação, reabilitação e reinserção social deste pai, o que pode contribuir para a reincidência da violência quando este homem retorna para o ambiente familiar.

No entanto, é importante destacar que embora o pai não seja o alvo da atenção, já existe uma preocupação por parte dos pesquisadores, em focar a família que convive com violência intrafamiliar como transformadora de sua própria realidade, priorizando a importância de seu papel na sociedade como meio favorável para as práticas de cuidados parentais (BOMFIM, 2010). Nesta questão, o ECA oferece respaldo legal afirmando o direito de todas as crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária. Prioriza também o direito de famílias carentes receberem auxílio de programas do governo para garantir que as crianças e adolescentes sejam mantidos com suas famílias. De acordo com o ECA, a colocação dos menores em famílias substitutas deve ser justificada apenas como última alternativa de atendimento (BRASIL, 2005). Essa preocupação destaca ainda mais a importância de priorizar a atenção no pai agressor, pois para que se consiga cumprir com que é estabelecido no ECA, é necessário haver o restabelecimento das relações afetivas entre pai e filhos.

Ainda diante da criação de políticas públicas permeadas por inovações, priorizando substituir medidas de cunho assistencialistas por ações sócio educativas, como a Estatuto da Criança e Adolescente-ECA, são poucas as ações voltadas para a reabilitação do comportamento do pai agressor. Alguns autores

apontam que tais ações precisam estar pautadas de forma integrada nas políticas voltadas para a saúde da família. Da mesma forma, o enfrentamento da violência necessita ser priorizado em uma ampla rede de apoio social e interinstitucional que possibilitaria conhecer melhor a magnitude do problema (MARTINS; JORGE, 2009).

Por conseguinte, direcionar a atenção a estes homens é fundamental, visto que, além de proporcionar experiência profissional superando os limites da formação, também pode propiciar uma transformação nos padrões de comportamento destes pais. (BRAGG, 2003; ALGERI; SOUZA, 2006). Assim, para que se consiga alcançar um resultado positivo no cuidado às crianças e adolescentes vítimas de violência, não basta afastar o agressor da criança ou puni-lo, isso não seria o suficiente, pois ele continuará sendo um agressor em potencial. Ensinar métodos diferentes de disciplina e conscientizar sobre as consequências dos atos de violência contra seus filhos, pode trazer resultados de mudanças no comportamento desses pais agressores (ZOTTIS et al., 2006).

Em países como Reino Unido, Canadá e Estados Unidos, existem programas destinados a pais que agredem ou apresentam o risco de agredir seus filhos. São grupos de intervenção que concentram esforços para auxiliar os homens a reconhecerem as atitudes, crenças e comportamentos que suportam as relações pai-filho saudáveis e não saudáveis e, desta forma, começam a compreender o impacto negativo de suas atitudes para o desenvolvimento dos filhos. Além disso, este trabalho desenvolvido com os pais permite a eles reconhecerem que, mesmo quando agem de forma agressiva ou abusiva, os seus filhos, na maioria das vezes, valorizam o relacionamento pai-filho e preferem mantê-lo a serem afastados do pai (SCOTT; LISHAK, 2012). Esses grupos existem desde 2002 e foram originários de uma iniciativa de profissionais da psicologia com o objetivo de auxiliar o homem no desenvolvimento de suas funções parentais, devido ao elevado índice de violência intrafamiliar praticada pelo pai (SCOTT, 2004).

Nos Estados Unidos, uma série de avaliações de programas para pais também sugerem que eles ajudam a prevenir a violência intrafamiliar à criança (MACLEOD; NELSON, 2000; OLDS; SADLER; KITZMAN, 2007; PRINZ et al., 2009) e melhorar aspectos da vida familiar como atitudes parentais, educação infantil, habilidades dos pais, o bem-estar da família assim como as relações com os parceiros (MACLEOD; NELSON, 2000; LUNDAHL; NIMER; PARSONS, 2006). No Canadá, estudo que avaliou homens que agrediam seus filhos após terem

participado de grupos de intervenção, constatou mudança no comportamento destes pais na relação com seus filhos. Foi observada uma mudança na reação desses homens diante de situações de conflitos, levando-os a se comportarem de maneira mais tolerante, demonstrando melhor compreensão sobre as necessidades das crianças (SCOTT; LISHAK, 2012). Assim se pode evidenciar resultados promissores para este tipo de abordagem em busca do enfrentamento da violência contra crianças e adolescentes.

No Brasil este tipo de trabalho ainda é pouco valorizado. Na lógica dos serviços, não são priorizados programas ou atividades voltadas para a atenção aos homens, em especial adultos jovens e em faixa reprodutiva. Nos serviços sociais de atenção à violência, tem-se como foco a vítima e a família, sendo que o agressor não é incluído, tornando-se uma figura *invisível* nesses espaços. Seguindo esta lógica de um atendimento segmentado, não se observa como pertinente que os homens sejam alvos de intervenção, o que remete para a sua desqualificação no campo das políticas públicas de saúde, fato que agrava a integralidade da atenção e contribui para a *invisibilidade* desta população (GOMES, 2011).

Estudo realizado em oito serviços de saúde em quatro estados brasileiros com o objetivo de observar a relação entre os homens e a assistência à saúde, constatou que não foram identificadas estruturas formais de reconhecimento das necessidades sociais e de saúde dos homens, não sendo direcionadas ações de intervenção para a população masculina (COUTO et al., 2010).

Desta forma, é premente que os profissionais de saúde em geral, e da enfermagem especificamente, se ocupem desses pais, incluindo-os como parte integrante de sua assistência. Para isso é fundamental que o enfermeiro busque o entendimento dos fatores associados a este comportamento, evitando assim condutas culpabilizadoras ou vitimistas (BRASIL, 2001). Silva e Vieira (2001) apontam que o caminho para o enfermeiro desenvolver este trabalho seria no ambiente familiar, onde profissional e os membros da família estabeleceriam relações de confiança e de transformação. Por ser um trabalho complexo, requer também um exercício de muita perseverança e a colaboração e integração de uma equipe multidisciplinar e da comunidade na busca de esforços para a inserção do homem nos serviços de saúde assim como na interação de suas funções parentais e relações no ambiente intrafamiliar.

Segundo Saraiva et al (2012), o enfermeiro pode desenvolver um papel de mediador dentro da família bem como nas redes sociais de apoio, motivando, trazendo reforços, validando comportamentos positivos e reconhecendo os pontos de fragilidades junto ao ambiente intrafamiliar. Desta maneira, a contribuição desse profissional é de suma importância na busca de novas políticas que apontem para uma reorganização de prioridades e procedimentos dentro dos serviços de saúde e de proteção a criança e ao adolescente, que incentive os pais, de uma forma não ameaçadora, a procurar ajuda, tornando esses serviços mais acessíveis. Estas ações podem auxiliar na criação de programas que tragam subsídios para este pai exercitar a paternidade, contribuindo para o desenvolvimento saudável da criança no ambiente familiar.

Para tentar diminuir ou evitar os casos de violência contra crianças e adolescentes, é necessário criar e fortalecer espaços de atenção aos pais que praticam atos agressores contra seu(s) filho(s), influenciando-os a reconhecer seus próprios recursos para superar o problema, estimulando sua autoestima, e assim conscientizando-os das consequências negativas de seus atos para o desenvolvimento da criança. De acordo com Pierantoni e Cabral (2009), para a interrupção da violência, é preciso que a atenção dos profissionais seja dirigida para as vítimas, o agressor e toda a família. A assistência a todos os membros da família, com foco no agressor, permite que o ambiente familiar se mantenha como fundamental para o desenvolvimento infantil.

Esta abordagem no enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é essencial para intervir no processo de violência uma vez que permite entender de forma mais global as causas e as consequências da mesma. A informação e o acompanhamento das famílias, principalmente do agressor, por uma equipe multiprofissional, são estratégias que precisam ser viabilizadas como forma de prevenir e diminuir a violência contra crianças e adolescentes.

3.3 A relação sensível entre pai e filho(s) como referência para o enfrentamento da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes

O estabelecimento de uma relação sensível entre pai e filho(s) pressupõe uma prática diária que envolve acompanhamento, diálogo e troca de opiniões e reflexões (MONTIGNY et al., 2006). Tais práticas contribuem para a compreensão

por parte dos filhos do que é valorizado no contexto familiar, assim como na tarefa do pai para orientá-los com base nos valores e normas adotados pela família. Para isso, o comportamento individual do homem na organização de uma base segura para seus filhos precisa estar fortemente relacionado com a sensibilidade, aceitabilidade, cooperação e interações diárias com as crianças (MONTEIRO et al., 2008).

No entanto, as famílias que convivem em ambientes adversos como a violência, o pai geralmente não consegue atender a todas essas demandas para manter um relacionamento sensível com seus filhos. Muitas vezes ele tem menor controle emocional, emprega, com maior frequência, práticas agressivas e menor habilidade para regular o comportamento das crianças. Tudo isso representa uma barreira para o desenvolvimento de uma relação sensível entre a díade pai/filho (BORTOLINI; ANDRETTA, 2013).

Assim, a realização de uma intervenção com pais agressores na tentativa de auxiliá-los na reconstrução do relacionamento com o(s) filho(s) pode apontar novos caminhos para o enfrentamento da violência intrafamiliar. O estímulo à mudança de comportamento do pai agressor pode ser efetiva na medida em que muda a percepção desse homem em relação as necessidades e prioridades das crianças, e também quando ele começa a perceber a importância de seu papel para o desenvolvimento de seu filho. Estudo realizado na Austrália permitiu observar que os pais que recebiam algum tipo de apoio no desempenho de suas funções paternas e passavam maior tempo com seus filhos possuíam uma relação mais sensível e eram mais propensos a perceberem a si mesmos como melhores pais (BAXTER; SMART, 2010).

Através de uma intervenção focada na reconstrução de uma relação sensível entre o pai e seu(s) filho(s) é possível criar maior segurança para a criança no ambiente familiar e auxiliar o pai a obter novos limites emocionais que o ajudará a controlar suas reações agressivas (LINDHIEM; BERNARD; DOZIER, 2011). Para isso é fundamental desenvolver sentimentos de confiança e motivação nestes homens, a fim de que eles consigam ser autocríticos em relação aos seus comportamentos. Para que se alcance resultados positivos com esses pais é importante também estimulá-los a perceberem suas interações junto a outras pessoas e ambientes que estejam relacionados com a vida de seus filhos. Isso pode

auxiliar na conscientização de que seu comportamento agressivo pode influenciar de forma negativa na vida dos mesmos (SCOTT; LISHAK, 2012).

É preciso considerar que homens agressivos apresentam uma relutância muito grande em se engajar em programas de intervenção e isso pode dificultar o trabalho dos profissionais envolvidos. Estudos que abordam este tipo de intervenção com pais agressores relatam que é muito difícil haver uma procura voluntária por parte desses homens e que eles não se sentem motivados a mudar seu comportamento. Além disso, são veementemente desconfiados de um sistema de tratamento que pode interferir na relação com seus filhos (SCOTT, 2004).

No entanto, a mesma autora coloca que os profissionais que realizam este trabalho encaram esta resistência por parte dos homens como um estágio específico de mudança que é justificado pelo fato de, muitas vezes, eles não se perceberem como agressores e, portanto, não reconhecem que necessitam mudar seu comportamento. Desta forma, é somente com o andamento do processo da intervenção que se obtém expectativas de mudanças, pois a alteração da fase da negação para a fase de motivação dos homens deve ser reconhecida como significativa, embora não suficiente, para o progresso da intervenção (SCOTT, 2004).

Assim, o estabelecimento de uma relação sensível entre pais agressores e o(s) filho(s) por meio de intervenção que proporcione apoio para o exercício de seus papéis parentais de forma a contribuir positivamente para o desenvolvimento infantil é uma tarefa difícil, mas potencialmente gratificante. Isso porque esta mudança no comportamento parental dos homens vai além de cessar ou diminuir as agressões contra seus filhos, pois auxilia também na promoção de um relacionamento saudável entre a díade.

Cabe ressaltar que o processo de construção de uma relação sensível inicia no período da gestação e é influenciado por diversos fatores incluindo, entre outros, o tempo compartilhado em família, as características pessoais dos envolvidos e a existência de uma rede social capaz de fornecer o apoio que os pais necessitam especialmente em etapas específicas como a infância e a adolescência dos filhos.

O tempo que o pai compartilha em família, principalmente com os filhos, é um aspecto importante para compreender o desenvolvimento de um relacionamento sensível dentro do contexto familiar, pois permite a ele fazer um acompanhamento progressivo das diferentes etapas do desenvolvimento da criança, auxiliando no

conhecimento das necessidades e prioridades em cada uma dessas etapas. Assim, quanto maior for o tempo de convivência do pai com a família, maior será seu engajamento na rotina do filho, permitindo uma continuidade nas interações estabelecidas entre a díade (BRONFENBRENNER, 2005).

Embora o tempo compartilhado com o filho seja essencial para a sensibilidade paterna, as exigências do mundo do trabalho têm repercutido no tempo que o pai dedica às crianças (CIA; BARHAM, 2006). A inserção dos filhos ainda bebês nas escolas e creches, proporciona aos pais continuar suas atividades produtivas, mas ao mesmo tempo deixa as crianças aos cuidados de outras pessoas que passam a desempenhar as tarefas educativas, cuidativas e de socialização. Essa situação é ponte da nova realidade social, na qual a maioria das famílias combina trabalho remunerado e família, levando ao esquecimento que os filhos necessitam ter um tempo maior com os pais para o desenvolvimento de uma relação sensível e estável dentro do ambiente familiar.

As características pessoais do pai, como o temperamento e a bagagem de conhecimentos também influenciam na relação que constroem com seus filhos. No que se refere ao temperamento, pais que apresentam índices mais elevados de extroversão, possuem maior facilidade para adaptar-se a novas experiências, são capazes de desenvolver mais facilmente um relacionamento sensível com os filhos. A bagagem de conhecimentos está interligada com as experiências anteriores vividas na relação com os outros e com o próprio filho e influencia na capacidade de compreender as necessidades das crianças facilitando o relacionamento com as mesmas. Essas características dos pais são capazes de gerar diferenças interpessoais que podem alterar a variabilidade da sensibilidade parental ao longo do tempo (LINDHIEM; BERNARD; DOZIER, 2011).

A bagagem de conhecimentos é uma característica determinante para reconhecer as necessidades dos filhos ao longo do tempo e assim, detectar o surgimento de problemas na criança e, também, oferecer aconselhamento e encorajamento positivo. Para que isso aconteça é necessário que os pais compreendam o que determinado comportamento pode significar antes de responder apropriadamente. Essa característica está de certa forma, interligada com a motivação, na medida em que precisa ser traduzida em ação. Por sua vez, a motivação está relacionada com os desejos e compromissos dos pais em canalizar esforços necessários para manter e melhorar as relações parentais. Prende-se

também, a questões ligadas aos papéis sociais e a capacidade dos pais para manter o equilíbrio entre as exigências profissionais e o papel parental (TREMBLAY; BOIVIN; PETERS, 2008).

Em conjunto estão, também, a capacidade de diálogo, expressão de sentimentos, de opiniões, para o estabelecimento de regras e a participação de ambos os progenitores na divisão das tarefas educativas (CIA; BARHAM, 2006). Esse repertório pode influenciar na intensidade e na qualidade do envolvimento dos pais com os filhos, assim como na escolha do tipo de prática educativa que adotam (FARNFIELD, 2007).

Essas características pessoais favorecem aos pais identificarem, por exemplo, os momentos em que a criança está com medo, ansiosa, agitada ou estressada, possibilitando-os a se mostrarem sensíveis nestas situações. Possivelmente uma resposta adequada quando a criança está vivenciando situações de *stress*, contribuirá para que, no futuro, ela se torne um adulto mais seguro. De acordo com De Wolf e Van Ijzendoorn (1997), a sensibilidade parental mostrada em situações de maior fragilidade da criança pode transmitir maior segurança do que em episódios não estressantes como alimentação, brincadeiras ou cuidados rotineiros.

É possível verificar também que não somente as características pessoais do pai podem influenciar para uma relação sensível, mas também as características das crianças são consideradas como um fator determinante para esse processo. Estudos que voltaram a atenção para o comportamento infantil, observaram que um temperamento difícil por parte da criança como, por exemplo, maior negatividade, irritabilidade persistente ou pouca sociabilidade, tende a suscitar nos pais um comportamento menos responsivo e com maior hostilidade (READER; DUNCAN; LUCEY, 2005).

Além disso, é preciso estar atento que as necessidades das crianças variam de acordo com o contexto e com o seu desenvolvimento. Uma resposta rápida e apropriada ao choro infantil pode ser mais efetiva para um bebê enquanto que o apoio e o cuidado durante experiências desafiadoras da criança podem ser mais efetivos quando a criança está em uma idade mais avançada. Assim, é diferente responder de forma sensível para uma criança de 2 meses e para uma criança de 2 anos por exemplo. Por conseguinte, uma resposta sensível à idade da criança requer do pai comportamento diferente de acordo com cada etapa do

desenvolvimento infantil. Portanto, mudanças na sensibilidade paterna podem ser esperadas ao longo do tempo e podem ser influenciadas pelo ambiente ao qual o pai está inserido (LINDHIEM; BERNARD, DOZIER, 2011).

Outro fator considerado como facilitador para que os pais consigam estabelecer uma relação sensível com seus filhos é o apoio social. Esse pode influenciar de forma positiva, atenuando os efeitos negativos dos riscos a que estão expostos (LAI, 2013). Esse tipo de apoio pode acontecer pelos próprios familiares, outros parentes da família extensa (avós, tios, primos), amigos, companheiros e vizinhos. Também por parte dos profissionais de saúde, os quais podem auxiliar os pais a desenvolverem e manterem equilíbrio necessário para proporcionar uma resposta adequada às necessidades da criança, facilitando a adaptação ao papel parental.

O apoio da família e de grupos sociais mais próximos como amigos e vizinhos tende a ser direcionado para o suporte emocional na forma de escuta, de amizade e muitas vezes financeiro. O apoio oriundo dos serviços de saúde parece ser mais eficaz para a formação de grupos de apoio e da educação das crianças (SPERRY, WIDOM, 2013). Sendo assim, trabalhar com pais agressores implica em desenvolver práticas reflexivas que permitem reavaliá-los junto ao contexto ao qual estão inseridos e suas necessidades individuais. Por este homem ser estigmatizado pela sociedade em geral, torna-se um desafio conseguir visualizar a sensibilidade paterna quando se acredita que este pai seja destituído de tal capacidade. Tal posicionamento reforça a auto imagem deste homem, construindo uma imagem social de um pai que é incapaz de cumprir com seus papéis e tarefas parentais, conforme preconizado pela sociedade.

Neste sentido, acredita-se que é imprescindível haver uma desconstrução desta imagem para que este pai consiga modificar este estigma apreendido e reforçado em seu cotidiano pelas atitudes de violência contra seus filhos. Também é preciso haver uma compreensão deste processo de violência, que constitui o pai como manifestante de atitudes agressoras contra seus filhos, levando em consideração os contextos adversos que podem contribuir para o desencadeamento e manifestação da violência intrafamiliar.

3.4 A enfermagem no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: um foco no pai agressor.

A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é detectada de forma expressiva na rotina de trabalho dos profissionais de saúde, em particular do enfermeiro que, geralmente, mantém um contato mais próximo com as famílias. No entanto, ao perceber este problema na unidade familiar, o profissional nem sempre consegue desenvolver ações que promovam a integração de redes de atendimento voltadas para a prevenção e diminuição da violência e a notificação dos casos identificados, principalmente quando é o pai o principal agressor.

A atuação do enfermeiro frente à diversidade de situações que envolvem a violência intrafamiliar está predominantemente direcionada para o tratamento de sinais e sintomas da vítima do que a realização de ações que contribuem para inibir a reincidência da violência (BEZERRA; MONTEIRO, 2012). Isso significa que, o enfermeiro que presta assistência às famílias que convivem com a violência contra crianças e adolescentes dificilmente consegue realizar um trabalho voltado para a proteção das mesmas, principalmente quando esta envolve o pai como agressor.

Dentre as possíveis explicações para este fato está o processo de formação profissional. A maioria dos profissionais de saúde não possui formação adequada para identificar casos de violência, especialmente os que não evidenciam lesões físicas (SARAIVA, 2012). Pode também estar relacionado com a própria organização do serviço, que muitas vezes, não oferece respaldo institucional para que este profissional consiga realizar ações articuladas e contínuas que subsidiem uma abordagem integrada frente à violência intrafamiliar (THOMAZINE et al., 2009).

Outro aspecto que pode explicar é o receio e a insegurança por parte dos profissionais que atuam no atendimento as crianças e adolescentes vítimas de violência de ficarem expostos ao agressor. Estudo aponta que este tipo de sentimento pode contribuir para a ineficácia da prevenção da violência, visto que o trabalho desse profissional pode ficar discreto e inespecífico (BEZERRA; MONTEIRO, 2012). Assim, a atuação dos profissionais que estão à frente do cuidado dessas famílias permanece, em sua maioria, de forma isolada, sem exercer um acompanhamento voltado para o agressor. Além disso, a interdisciplinaridade entre os profissionais para o atendimento das famílias que convivem com a violência ainda é muito restrita o que repercute na qualidade da assistência (COCCO et al., 2010; MOURA et al., 2008).

Estudo realizado com enfermeiros apontou que, ao entrarem em contato com as famílias, particularmente com o agressor, esses profissionais sentem revolta e impotência por não conseguirem obter do agressor ou de outro membro familiar a confissão do ato de violência. Mesmo assim, o enfermeiro observa o acompanhamento das famílias que praticam a violência como um fator primordial por ser uma possibilidade de reestruturar e monitorar as relações no contexto familiar (ANGELO et al. 2013). Esta concepção vai ao encontro da proposta do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que em prol da garantia de proteção integral, inclui a família, a comunidade e a sociedade em geral no processo da prevenção da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes (BRASIL, 2005).

Neste sentido, uma das principais ações a ser desenvolvida pelos enfermeiros para tentar realizar um trabalho voltado para a prevenção e diminuição da reincidência da violência praticada pelo pai contra os filhos, seria tomar o agressor como o alvo da atenção, considerando que tanto ele como a criança vitimizada, devem ser beneficiados nas condutas terapêuticas e de assistência. Este tipo de trabalho objetiva o resgate, o fortalecimento e a manutenção de relações positivas entre o pai e os filhos, auxiliando a superar as dificuldades enfrentadas no cotidiano familiar e a mudar o comportamento agressivo do homem (CHAN, 2014).

Um dos primeiros passos para realizar este trabalho seria a desapropriação dos estigmas em relação ao pai agressor e a compreensão de suas atitudes frente aos filhos no contexto familiar. Neste sentido, é importante realizar uma abordagem através do diálogo com o pai, respeitando o conhecimento e a experiência que ele possui no que se refere às funções paternas (ARAGÃO et al., 2013). A partir deste primeiro passo, o enfermeiro tem a oportunidade de construir uma relação de confiança e assim, desenvolver um trabalho de acompanhamento e observação das relações intrafamiliares, principalmente entre pai e filhos.

É nesta intersecção que a tese defendida neste estudo se insere na medida em que propõe resgatar as experiências globais do pai, ou seja, todas aquelas que envolvem a paternidade, e não apenas aquela que envolve a agressividade com o(s) filho(s). Espera-se que o conhecimento a ser produzido possa subsidiar uma intervenção direta com estes homens.

O segundo passo compreende a partir do que foi observado, fazer uma análise detalhada das necessidades tanto do pai como dos filhos, servindo como um pré-requisito essencial para o planejamento e desenvolvimento de ações que

estejam em conformidade com a realidade vivenciada por eles, levando em consideração as referências culturais da família (ARAGÃO et al., 2013).

A maneira como é realizada a abordagem com esses pais pode ser primordial para o estabelecimento ou não de um vínculo de confiança recíproco entre eles e o profissional enfermeiro. Desta forma, é importante não haver senso de julgamento e desqualificação das atitudes dos pais frente aos filhos, pois esta atitude pode reprimir a criação de um processo relacional dinâmico entre o pai agressor e o profissional. Pode também inibir o desenvolvimento de ações que orientem a realização das funções paternas de forma positiva, contribuindo para o bom relacionamento entre pais e filhos.

Esta experiência de trabalho da enfermagem com pais que se utilizam da violência contra os filhos vem sendo desenvolvida em países norte-americanos e também na Europa (SCOTT; LISHAK, 2012, ASLA et al., 2011). Nos Estados Unidos, os enfermeiros realizam um acompanhamento através de visitas domiciliares com as famílias com risco de violência, envolvendo tanto o pai como a mãe, desde a gestação até o segundo ano de vida da criança, orientando a respeito de práticas educativas com os filhos (ECKENRODE et al., 2000).

Este tipo de trabalho tem demonstrado efeitos positivos na prevenção da violência contra crianças e adolescentes. No Canadá, o acompanhamento de famílias com o propósito de realizar intervenções com pais demonstrou melhora na relação entre pais e filhos, diminuição do estresse e depressão dos pais e da reincidência da prática de agressões e negligência contra os filhos (BÉRUBÉ et al., 2014).

No Brasil, pouca atenção tem sido dada para a realização de um trabalho voltado para a intervenção com pais com histórico de violência contra os filhos na área da enfermagem. Estudo que buscou analisar a atuação dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família frente à violência intrafamiliar contra a criança, ressaltou a inexistência deste tipo de acompanhamento e de um trabalho voltado para a prevenção com ações educativas com os pais (BEZERRA; MONTEIRO, 2012).

Estas constatações evidenciam a necessidade de haver um maior envolvimento por parte dos profissionais da saúde com as famílias que convivem com a violência, mais especificamente de inserir o agressor nas ações direcionadas para a reconstrução das relações intrafamiliares, prevenindo a violência. A

realização deste tipo de trabalho é ainda muito incipiente e não faz parte do cotidiano desses homens, o que de certa forma, explica a ausência ou recusa do mesmo em aceitar o apoio dos profissionais de saúde (THOMAZINE et al., 2009). Da mesma forma, são estas constatações que justificam a realização deste estudo tendo como foco principal o pai com histórico de agressão contra o(s) filho(s), e a ênfase nas experiências globais e não apenas naquelas que o rotula como agressivo.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Para orientar o estudo do processo de desenvolvimento de uma relação sensível entre o pai que agride seu(s) filho(s) é necessário um referencial teórico que permita examinar com profundidade a dinâmica das relações que ocorrem entre eles, em diferentes contextos onde concretizam o seu viver. A Teoria Bioecológica de Urie Bronfenbrenner integra alguns conceitos fundamentais que foram utilizados como referência para este estudo. São conceitos que permitem compreender o processo de tornar-se pai, a partir de uma sequência de interações recíprocas de complexidade crescente entre as pessoas, objetos e símbolos integrantes dos ambientes onde vivem. Interações estas que influenciam na intensidade e na direção que assume o processo de tornar-se pai, envolvendo as características pessoais das pessoas, assim como as características de tempo e contexto nos quais estão inseridas.

Os conceitos fundamentais que operacionalizam a Teoria Bioecológica são denominados de **Processo, Pessoa, Contexto e Tempo**. A interação destes quatro elementos permite observar o dinamismo do desenvolvimento da interação entre pai e filho(s) em um contexto de violência. Para que a Enfermagem possa visualizar formas de intervenção com este pai e auxiliá-lo no desenvolvimento de uma relação sensível com o(s) filho(s) é necessário compreender estas interações a partir das características do pai, do contexto e do tempo no qual ele está inserido.

O **processo** se refere às diferentes formas de interação “face a face” entre a pessoa e seu contexto. Essas interações se estendem durante um período de tempo suficientemente duradouro que possibilita incorporar um nível crescente de complexidade e vivenciado por um ser humano ativo, biopsicologicamente em evolução (BRONFENBRENNER, 2005). Para ser efetiva, a interação deve ocorrer ao longo do tempo e também haver reciprocidade nas relações interpessoais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Essas formas duradouras de interação nos ambientes imediatos são identificadas como processos proximais. Exemplos de padrões duradouros de processos proximais são encontrados em atividades

conjuntas pai-criança, mãe-criança, ou criança-criança, brincadeiras solitárias ou em grupo, leitura, aprendizagem de novas habilidades, estudo, atividades esportivas entre outras (BRONFENBRENNER, 2005).

É a partir destas atividades que o pai pode estabelecer um vínculo afetivo com seus filhos e desempenhar seus papéis e tarefas parentais. No entanto também é preciso considerar, de acordo com o Modelo Bioecológico, que o desenvolvimento da paternidade sensível não se dá unicamente na relação com o(s) filho(s), mas, sim, nas interações que o pai tem com a família, o trabalho, a comunidade e a sociedade, as quais estão em constante transformação, assumindo características diferentes em cada etapa do ciclo vital.

O conceito **persona** na teoria bioecológica envolve tanto as características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento, quanto àquelas construídas na interação entre esse ser humano e o ambiente, no decorrer da sua existência (BRONFENBRENNER, 2005). Bronfenbrenner (2005) considera três tipos de características pessoais que influenciam a direção e a força dos processos proximais: as disposições, os recursos bioecológicos e as demandas.

As disposições podem desencadear e manter os processos proximais ao longo do tempo; os recursos bioecológicos de capacidade, habilidade, experiência e conhecimento são necessários para que os processos proximais sejam efetivos em determinada fase do desenvolvimento; já as demandas são aquelas que, convidam ou desencorajam reações do contexto social que pode fomentar ou romper a operação de processos proximais (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998).

Nesse estudo estão em destaque os recursos bioecológicos dos pais que manifestam práticas de violência contra seus filhos, pois eles podem ser geradores de entusiasmo e vontade de adquirir novos conhecimentos, favorecendo a capacidade de mudança de comportamento desses pais. Porém estas características podem expressar também a dificuldade que o pai apresenta em manter o controle sobre seu comportamento e emoções, manifestada através da agressividade na relação com seus filhos.

O **contexto** se refere ao meio ambiente em que a pessoa está inserida, incluindo os diferentes sistemas em que o pai vive e se relaciona com seu(s) filho(s), seja em casa, na vizinhança, na igreja, na creche ou outro contexto. O ambiente, segundo Bronfenbrenner (2005), é um sistema integrado estruturado de instâncias, sendo que suas influências se articulam. Dessa maneira, o

microssistema é o ambiente onde as atividades, os papéis e as relações interpessoais são experienciadas. É um contexto singular no qual as pessoas se relacionam face a face, com características físicas, sociais e simbólicas particulares, que convidam, permitem ou inibem o engajamento que é sustentado por interações progressivamente mais complexas, no ambiente imediato (BRONFENBRENNER, 2005). Por conseguinte, é nesse meio que a pessoa interage com outros seres humanos e desta maneira se desenvolve a construção para o exercício da paternidade. Neste estudo, o **microssistema** considerado é a família, os amigos, a comunidade, a igreja, a escola, os serviços de saúde, nos quais existe uma interação face a face contribuindo para o desenvolvimento dos processos proximais que podem estar presente nas redes sociais de apoio desse pai.

O **mesossistema** “inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 69). É formado ou ampliado sempre que a pessoa em desenvolvimento entra e se torna participante ativa num novo ambiente. Os microssistemas, família, escola, grupos comunitários e de assistência a saúde podem integrar o mesossistema dos pais.

O **exossistema** compreende um ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento não participa diretamente, mas no qual ocorrem eventos que o afetam (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Como exemplo de exossistema cita-se o local de trabalho dos pais, o qual pode desencadear condições estressantes dificultando o pai dedicar-se de maneira efetiva ao seu filho.

O **macrossistema** refere-se a cultura ou subcultura predominante e internalizada, na forma e conteúdo do seu micro, meso e exossistemas constituintes, e a qualquer sistema de crença ou ideologia (BRONFENBRENNER, 2005). É o sistema mais amplo que envolve todos os outros ambientes, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra. Nesse estudo o macrossistema está representado pelas transformações que caracterizam a paternidade contemporânea, correspondendo a um profundo movimento histórico em torno das alterações legais e institucionais do papel do pai na sociedade. Assim, a paternidade se constrói a partir de discursos e regras estabelecidas em um determinado período histórico e cultural.

Essas mudanças refletem na forma como o homem cuida e educa seus filhos, sendo influenciado também por padrões culturais transmitidos ao longo das

gerações. Esse nível de contexto abrange ainda as políticas públicas de educação e de promoção à saúde, com destaque nesse estudo para a Política Nacional de Atenção Integral a Saúde do Homem e o Estatuto da Criança e do Adolescente. Este último afirma o direito de todas as crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária.

Nessa perspectiva, para auxiliar o pai agressor a mudar seu comportamento na relação com o(s) filho(s) é fundamental que o enfermeiro conheça e compreenda o contexto de vida do pai, que se constitui na seara onde as interações acontecem. Para compreender como se desenvolve uma relação sensível entre o pai e seus filhos é necessário identificar, primeiramente, os eventos vivenciados por esse pai nos diferentes contextos, os quais poderão facilitar ou não o desempenho de suas funções paternas. É preciso, também, identificar as influências que o levam a ter um comportamento agressivo com os filhos, considerando questões sociais, econômicas e culturais, as quais são incorporadas pelo pai, ao longo do tempo.

O **tempo**, como componente da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, possibilita estudar as mudanças e continuidades que ocorrem ao longo da existência e como este influencia as interações entre pai e filho(s). “Engloba a continuidade versus descontinuidade, de processos proximais” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p.995). Seria o momento em que ocorrem as interações face a face, ou seja, o tempo de duração de uma atividade entre pai/filho, como por exemplo, uma brincadeira, um diálogo. Essas atividades precisam se configurar como processos proximais a fim de influenciar no desenvolvimento de uma interação sensível entre pai e filho(s).

Abrange também a periodicidade desta relação ao longo de intervalos maiores de tempo, tal como dias e semanas (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p.995). Contempla as rotinas, limites, horários e regras de convivência (POLETTI et al., 2013). Por envolver a periodicidade da interação nos processos proximais entre intervalos de tempo maiores, o tempo possui forte influência no relacionamento pai/filho, pois a qualidade dessa relação está integrada à rotina dessas atividades.

O tempo enfatiza também as expectativas e eventos mutáveis na sociedade mais ampla, tanto dentro quanto através das gerações, uma vez que elas afetam e são afetadas por processos e resultados das interações ao longo do curso da vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p.995). Está relacionado, portanto, com eventos que definem a história que atua no desenvolvimento, ou seja, às mudanças

ocorridas na paternidade ao longo da história, em relação ao papel do pai na sociedade e no seu comportamento parental na contemporaneidade. Engloba, também, as experiências vividas na infância do pai agressor, as relações com seu pai, as quais possuem forte influência no comportamento do pai que ele se tornou mais tarde com seus próprios filhos. Assim, a análise do tempo permite verificar a efetividade das relações parentais entre pai/filho por meio da duração e continuidade das interações estabelecidas pela díade, assim como pelas transformações ocorridas ao longo do tempo.

A utilização do Modelo Bioecológico nesta pesquisa possibilita obter uma visão da dinâmica das relações entre o pai agressor e os filhos, envolvendo o contexto ao qual este pai está inserido, com suas características individuais, integrado num conjunto de sistemas interdependentes: micro, meso, macro e exossistema. Neste sentido, os desafios inerentes à paternidade, se enquadram nos diferentes fatores contextuais, particularmente aqueles que se constituem como risco para a violência intrafamiliar. Sucintamente o homem que convive neste contexto, apresenta diminuída capacidade de resposta às necessidades dos filhos, o que resulta, muitas vezes, em situações de maus-tratos às crianças e adolescentes. Como tal, o desenvolvimento de uma relação sensível entre pais e filhos, apresenta-se como uma possibilidade dos pais superarem os desafios presentes nos diversos sistemas para o exercício efetivo da paternidade.

A figura abaixo sintetiza a estrutura teórica utilizada como referencial para o desenvolvimento deste estudo

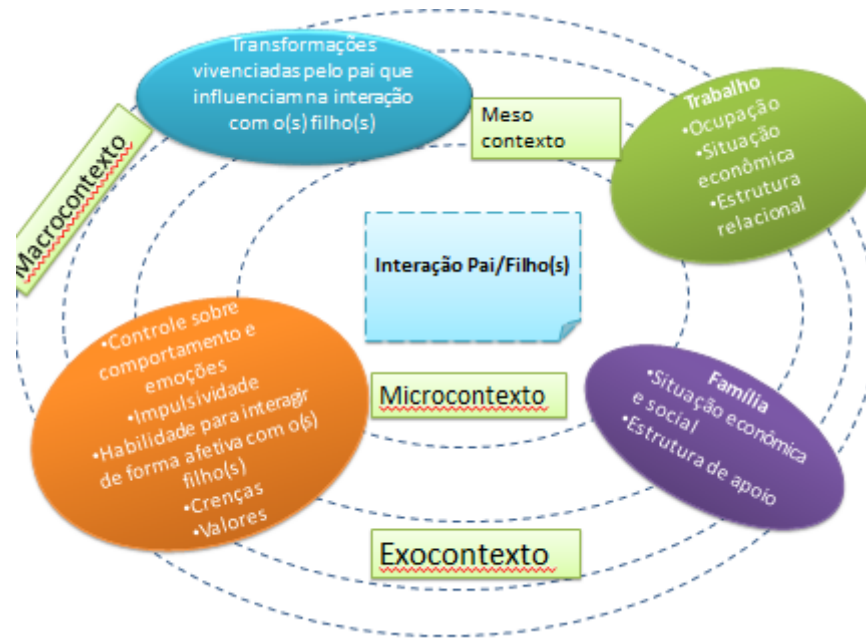


Figura 1: Síntese da estrutura teórica – Teoria Bioecológica Urie Bronfenbrenner

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de estudo

Este estudo está vinculado a um macroprojeto intitulado “Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: um estudo sobre as práticas profissionais”¹, desenvolvido no âmbito do Grupo de Estudo e Pesquisa em Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES), do Programa de Pós-graduação em Enfermagem/PPGENF, da Universidade Federal do Rio Grande-FURG. Em seu desenvolvimento foi utilizado uma abordagem qualitativa, na modalidade estudo de caso, buscando construir conhecimento sobre as relações entre pai e filho(s), para subsidiar o trabalho do enfermeiro frente ao pai com histórico de violência contra os filhos.

Com este propósito, considerou-se a pesquisa qualitativa como a mais adequada para a realização do estudo, pois esta abordagem contempla o exame da subjetividade dos sujeitos e as relações humanas com suas ações, tentando entendê-las ou interpretá-las em termos dos significados que as pessoas lhes conferem (DENZIN; LINCOLN, 2006). De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa qualitativa possibilita uma aproximação ao fenômeno em estudo, que se processa através da realidade, fornecendo subsídios para uma intervenção na situação.

A abordagem qualitativa oferece uma gama de métodos para a coleta dos dados. Nesta pesquisa será utilizada a modalidade estudo de caso (YIN, 2010), para entender a relação pai e filho em profundidade e em seu contexto de vida real. O estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2010). Sendo assim, este estudo de caso permitirá, através de uma perspectiva

¹Projeto desenvolvido com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

interpretativa, compreender a visão de mundo sob o ponto de vista de cada entrevistado, o que fornecerá subsídios para a compreensão do comportamento agressivo do pai com seus filhos.

5.2 Local do Estudo

Os participantes do estudo residem no município do Rio Grande/RS, localizado na metade sul do Rio Grande do Sul. Este município possui cerca de 211.410 mil habitantes, sendo que neste total 102.063 são homens (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - FEE, 2014). Entre os anos de 2001 a 2011 foram registrados em Rio Grande/RS, cerca de 750 casos de violência contra crianças e adolescentes, destes o pai foi responsável em mais de 30% dos casos de violência física, negligência e abuso sexual.²

Waiselfisz (2012) chama atenção para uma mudança nos padrões de evolução da violência desde 2011, quando começa a se observar um crescimento, não somente nas capitais, mas também nos municípios em desenvolvimento e com um grande contingente de população migratória, como é o caso de Rio Grande (RS) que apresenta esta característica desenvolvimental devido a sua capacidade portuária, que lhe colocou no ranking dos principais pólos navais do Brasil (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2011).

A consequência deste desenvolvimento se reflete na dificuldade encontrada pelo município para combater a violência, devido à precariedade dos mecanismos de segurança e também, no insuficiente número de serviços de saúde voltados ao atendimento da população. Atualmente, a cidade conta com 45 estabelecimentos de saúde que atendem ao Sistema Único de Saúde (IBGE, 2010).

5.3 Participantes do Estudo

Participaram do estudo sete homens com histórico de violência contra os filhos, tanto física quanto psicológica ou negligência. Foram excluídos os pais com histórico de abuso sexual, por entender que neste tipo de violência o homem não estará em contato permanente com os filhos, pois de acordo com a Lei 8.072, de 25

²Estes dados foram fornecidos pelo serviço de Centro de Referência Especializado em Assistência Social (CREAS).

de julho de 1990, o abuso sexual passou a ser considerado crime hediondo com cumprimento de pena em unidade prisional.

A faixa etária dos participantes variou entre 27 e 45 anos; seis pais possuíam ensino fundamental incompleto e apenas um possuía o ensino médio incompleto. Quanto ao número de filhos, quatro pais possuíam apenas um filho; dois possuíam dois filhos; e apenas um pai possuía três filhos. Em relação ao estado civil, cinco pais estão em união estável e dois são solteiros. No que se refere a profissão, dois pais trabalham com serviços gerais e os demais são moto-taxista, operador de máquinas, pescador, tatuador, agricultor e autônomo. Todos trabalham em média 50 horas semanais. Dos sete pais, três não moram com os filhos e têm contato esporádico com os mesmos.

Quatro pais referiram fazer uso de substâncias ilícitas como maconha, cocaína e craque e também foram alcoolistas. Somente dois deles realizaram tratamento e conseguiram se manter em abstinência. Para eles este foi um dos principais motivos do afastamento do cuidado dos filhos e das atitudes agressivas na educação dos mesmos. Neste período receberam o apoio da família e da mãe de seus filhos para o cuidado das crianças. Aqueles pais que possuem união estável apresentam um relacionamento conjugal conflituoso, com brigas e discussões, as quais, muitas vezes são presenciadas pelos filhos.

Para preservar o anonimato, os participantes foram identificados por meio de uma codificação representada pela letra "P" seguida do número que expressa idade do pai. Para aqueles que apresentavam a mesma idade, foi acrescentada a letra "a" ou "b", visando diferenciá-los.

5.4 Coleta de Dados

Inicialmente, cabe destacar a dificuldade enfrentada para o recrutamento dos participantes deste estudo e para a obtenção dos dados. Possivelmente, por tratar-se de violência intrafamiliar, houve certa resistência dos homens em participar do estudo, a qual denota uma face oculta do fenômeno, que muitas vezes, acaba sendo encoberta pela família. De certa forma, houve retraimento por parte dos homens em relatar aspectos negativos de seus comportamentos no relacionamento com seus filhos. Além disso, esses pais são rotulados como agressores e por medo de serem denunciados, evitam ter um contato mais próximo com profissionais ou serviços.

Esse fato impossibilitou que o recrutamento dos participantes fosse realizado por meio de serviços sociais e de saúde localizados no município, pois acarretaria na exposição dos participantes. Para superar tais dificuldades, foi necessário adotar como estratégia a técnica “bola de neve”, na qual um pai indica para participar do estudo um outro pai que, de acordo com sua percepção, atende aos critérios de inclusão do estudo, ou seja, que apresenta histórico de violência contra o(s) filho(s). Somente o primeiro pai (P45) foi integrado ao estudo por indicação dos professores de uma escola do município.

Após o recrutamento dos pais, a coleta de dados foi realizada através de entrevistas em profundidade, gravadas com o consentimento dos participantes. Essas foram conduzidas por um roteiro constituído de questões que primeiramente buscavam a identificação do participante, incluindo a idade, o número de filhos, o estado civil, escolaridade, ocupação, renda e constituição familiar. Na segunda etapa da entrevista a ênfase foi para os processos vivenciados pelo pai no contexto familiar, com vizinhos, amigos e também no trabalho. São questões voltadas para a investigação sobre a experiência de vida dos pais, considerando a relação deles com seus próprios pais e, também, com seus filhos na atualidade. Também foram considerados os ensinamentos que esses pais gostariam de transmitir a seu(s) filho(s), a rede de apoio no exercício das funções paternas e a influência da família extensa, amigos e vizinhos na relação com seu(s) filho(s).

Na terceira parte da entrevista, foram utilizados vídeos montados com fragmentos de cenas extraídas de filmes, que mostram a relação cotidiana entre pai e filho(s). Estes vídeos, que iniciam mostrando cenas de momentos bons e momentos difíceis desta relação têm a finalidade de desencadear no pai um processo reflexivo sobre situações interpretadas pelos personagens. Esta estratégia metodológica foi utilizada para facilitar a aproximação cognitiva e emocional do pai com o problema da violência de forma gradativa, ou seja, inicialmente visualizando os problemas e conflitos nos personagens, para após abordar o problema enfrentado por ele próprio na relação com o(s) filho(s). Foi, também, uma estratégia que mostrou ao pai que ele não é a única pessoa que enfrenta problemas dessa natureza.

Em seguida foram abordadas questões voltadas para o relacionamento com o filho(s), nas quais foi solicitado ao pai que descrevesse momentos difíceis que

enfrenta no desempenho da paternidade e situações em que ele tenha se sentido bem no desempenho do papel de pai (APÊNDICE B).

Os sete participantes manifestaram sua concordância em participar do estudo, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual foi elaborado em duas vias, ficando uma com o sujeito participante e outra com o pesquisador responsável (APÊNDICE A). Esse estudo seguiu determinações da Resolução 466/12.

As entrevistas foram realizadas nas dependências do GEPEFES, localizado na Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande/RS, em horário estabelecido de acordo com a disponibilidade dos pais, considerando suas atividades de trabalho e compromissos familiares. Foram realizadas entre 2 e 10 entrevistas com cada participante, com duração total de 56 horas, no período entre julho de 2014 a março de 2015. A tabela abaixo apresenta a caracterização geral dos participantes, bem como o número de entrevistas realizadas com cada pai e o tempo total de duração das mesmas.

Caracterização dos participantes, número e tempo de duração das entrevistas

Identificação	Idade	Nº de filhos	Sexo do(s) filho(s)	Idade do(s) filho(s)	Nº de entrevistas	Tempo de duração das entrevistas (horas)
P27	27	3	Masculino	10, 6, 4	2	4
P31	31	2	Masculino/Feminino	13, 3	2	6
P32a	32	1	Masculino	13	2	5
P32b	32	1	Masculino	14	2	4
P39	39	1	Masculino	18	2	6
P45a	45	1	Feminino	16	2	6
P45b	45	2	Feminino	22,14	10	25
Total					22	56

A realização de um número maior de entrevistas com apenas um dos participantes decorre do fato de este pai ter procurado, por iniciativa própria, o grupo de pesquisa para não interromper o processo reflexivo, desencadeado a partir dos vídeos assistidos. Com os demais participantes foram realizadas duas entrevistas, com duração média de duas horas cada uma.

5.5 Procedimentos de análise dos dados

Para organizar, analisar e interpretar os dados foram utilizados como referência os quatro elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano: processo, características pessoais, contexto e tempo. Os processos considerados para análise foram a relação entre o pai e o(s) filho(s), tendo como unidades os conflitos existentes; a relação entre o homem e a companheira, analisando a influência desta relação sobre funções paternas e a relação do homem fora do ambiente familiar. Esses aspectos possibilitaram visualizar o pai com histórico de violência contra os filhos na relação com as pessoas e ambientes nos quais está inserido.

Quanto às características pessoais do pai, foi considerada a bagagem de conhecimentos, que lhe permite obter um maior envolvimento no cuidado de seus filhos, assim como a percepção do pai sobre as necessidades que a criança apresenta de acordo com sua faixa-etária e sua experiência de cuidado. Foi considerado, também, a capacidade de controle do comportamento e emoções na relação com o(s) filho(s).

No que se refere ao contexto, foi considerada a situação econômica da família, a vida profissional do pai, a vida conjugal e a existência ou não de uma rede de apoio capaz de auxiliar nas situações de conflitos e na relação entre pai e filhos. Além disso, as políticas públicas de saúde, a cultura, os valores e crenças nas quais os homens estão inseridos também foram considerados.

O quarto elemento do modelo bioecológico, o tempo, permitiu observar as mudanças e continuidades que influenciam nas interações com os filhos, constituindo a história e as rotinas diárias das pessoas (BRONFENBRENNER, MORRIS, 1998). Para este estudo, foi considerado o tempo compartilhado em família, assim como o tempo que envolve intervalos mais longos e que define os valores e os ensinamentos que o pai gostaria de transmitir ao(s) filho(s).

Baseando-se nestes quatro elementos do modelo bioecológico, utilizou-se a análise textual discursiva como técnica de análise, a qual é definida como um “processo integrado de análise e síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada do conjunto de materiais textuais, com objetivo de descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais complexa dos fenômenos

e dos discursos a partir dos quais foram produzidos”. Sua realização compreendeu o desenvolvimento de quatro etapas fundamentais: a desmontagem dos textos; o estabelecimento de relações; a captação do novo emergente; a construção de um processo auto organizado (MORAES; GALIAZZI, 2011, p.114).

Para o desenvolvimento da primeira etapa, desmontagem dos textos, também denominada de processo de unitarização, o texto, oriundo das entrevistas, foi examinado em seus detalhes, fragmentado a fim de atingir unidades constituintes, ou seja, enunciados referentes ao processo da paternidade em homens com histórico de violência contra os filhos. Surge então um movimento voltado ao “corpus” da análise textual, constituído essencialmente de produções textuais e considerado a matéria-prima da análise (MORAES; GALIAZZI, 2011).

Da desconstrução e unitarização das entrevistas, surgiram as unidades de análise, denominadas também como unidades de significado ou de sentido. Essas são sempre identificadas em função dos propósitos da pesquisa e fundamentadas a partir de uma perspectiva teórica (MORAES; GALIAZZI, 2011). Neste sentido, esta etapa foi desenvolvida como um exercício de produzir e expressar sentidos sobre a relação entre pai e filhos em situações de violência, considerando a teoria bioecológica do desenvolvimento humano, referencial adotado nesta pesquisa.

A fragmentação das entrevistas em busca das unidades de análise exigiu várias leituras a fim de identificar e codificar cada fragmento destacado. Após, cada unidade foi reescrita de modo a destacar um significado, o mais completo possível em si mesma. E, por fim, foi atribuído um título para cada unidade produzida (MORAES; GALIAZZI, 2011).

Na segunda etapa, caracterizada pelo estabelecimento das relações ou processo de categorização, foram construídas relações entre as unidades de análise obtidas na etapa anterior. Para isso, foi realizada a combinação e classificação entre as unidades semelhantes com o intuito de formar conjuntos que congregam elementos próximos, resultando nos sistemas de categorias. De acordo com Moraes e Galiazzi (2011) as categorias constituem os elementos de organização do metatexto que se pretende escrever. É a partir delas que se produziu as descrições e interpretações das novas compreensões possibilitadas pela análise.

Para a construção das categorias, foi necessário levar em consideração algumas propriedades como a validade, pertinência e homogeneidade. Um conjunto de categorias é válido e pertinente quando é capaz de propiciar uma nova

compreensão sobre o fenômeno em estudo. As categorias também precisam ser homogêneas, ou seja, precisam ser construídas a partir de um mesmo princípio de um mesmo contínuo conceitual (MORAES; GALIAZZI, 2011). Desta forma, as categorias do presente estudo constituíram conceitos abrangentes que possibilitou a compreensão do fenômeno em estudo.

A terceira etapa da análise textual discursiva engloba a captação do novo emergente, ou seja, todo o processo desencadeado nas etapas anteriores possibilitou a compreensão renovada do todo. Desta forma foi necessária a construção de metatextos analíticos que expressem os sentidos lidos num conjunto de textos. Os metatextos são constituídos de descrição e interpretação, representando o conjunto da teorização sobre o fenômeno investigado. A partir da unitarização e categorização constrói-se a estrutura básica do metatexto (MORAES; GALIAZZI, 2011). Assim, a construção dos metatextos estabeleceu as condições para a estruturação e organização de todas as entrevistas analisadas.

A quarta e última etapa de análise denominada construção de um processo auto-organizado, consiste em um processo de compreensão emergente que se inicia com um movimento de desconstrução em que os textos das entrevistas foram fragmentados e desorganizados, seguindo um processo intuitivo auto-organizado de reconstrução com emergência de novas compreensões que foram comunicadas e validadas em forma de produções escritas (MORAES; GALIAZZI, 2011).

5.6 Aspectos Éticos

O projeto foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande e recebeu aprovação sob o número 79/2014. Após aprovação foi também encaminhado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Enfermagem e Saúde (NEPES) em Rio Grande/RS. Em todas suas etapas foram respeitadas determinações da Resolução 466/12 que regulamenta a Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012) e o Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem em seus capítulos Cap. IV, Art. 35,36 e 37 e o Cap. V Art. 53 e 54. Dentre essas, estão à garantia de sigilo, anonimato e privacidade, o direito de interromper a participação na pesquisa em qualquer momento, sem que essa decisão venha a acarretar qualquer prejuízo aos profissionais e aos pais participantes.

Além disso, foi observado o regulamento do Sistema Único de Saúde (SUS), pela Portaria 2048/ 09 nos artigos 696 e 697 que incorpora sob a ótica da pessoa e da coletividade, os quatros referenciais básicos da bioética: autonomia, não-maleficência, beneficência e justiça, e visa assegurar os direitos e deveres que se referem à comunidade científica, aos sujeitos da pesquisa e ao Estado (BRASIL, 2009).

6 RESULTADOS

Os resultados do estudo estão apresentados no formato de três artigos. O primeiro, intitulado “**Características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s): um estudo de caso**”, responde ao primeiro objetivo específico da tese. Neste artigo foram construídas duas categorias: Percepção do pai sobre as dificuldades na interação com as filhas e Momentos vivenciados pelo pai no contexto familiar que marcam a superação de suas dificuldades. A figura 2 mostra de forma esquemática como este artigo está estruturado.

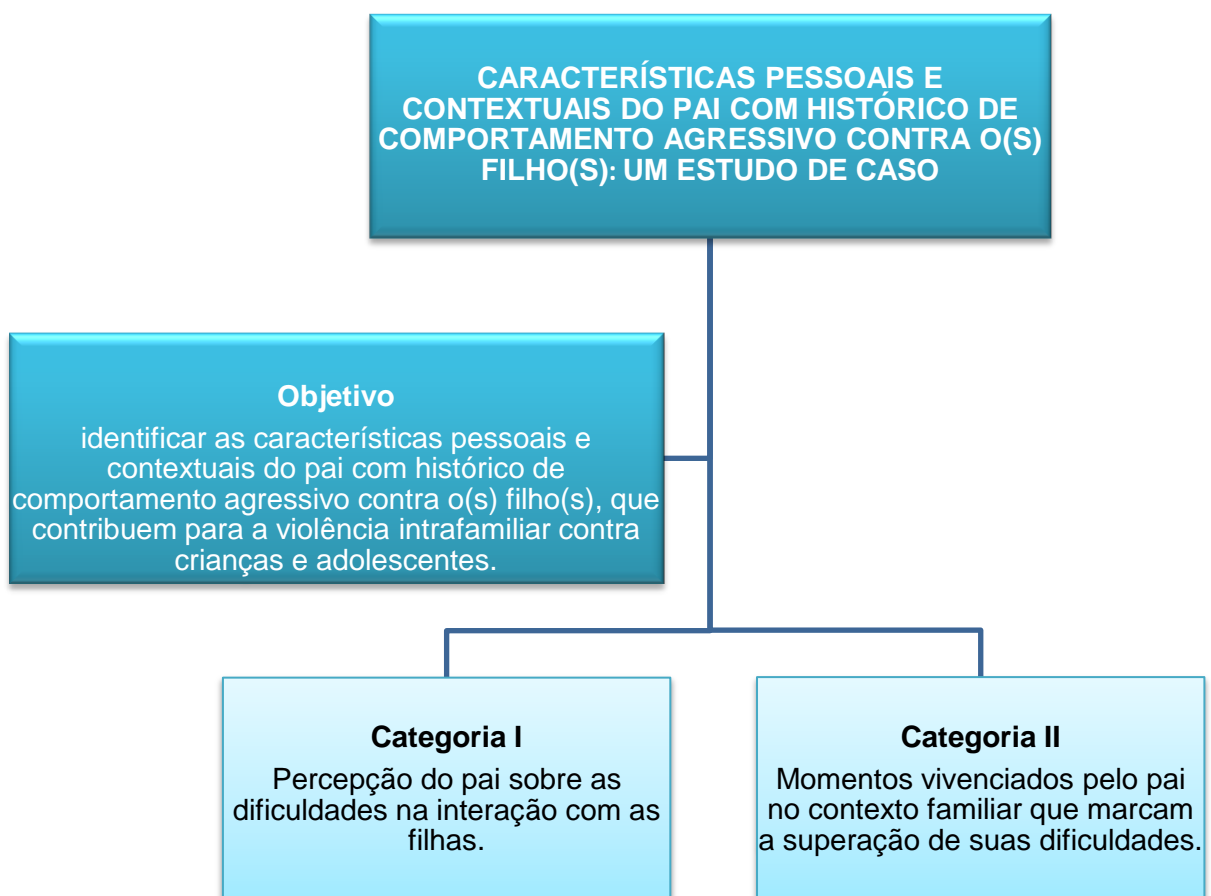


Figura 2:Esquema Artigo 1

O segundo artigo “**A percepção do pai sobre as interações que vivencia com seus filhos**”, responde ao segundo objetivo específico da tese por meio de três categorias: A paternidade vivenciada entre o abandono e o convívio conflituoso com o(s) filho(s); A Percepção do pai sobre as características e necessidades do(s) filho(s) e O pai na perspectiva de outras pessoas.

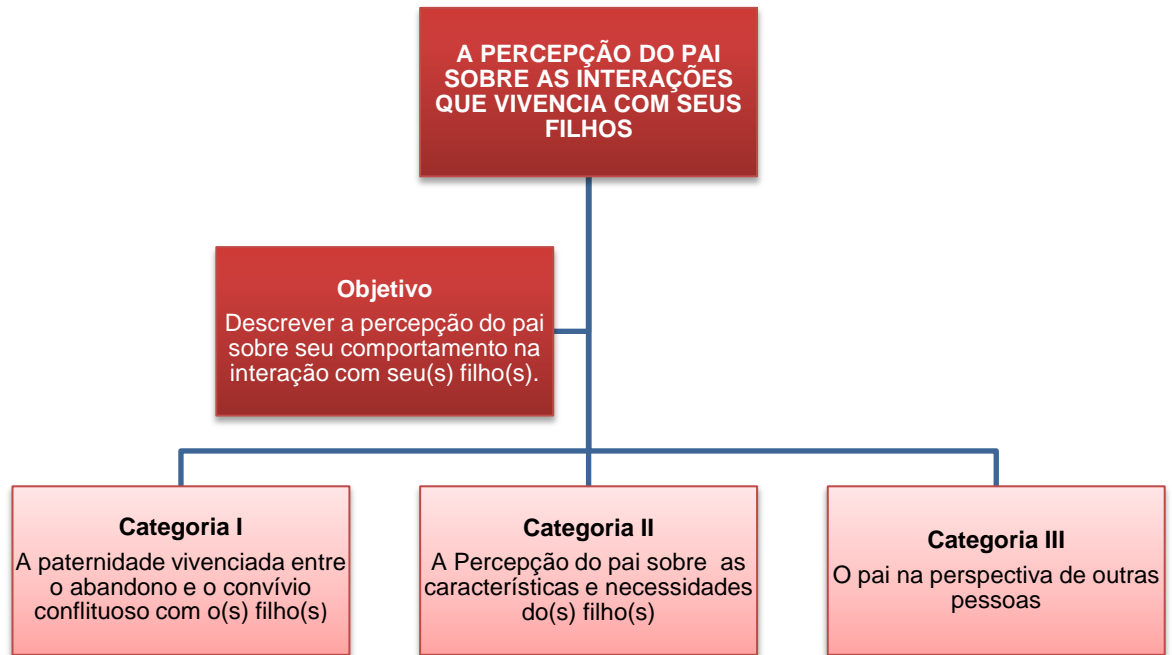


Figura 3: Esquema Artigo 2

O terceiro artigo científico intitulado “**A enfermagem frente ao pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s)**”, responde ao terceiro objetivo específico da tese e aponta estratégias para a prática de enfermagem, as quais incluem: conscientização do enfermeiro no trabalho com o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s); aproximação do enfermeiro com o(s) pai(s); identificação dos recursos e das necessidades prioritárias do(s) pai(s) com comportamento agressivo.

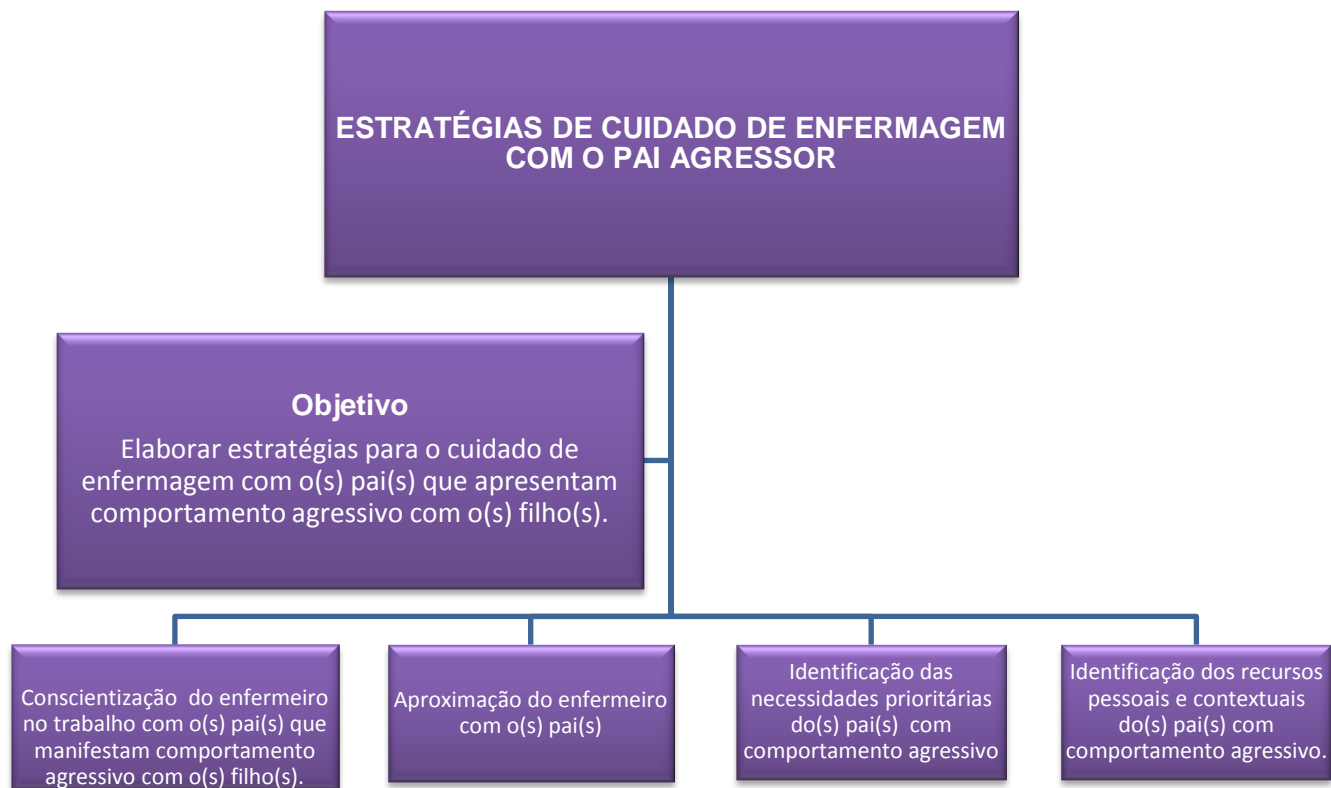


Figura 4: Esquema Artigo 3

Para melhor visualização dos resultados, a seguir serão apresentados os três artigos na íntegra.

6.1 Artigo 1

Características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s): um estudo de caso³

Personal and contextual characteristics of the father with history of aggressive behavior against his children: a case study

Características personales y contextuales del padre con histórico de comportamiento agresivo contra sus niños: un estudio de caso

Maria Emilia Nunes Bueno⁴

Mara Regina Santos da Silva⁵

³Artigo derivado da Tese de Doutorado em Enfermagem intitulada: O processo de (re)construção da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes; apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEnf-FURG.

⁴Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande (RS), Brasil. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa de Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES). Rua: Andrade Neves, 343. Centro. Rio Grande/RS. CEP: 96200-140. Email: me_bueno@yahoo.com.br

⁵Doutor, Professor Associado, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Resumo

Objetivo: identificar as características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s), que contribuem para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. **Método:** Estudo de caso realizado com um pai de 45 anos que vivencia dificuldades de relacionamento com as filhas. Foram realizados dez encontros com o pai e sua companheira, totalizando 25 horas de entrevista, no período de julho de 2014 a março de 2015. Os dados foram submetidos à Análise Textual Discursiva. **Resultados:** Características pessoais como impulsividade, agressividade, dificuldade de determinação e baixa autoestima estão associadas com a dificuldade que o pai apresenta para desempenhar seus papéis e funções parentais. **Conclui-se** que o desenvolvimento de práticas reflexivas entre o enfermeiro e o pai com histórico de violência contra crianças e adolescentes, que resgate o contexto ao qual está inserido, pode contribuir para suprir grande parte das necessidades vinculadas ao desempenho da paternidade.

Descritores: Paternidade; Violência doméstica; Relações pai-filho; Enfermagem

Abstract

Objective: to identify the personal and contextual characteristics of a father that has history of aggressive behavior against his children, which contribute to interfamily violence against children and adolescents. **Method:** it is a case study carried out with a 45-year-old father, who have trouble in his relationships with their adolescent daughters. Ten meetings with the father and his lifemate were performed, what totalized 25 hours of interview, from July 2014 to March 2015. Data was submitted to Discursive Textual Analysis. **Results:** personal characteristics, such as impulsivity, aggressiveness, determination difficulties and low self-esteem are associated to the difficulty that P45 presents to play his role as an educator of his daughters. **Conclusion:** the development of reflexive practices between the nurse and the father with history of violence against children and adolescent, redeeming the context that he is inserted, may contribute to supply a big part of the necessities linked to paternity performance.

Descriptors: Paternity; Domestic Violence; Father-Child Relations; Nursing

Resumen

Objetivo: identificar las características personales y contextuales del padre con histórico de comportamiento agresivo contra sus niños, lo que contribuye para la violencia intrafamiliar contra niños y adolescentes. **Método:** estudio de caso con un padre de 45 años que vivencia dificultades de relacionamiento con sus hijas adolescentes. Fueron realizadas diez encuentros con el padre y su compañera, totalizando 25 horas de entrevistas, de julio de 2014 hasta marzo de 2015. Los datos fueron sometidos al análisis textual discursivo. **Resultados:** características personales como impulsividad, agresividad, dificultad de determinación y baja autoestima están asociados con la dificultad que P45 presenta para desempeñar su papel como educador de hijas. **Conclusión:** el desarrollo de prácticas reflexivas entre el enfermero y su padre con histórico de violencia contra niños y adolescentes, que rescata el contexto al cual está inserido, puede contribuir para apoyar grande parte de las necesidades vinculadas al desempeño de la paternidad.

Descritores: Paternidad; Violencia Doméstica; Relaciones Padre-Hijo; Enfermería

Introdução

O fenômeno da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes ganha dimensão cada vez maior em nível mundial. Estima-se que de 133 a 275 milhões de crianças em todo o mundo são vítimas de violência intrafamiliar anualmente.¹ No Brasil, somente no ano de 2011 foram registrados no Sistema Único de Saúde (SUS) 39.281 atendimentos de crianças e adolescentes na faixa etária entre menores de um ano e 19 anos, representando 40% do total de 98.115 atendimentos registrados pelo sistema de notificação neste período.²

Nas últimas décadas, estudos realizados com crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar, no mundo, têm constatado que o pai é o principal responsável por agressões físicas, psicológicas e negligência contra os filhos.²⁻⁵ No entanto, é justamente ele que está mais afastado quando estas famílias são atendidas tanto nos serviços de saúde quanto sociais. Na maioria das vezes, é somente a mãe que comparece nos serviços, mesmo sendo o pai o principal responsável pela violência contra os filhos.⁶

Esse distanciamento entre o pai com comportamento agressivo e os profissionais tem levado os estudiosos da área a buscar novas formas de abordar o problema, baseados na convicção de que, não basta afastar o agressor da criança ou puni-lo, isso não seria o suficiente, é preciso inseri-lo nos cuidados e proporcionar ambiente para refletir e dimensionar o impacto de seu comportamento na vida presente e futura do filho.^{7,8}

Nessa linha, é fundamental que os profissionais conheçam de forma aprofundada o contexto de vida deste pai, ao longo do tempo, bem como suas características biopsicológicas, a fim de melhor compreender como se constroem e se mantêm as relações com seu(s) filho(s). A maneira como esses elementos influenciam as interações entre pai e filho(s) pode ser explicada pelos elementos centrais da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, cuja estrutura teórica e operacional permite compreender como as características biopsicológicas da pessoa, durante seu ciclo vital, e através das gerações, moldam as interações entre as pessoas, mediadas pelos diferentes elementos de seu contexto de vida, no tempo histórico em que acontecem, as quais são denominados de processos proximais.⁹

As características biopsicológicas dizem respeito ao temperamento, a habilidade, experiência e conhecimento para que as interações entre as pessoas possam ocorrer de forma efetiva.⁹ Na relação entre pai e filho(s) essas características envolvem a maneira como o pai se comporta diante do(s) filho(s), a habilidade do pai para interagir de forma afetiva com o(s) mesmo(s), a experiência para cuidar e o conhecimento sobre as diferentes fases do desenvolvimento dos filhos, sejam eles crianças ou adolescentes.

Pais que possuem histórico de violência contra os filhos, geralmente apresentam como características a dificuldade para manter controle sobre emoções e comportamento, impulsividade, inabilidade para interagir de forma afetiva com os filhos e, também, comportamento explosivo. Além disso, geralmente são desatentos às necessidades das crianças, não demonstram interesse na educação dos filhos, mostram sentimentos de insegurança, timidez e, muitas vezes, evitam interagir com os mesmos. Também agem de forma violenta quando negligenciam as necessidades e vontades dos mesmos, inibindo a interação entre pai e filhos, considerada fundamental para uma relação afetiva.¹⁰

Essas características influenciam na maneira pela qual os contextos são experienciados por esse pai. De acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, o contexto refere-se ao meio ambiente global em que o ser humano está inserido e onde se desenrolam os processos proximais, ou seja, as interações vivenciadas face a face. Abrangem tanto os ambientes mais imediatos nos quais a pessoa está inserida, como os mais remotos, em que a pessoa não está presente, porém tem o poder de influenciar o curso das interações interpessoais. Esses ambientes são denominados micro, meso, exo e macrossistemas.⁹

O microssistema do pai pode ser a família, os amigos, a comunidade, nos quais protagoniza a interação face a face, por exemplo, com a sua rede social. O mesossistema inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento participa ativamente. Os microssistemas, família, escola, grupos comunitários e de assistência a saúde podem integrar o mesossistema dos pais. O exossistema compreende um ou mais ambientes que não envolvem a pessoa em desenvolvimento como um participante ativo, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados, por aquilo que acontece no ambiente contendo a pessoa em desenvolvimento.⁹ Pode ser exemplo de exossistema o local de trabalho do pai, o qual pode desencadear condições estressantes impossibilitando o pai de se dedicar de maneira efetiva ao(s) seu(s) filho(s).

O macrossistema é o sistema mais amplo que envolve todos os outros ambientes, formando uma rede de interconexões que se diferenciam de uma cultura para outra.¹¹ Nesse estudo, o macrossistema engloba entre outras coisas, a cultura na qual o pai foi criado, os valores crenças e princípios que foram transmitidos pela família de origem, as quais podem influenciar o modo como os homens educam o(s) filho(s) na atualidade.

Outro elemento da teoria que ajuda a compreender as relações entre pai e filho(s) é o tempo que, neste estudo, está representando a duração de uma atividade entre eles, a periodicidade desta atividade tal como dias e semanas⁹, além das rotinas, limites, horários e regras de convivência.¹² Por envolver a periodicidade da interação entre intervalos de tempo

maiores, o tempo possui forte influência no relacionamento pai/filho, pois a qualidade dessa relação está integrada à rotina dessas atividades.⁹

Observar esses diferentes elementos na relação entre pai e filhos nos permite compreender melhor a maneira como o pai e o(s) filho(s) se relacionam, com suas características individuais e contextuais, as quais podem coexistir com a inabilidade do pai para interagir de forma afetiva com o(s) filho(s), e constituírem-se como fator de vulnerabilidade para a manifestação de problemas como comportamento agressivo, insegurança e baixa autoestima em todos os membros da família.¹⁰

Diante do exposto, o objetivo deste estudo foi identificar as características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s), que contribuem para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Método

Estudo de caso¹³ realizado com um pai que possui comportamento agressivo com as filhas. Elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano serviram como eixos orientadores para o alcance dos objetivos. Tais elementos possibilitaram examinar o fenômeno em estudo levando em consideração as características pessoais do pai, as influências destas nas interações estabelecidas na relação com os filhos, bem como as mudanças ocorridas na vida deste, ao longo do tempo.

O recrutamento do participante aconteceu por meio da indicação dos professores da escola onde as filhas estudavam. A coleta de dados foi realizada ao longo de dez entrevistas em profundidade com o pai e sua companheira, entre os meses de julho de 2014 a março de 2015, as quais totalizaram 25 horas. Para preservar o anonimato, o pai foi identificado pela letra “P” seguida do número que expressa sua idade cronológica e da letra “b” para diferenciá-lo dos demais pais que possuíam a mesma idade. Já os membros da família foram identificados conforme o grau de parentesco na relação com o pai.

A primeira entrevista foi guiada por um roteiro com questões específicas abordando as características do pai e os processos vivenciados por ele em diferentes contextos. Nos demais encontros foram abordados questões que emergiam do próprio diálogo com os pesquisadores. Foi também realizada uma reflexão sobre o cotidiano da relação pai/filho(s) por meio da observação de vídeos. As cenas retratadas nos vídeos foram extraídas de filmes de domínio público, que retratam as relações familiares, em momentos bons e momentos difíceis. Inicialmente, o diálogo e a reflexão estão centrados na natureza e nos efeitos do comportamento agressivo manifesto pelos personagens dos vídeos e, posteriormente, direcionados para o comportamento do próprio pai, buscando refletir sobre: os principais

obstáculos que interferem na relação com seu(s) filho(s); as necessidades prioritárias da família e as suas individualmente; os recursos existentes em seu entorno que podem ajudá-lo no processo de reconstrução da relação com os filhos e as potencialidades que identifica na sua própria família e na relação com o(s) filho(s) particularmente.

Esta foi uma estratégia para estabelecer um diálogo sobre um assunto de difícil abordagem como a violência entre pai e filhos, iniciando pelo exame e a reflexão sobre o cotidiano de outros pais que enfrentam as mesmas dificuldades. Esta estratégia metodológica possibilitou ao participante deste estudo ser expectador do cotidiano de outros pais representados pelos personagens dos vídeos. Possibilitou, também, que P45b conseguisse analisar e expressar mais facilmente sua crítica sobre as situações que lhes são familiares, mas vivenciadas por outros pais. Todos os encontros foram gravados com a autorização do respondente. Após o material foi transcrito e o conteúdo validado com o participante.

As informações obtidas foram tratadas de forma ética e fielmente transcritas, respeitando os preceitos éticos e legais que regem a pesquisa com seres humanos, estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo recebeu certificação ética sob número de parecer 79/2014.

A análise dos dados compreendeu as seguintes etapas:¹⁴ desmontagem das entrevistas, identificando e codificando cada fragmento destacado, correspondente as características pessoais e contextuais da pessoa foco do estudo, capazes de influenciar no cotidiano de vida familiar. Posteriormente, passou-se à construção de relações entre as referidas unidades de análise, comparando-as e agrupando os elementos semelhantes em um processo de categorização, respeitando o contexto no qual aconteceram, sendo que predominaram as experiências de forma direta ou, conforme refere Bronfenbrenner, face a face, vivenciadas no contexto da família de origem, na família atual e no mundo do trabalho. Durante tal etapa, reuniram-se as unidades de análise por semelhança e aproximação, em categorias, gerando, a seguir, duas categorias de análise denominadas: “percepção do pai sobre as dificuldades na interação com as filhas” e “momentos vivenciados pelo pai no contexto familiar que marcam a superação de suas dificuldades”.

Resultados

Caracterização do contexto familiar

O pai (P45b) está com 45 anos, é viúvo e possui duas filhas, uma de 22 anos, a qual é casada e mãe de uma menina de três anos, e a outra filha de 14 anos. Está viúvo há três anos e ficou sozinho por dois anos e meio, até encontrar a companheira com quem vive há mais ou menos um ano e meio. P45b é agricultor e feirante, possui a sua própria chácara e

comercializa os produtos que planta. Possui o ensino fundamental incompleto e uma renda mensal de três salários mínimos.

É o filho do meio de uma família de três irmãos. Seu pai já é falecido há 10 anos devido a um infarto. O mesmo tinha um comércio e P45b o ajudava na época de sua infância. Sua mãe está com 81 anos de idade e mora sozinha. Refere que teve uma infância bem tranqüila e que seu pai era seu amigo, mas que não havia muito diálogo entre eles. Sua mãe era mais rígida e às vezes o agredia fisicamente, mas foram poucas vezes.

Sua filha mais nova possui uma deficiência física no braço esquerdo, devido a um problema no momento do parto e por isso não consegue movimentá-lo. Apresenta problemas na escola, pois possui comportamento muito hostil, é agressiva com colegas e professores. P45b refere dificuldades para desempenhar suas funções de pai e desenvolveu um quadro depressivo por não saber educar a filha. Sua atual companheira busca atendimento profissional para ajudar P45b a exercer suas funções de pai, pois se sente sobrecarregada, mas ainda disposta a auxiliá-lo. Tal situação gera conflitos que, muitas vezes, acabam em situações de violência entre o pai e as filhas.

Percepção do pai sobre as dificuldades na interação com as filhas

Características pessoais como impulsividade, agressividade, dificuldade de determinação e baixa autoestima estão associadas com a dificuldade que P45b apresenta para desempenhar seu papel de educador das filhas. Tal afirmação é refletida diante de situações em que o pai necessita tomar decisões imediatas e acaba agindo de forma impulsiva, sem controle sobre seu comportamento e suas emoções ou, então, acaba sendo permissivo demais, sentindo-se incapaz de estabelecer limites e regras na educação das filhas.

A **impulsividade** é constatada quando as filhas não aceitam as regras e normas estabelecidas na família e reagem com agressões físicas e verbais contra o pai. Este costuma revidar com comportamento semelhante, sem considerar que esta atitude pode exacerbar a situação de conflito. Dessa forma, P45b não consegue estabelecer um diálogo com as filhas e tão pouco uma relação que demonstre afeto e carinho. Nas situações em que as mesmas se comportam de forma que o desagrada, ele não consegue expressar vontade para conversar e dar uma resposta capaz de aconselhar e sustentar regras claras, agindo de **forma agressiva**.

Este comportamento denota a **dificuldade de determinação** de P45b com as filhas, resultando na ineficiência para discipliná-las. As práticas disciplinares fazem parte da interação entre pais e filhos, as quais se encontram desorganizadas nesta família, pois o pai não consegue estabelecer uma interação afetiva com as filhas de forma a incentivar comportamentos adequados para as mesmas. Isso gera certa confusão em P45b, pois ele não

consegue identificar as necessidades das filhas e não interpreta corretamente o comportamento das mesmas, o que conseqüentemente, interfere nas atitudes que ele assume em relação a elas.

As incertezas e a falta de iniciativa que P45b sente em relação ao seu comportamento podem ser desencadeadas por sua **baixa autoestima**, a qual é evidenciada quando o pai refere que se sente inferiorizado pelos membros de sua família, por não ser valorizado no desempenho de suas funções paternas. Também ignorado como provedor, apesar de ser o responsável financeiro. Refere sentir-se “sem forças” para mudar este sentimento de desvalorização em relação a si próprio. Muitas vezes, na tentativa de recuperar sua autoestima, tenta impor respeito e reassumir o domínio da situação com as filhas, mas utilizando-se da agressão tanto física quanto psicológica. Apesar de agir de tal forma, ele percebe que necessita mudar seu comportamento e buscar conhecimentos sobre como exercer de forma positiva seus papéis e tarefas paternos.

Momentos vivenciados pelo pai no contexto familiar que marcam a superação de suas dificuldades.

Para compreender a relação entre as dificuldades expressas pelo pai e o contexto onde elas acontecem é preciso examinar diferentes momentos no histórico desta relação. No tempo em que P45b estava casado com sua primeira esposa, já falecida, foi possível identificar que havia falta de consenso entre o casal, acerca da educação dos filhos, pois havia ausência de clareza em relação aos papéis de educadores dentro da família. O segundo tempo refere-se a fase em que P45b está sozinho na educação das filhas, carregando consigo a bagagem que acumulou até então com as limitações, deficiências em relação a sua imagem de pai, o que contribuiu para gerar um ambiente familiar conflituoso, com ausência de apoio da família extensa para exercer a paternidade de forma efetiva, após a morte da esposa. O terceiro momento refere-se ao tempo atual com P45b casado novamente.

O período em que P45b convivia com a sua primeira esposa, foi marcado pela ausência de consenso acerca da educação das filhas, pois não havia entre o casal uma divisão das tarefas cotidianas em relação ao cuidado das mesmas, abrindo espaço para discussões e muitas vezes, agressões físicas entre todos os membros da família. P45b ficava com a responsabilidade de prover financeiramente a família, sem o compromisso de criar vínculos afetivos com as filhas. Na maioria das situações, era a esposa quem controlava as relações familiares e P45b preferiu ficar ausente, isto é, declinar de sua responsabilidade como pai na educação das filhas. Isto gerou distanciamento emocional da família e falta de experiência como cuidador e educador, o que repercutiu negativamente mais tarde, quando a esposa

faleceu e ele precisou assumir a responsabilidade pelas filhas. Esta situação também contribuiu para que o pai não tivesse clareza em relação aos papéis dentro da família, pois P45b sentia-se responsável por ser somente o provedor financeiro, já a mãe abarcou todas as demais responsabilidades de educar as filhas.

Após o falecimento da esposa de P45b, o contexto intrafamiliar manteve-se um campo fértil de momentos estressores entre pai e filhas. As agressões físicas e verbais entre as filhas e também entre o pai eram frequentes e este apresentava dificuldades para conduzir as situações de conflitos que se geravam, principalmente na sua ausência. Ao sentir-se sozinho com as duas filhas, ele não consegue gerir as dificuldades que enfrentava e cada vez menos exercia suas funções paternas de forma efetiva. O fato do pai não saber conduzir esta situação e agir de forma permissiva demais ou violenta com as filhas, dificultou as interações entre eles, fazendo com que as filhas tivessem pouco respeito e concordância das atitudes do pai. Na tentativa de superar as dificuldades que enfrentava para interagir com as filhas, P45b buscou apoio na família extensa (irmãos). No entanto não conseguiu obter o suporte que necessitava naquele momento e precisou cuidar das filhas sozinho, por um período de dois anos.

Após esse período, P45b estabeleceu e manteve uma relação conjugal estável e sua companheira o auxilia de forma positiva na interação com suas filhas. Com este apoio ele conseguiu interagir de forma mais calma, ou seja, sem agressões físicas ou verbais e também estabelecer um diálogo com as filhas. O pai também buscou auxílio profissional e está sendo acompanhado pelo Centro de Atenção Psicossocial – CAPS.

Na tentativa de resgatar sua autoestima, P45b investe seus esforços no trabalho, pois ao contrário das dificuldades que enfrenta no ambiente familiar, ele consegue manter estabilidade na vida profissional. Ele é autônomo e atua como agricultor e feirante, sendo considerado um dos mais bem sucedidos na localidade onde mora. Sempre que se depara com as dificuldades de relacionamento com as filhas, procura centrar toda sua atenção e esforço para as atividades profissionais, como uma tentativa de distanciar-se dos problemas familiares.

Discussão

A inabilidade de P45b para desenvolver os papéis de educador e interagir de forma afetiva com as filhas está relacionada às suas características pessoais. O fato do pai ser impulsivo e agressivo com as filhas leva-o a não conseguir responder apropriadamente às diversas necessidades das mesmas, dificultando a interação entre ambos. Também causa sentimentos de dúvidas e comportamentos por vezes contraditórios, como por exemplo,

quando o pai é permissivo na educação das filhas ou age de forma coercitiva demais, não conseguindo manter um equilíbrio nas suas decisões.

A literatura mostra que as habilidades pessoais do pai, bem como a capacidade de colocar os filhos em condições favoráveis ao seu desenvolvimento e sua integração social, estão associadas a características pessoais dos pais como maturidade psicológica, responsabilidade, dedicação, disponibilidade, capacidade de dar amor e afeto.¹⁵ Essas, portanto, são qualidades humanas relevantes capazes de atender apropriadamente às diversas necessidades dos filhos e de influenciar de forma favorável as interações familiares. A falta de tais qualidades é em parte responsável pelo desenvolvimento ou manutenção de interações familiares conflituosas que, conseqüentemente, geram situações de violência entre pai e filhos.¹⁵

De acordo com a perspectiva da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, as características pessoais afetam as interações estabelecidas entre as pessoas e podem ser responsáveis por influenciar os contextos aos quais elas estão inseridas.⁹ Isso foi constatado neste estudo a partir do momento em que P45b, carregando consigo suas limitações e dificuldades para interagir com as filhas, não conseguiu construir um contexto positivo, onde elas pudessem ser educadas com base em normas e valores que lhes garantissem a adequação psicossocial e sua pertinência social nos ambientes onde estão inseridas. Influenciaram também neste contexto os conflitos com sua primeira esposa e a falta de consenso com a mesma para a educação das filhas.

O pouco tempo dedicado para à família, também contribuiu para a existência de um contexto conflituoso, já que P45b pouco interagiu com as filhas, pois preferia se refugiar e dedicar seu tempo para o trabalho, evitando se defrontar com a dificuldade que possui de relacionamento intrafamiliar. A ausência do estabelecimento de uma rotina diária, onde P45b pudesse realizar atividades em conjunto com as filhas afetou a qualidade da interação entre eles. O tempo, um dos elementos da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, tem forte influência na duração e continuidade das interações estabelecidas entre as pessoas, assim como pelas transformações ocorridas ao longo do seu desenvolvimento.⁹

A omissão por parte de P45b para desempenhar suas tarefas de educador, ocupando-se somente do papel de provedor financeiro da família gerou um grande distanciamento afetivo de suas filhas, bem como a inabilidade para desenvolver uma interação efetiva e estável com as mesmas. Pesquisadores da área têm concentrado seus estudos sobre os determinantes do envolvimento paterno a fim de identificar fatores que levam o pai a ser mais ou menos

propenso a se envolver com seus filhos. Dentre estes fatores estão a qualidade do relacionamento familiar e a possibilidade do homem conciliar trabalho e família.¹⁶

Depois de ter vivido um longo período de tempo afastado afetivamente das filhas, P45b deparou-se com a necessidade de educá-las sozinho devido ao falecimento da sua primeira esposa. Ao mesmo tempo, percebeu que não poderia contar com o apoio da família extensa (irmãos) para ajudá-lo nesta função. A restrição da rede de apoio deste pai dificultou ainda mais o exercício de seus papéis e tarefas paternos, pois na prática diária com suas filhas, ele não contou com alguém que pudesse lhe auxiliar, acompanhar, trocar opiniões e orientar quanto a educação das mesmas. Este tipo de apoio favorece a compreensão do que precisa ser valorizado no contexto familiar, bem como o desenvolvimento de habilidades capazes de conduzir o pai para uma interação afetiva com as filhas.¹⁷

As dificuldades apresentadas por este pai para interagir com as filhas de forma afetiva e proporcionar um ambiente favorável para o desenvolvimento das mesmas é uma realidade vivenciada por muitos outros pais que se sentem vulneráveis diante da educação dos filhos e acabam utilizando a agressão física ou verbal na tentativa de educá-los.¹⁸ No entanto, são poucos os pais que encontram apoio para desenvolver seus papéis e tarefas de forma eficaz. No Brasil, mesmo que de uma forma ainda morosa, pesquisadores da área propõem programas de apoio a estes pais, com a iniciativa de refletir sobre as formas de educar.¹⁹ Tais programas podem contribuir para a prevenção e diminuição dos casos de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Já em países como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido estes programas já existem há mais tempo e grande parte deles são direcionados para homens que agredem ou apresentam o risco de agredir seus filhos, principalmente focando os homens que se utilizam da violência física ou verbal para educar seus filhos.²⁰ Estes programas são desenvolvidos através de grupos de intervenção que concentram esforços para auxiliar os homens a reconhecerem as atitudes, crenças e comportamentos que suportam as relações pai-filho saudáveis e não saudáveis e, desta forma, começam a compreender o impacto negativo de suas atitudes para o desenvolvimento dos filhos.²¹

A compreensão deste impacto é relatada por P45b quando ele refere ter consciência de seus atos e suas limitações perante a educação e interação com as filhas, porém não sabe como agir de outra forma, para que o convívio com elas se torne mais amigável e afetivo. A conscientização do próprio comportamento é um fator contribuinte para que o homem consiga buscar auxílio profissional em serviços sociais ou de saúde para o exercício da paternidade.²⁰ No entanto, a realidade presenciada referente a conscientização de P45b não é a que a maioria

dos estudos tem apontado. Uma pesquisa realizada com 40 pais de crianças em idade pré-escolar no Brasil evidenciou que a maioria dos homens reconhece seu comportamento baseado em práticas agressivas para a educação dos filhos como algo natural e como parte da cultura destes homens.²² Outro estudo comparativo entre pais com comportamento agressivo e não agressivo com os filhos identificou que, principalmente o pai que utiliza práticas agressivas na educação dos filhos não reconhece seu comportamento como prejudicial ao desenvolvimento dos mesmos.²³

Na maioria das vezes, estes pais possuem maior dificuldade para se inserir em programas de intervenção e mudar sua concepção a respeito de seu comportamento. Já os pais que percebem que a mudança no seu comportamento pode favorecer uma interação positiva com os filhos, são mais sensíveis e autocríticos, buscando de forma voluntária auxílio de profissionais em serviços de saúde ou sociais.²⁰ Para P45b a busca por este auxílio não foi um processo difícil, pois ele sentia-se motivado a estabelecer uma interação afetiva com as filhas e com isso conseguir educá-las sem a necessidade de violência, principalmente depois que recebeu o apoio de sua atual companheira.

Considerações Finais

O fato de P45b perceber que, suas dificuldades e limitações no relacionamento com as filhas geram um contexto familiar conflituoso, marcado por agressões físicas e verbais, levou-o a buscar apoio profissional para superá-las. Ele percebeu também que não conseguiria mudar seu comportamento sozinho, pois seu contato com as filhas era ínfimo, mesmo convivendo no mesmo ambiente.

Com este estudo busca-se chamar a atenção dos profissionais que trabalham com famílias, particularmente os enfermeiros, para as questões direcionadas para a interação entre pai e filhos. Estas permitem avaliar o pai e o ambiente ao qual está inserido, bem como suas necessidades individuais, com o objetivo de auxiliá-lo no desempenho de seu papel de educador. Desenvolver atividades de base reflexiva junto aos pais com histórico de agressão contra os filhos pode ser uma estratégia para incentivá-los na superação das dificuldades de interação com os filhos e a tornarem-se pais mais afetivos e sensíveis para o desenvolvimento da paternidade.

Referências

1 World Health Organization (WHO). World Health Organization says violence against can and must be prevented. 2006 [acesso 8 jul 2014]. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/releases/2006/pr57/en/> Accessed 08.07.14

- 2 Waiselfisz JJ. Mapa da Violência: Anatomia dos Homicídios no Brasil. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.
- 3 Al-Eissa MA, AlBuhairan FS, Qayad M, Hassan Saleheen H, Runyan D, Almuneef M. Determining child maltreatment incidence in Saudi Arabia using the ICAST-CH: A pilot study. *Child Abuse & Neglect* 42 (2015) 174–182
- 4 Ji K, Finkelhor D. A meta-analysis of child physical abuse prevalence in China. *Child Abuse & Neglect* 43 (2015) 61–72
- 5 Brandon M. et al. New learning from serious case reviews: a two year report for 2009-2011. Centre for Research on the Child and Family in the School of Social Work and Psychology, University of East Anglia. US, 2012.
- 6 Leerkes EM. Maternal sensitivity during distressing tasks: A unique predictor of attachment security. *Infant Behavior & Development*. 2011; 34: 443- 446.
- 7 Fernandes APP, Mazza VA, Lenardt MH. Rede de proteção contra a violência na infância à luz dos conceitos de Capra. *Rev Min Enferm*. 2013 out/dez; 17(4): 1026-1031
- 8 Wessells MG. Bottom-up approaches to strengthening child protection systems: Placing children, families, and communities at the center. *Child Abuse & Neglect* 43 (2015) 8–21.
- 9 Bronfenbrenner U. (2005). *Making human beings human*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- 10 Boas ACVBV, Dessen MA, Melchiori LE. Marital conflict and its effects on children's behavior: a theoretical review. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, 2010
- 11 Martins E, Szymanski H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estud. psicol. Jun 2004;4(1):63-77*.
- 12 Polleto M. et al. Direitos humanos, prevenção à violência contra crianças e adolescentes e mediação de conflitos: manual de capacitação para educadores. Porto Alegre: Ideograf, 2013. 248p.
- 13 Yin RK. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 4Ed., 2010. 248p.
- 14 Moraes R, Galiuzzi MC. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí. 2011. 224p.
- 15 Cater A, Forssell AM. Descriptions of fathers' care by children exposed to intimate partner violence (IPV) – relative neglect and children's needs. *Child and Family Social Work*. 2014, 19, pp 185–193
- 16 Labarre M, Roy V. Paternité en contexte de violence conjugale : regards rétrospectif et prospectif. *Enfances, Familles, Générations*, n° 22, 2015, p. 27-50.
- 17 Montigny F, Lacharité C, Amyot E. The transition to fatherhood: the role of formal and informal support structures during the post-partum period. *Texto Contexto Enferm*. Out-Dez 2006; 15(4): 601-9.

18 Bérubé A, Lafantaisie V, Dubeau D, Coutu S, Caron J, Devault A Using implementation evaluation to uncover a child neglect prevention program. *Evaluation and Program Planning* 45 (2014) 1–8

19 Patias ND, Siqueira AC, Dias ACG. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21 (1), Jan-Jun 2013, 29-40p

20 Scott KL, Lishak V. Intervention for maltreating fathers: Statistically and clinically significant change. *Child Abuse & Neglect*. 2012; 36: 680– 684.

21 Chavis A, Hudnut-Beumlerb J, Webb MW, Neelyc J, Bickmand L, Dietriche MS, Scholerf SJ. A brief intervention affects parents' attitudes toward using less physical punishment. *Child Abuse & Neglect*. 2013; 37: 1192–1201.

22 Fantinato AC, Cia F. Habilidades Sociais Educativas, Relacionamento Conjugal e Comportamento Infantil na Visão Paterna:Um Estudo Correlacional. *Psico. jan-mar 2015; 46(1):120-128*.

23 Asla N, Paúla J de, Pérez-Albénizb A. Emotion recognition in fathers and mothers at high-risk for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*. 2011; 35: 712– 721.

6.2 Artigo 2

A PERCEPÇÃO DO PAI SOBRE AS INTERAÇÕES QUE VIVENCIA COM SEUS FILHOS¹

Maria Emilia Nunes Bueno², Mara Regina Santos da Silva³

¹Artigo derivado da tese de Doutorado em Enfermagem intitulada: O processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes; apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEnf-FURG.

²Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande (RS), Brasil. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa de Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES). Rua: Andrade Neves, 343. Centro. Rio Grande/RS. CEP: 96200-140. Email: me_bueno@yahoo.com.br

³Doutora, Professor Associado, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

Objetivo:descrever a percepção do pai sobre seu comportamento na interação com seu(s) filho(s). Método: trata-se de um estudo de casos múltiplos realizado com sete pais com comportamento agressivo contra os filhos, na faixa etária entre 27 a 45 anos. Os dados foram coletados no período entre julho de 2014 a março de 2015 por meio de entrevistas semiestruturadas e submetidos à análise textual discursiva. Os resultados apontam que opai se percebe como negligente e ausente da vida dos filhos; considera que a violência entre eles é desencadeada pelo comportamento rebelde dos filhos, embora os familiares o percebam como um pai negligente, agressivo e responsável pela rebeldia dos filhos.Conclusão: há grande dificuldade por parte do pai em se aproximar dos filhos e ser afetivo com os mesmos. A interação por meio da agressão física e psicológica é a forma mais utilizada por estes pais e a considerada correta na educação do(s) filho(s).

Descritores: Paternidade. Relações pai-filho. Enfermagem

Descriptors: Paternity; Father-Child Relations; Nursing

Descriptores: Paternidad; Relaciones Padre-Hijo; Enfermería

INTRODUÇÃO

A percepção é a maneira como uma pessoa forma impressões sobre as outras e sobre elas mesmas e com isso orienta o próprio comportamento. É através da percepção que se pode notar a forma como a pessoa organiza, interpreta e atribui significado ao seu meio.¹ O processo perceptivo pode ser relacionado à imagem que se faz do outro por meio de conceitos, valores e normas sócio culturais, estando, portanto, ligado a princípios específicos do indivíduo, os quais são indispensáveis nas interações entre as pessoas.

A percepção influencia essas interações a partir da expressão de emoções, do comportamento e da comunicação verbal.¹ Entretanto, a percepção do pai sobre a interação com o(s) filho(s) está relacionada às expectativas e crenças que ele apresenta acerca da sua capacidade para atuar no cuidado, educação e provimento das necessidades dos filhos.

A forma como o pai percebe a interação com os filhos, ou seja, como reconhece seu próprio desempenho para o estabelecimento de uma relação positiva com os mesmos é fundamental tanto para o desenvolvimento da criança, quanto para o bem estar de todos os membros da família. No entanto, o pai que apresenta comportamento agressivo com os filhos, pode ser passível de distorções perceptivas, ou seja, faz uma avaliação positiva do próprio comportamento paterno, enquanto esse gera situações de violência entre os membros da família. A percepção distorcida que leva o pai ter da sua realidade pode ser influenciada pela dificuldade de manter o controle sobre suas emoções e comportamento, impulsividade, inabilidade para interagir de forma afetiva com o(s) filho(s) e comportamento explosivo. Também influenciam as preocupações, as dificuldades e as necessidades do pai para exercer seu papel de cuidador, educador e provedor do(s) filho(s).¹

Neste sentido, salienta-se a importância de se conhecer profundamente as interações entre pai e filho(s), a partir da percepção do próprio pai, pois a dinâmica das mesmas pode influenciar diretamente no comportamento paterno. Quando estas interações são mediadas pela ausência de diálogo e hostilidade, podem ser consideradas um fator de risco para o desencadeamento de conflitos intrafamiliares.²

Homens que apresentam dificuldade em expressar um comportamento paterno afetivo, responsivo às necessidades do(s) filho(s) e com autoridade, podem ter maior probabilidade de

apresentarem comportamento violento na educação dos mesmos. Costumam ser pouco responsivos às indagações e opiniões dos filhos e demonstram-se pouco envolvidos no cuidado dos mesmos. Podem também apresentar distorções, pré-conceitos e erros na percepção do comportamento da criança, não conseguindo detectar os sinais transmitidos por eles. Nestes casos, esses pais são mais propensos a agir de forma errônea no reconhecimento de expressões emocionais da criança.³

No entanto, é possível dizer que as interações entre pai e filho(s) podem ser reconstruídas a todo momento e que, mesmo tendo a tendência de empregar, com maior frequência, práticas agressivas e serem menos hábil na educação dos filhos, estes pais podem também demonstrar preocupação com as necessidades dos mesmos e estabelecerem, por vezes, uma relação de afeto e carinho. Eles podem ser conscientes que seu comportamento agressivo influencia de forma negativa a vida dos filhos, porém não sabem como mudá-lo e não se sentem motivados para realizar esta mudança.⁴

Tais implicações revelam a fragilidade dos pais em exercer suas responsabilidades paternas, pois estes, muitas vezes, desconhecem as práticas educativas que poderão proporcionar o desenvolvimento de habilidades capazes de estabelecer um relacionamento afetivo entre pai e filho(s). Isso implica a atenção dos profissionais de saúde e dos serviços sociais para avaliar estes pais no contexto ao qual estão inseridos, juntamente com suas necessidades individuais, a fim de auxiliá-los na busca deste conhecimento. Por essa razão, a percepção do pai sobre a interação que tem com o(s) filho(s) é uma questão importante que precisa ser incluída no planejamento do trabalho de enfermagem com famílias que vivenciam situações de violência contra o(s) filho(s).

Para isso, é preciso dar voz a estes pais para que eles possam se tornar pró-ativos no reestabelecimento das interações com o(s) filho(s) e também serem conscientes do importante papel que desempenham na educação dos mesmos. A partir do momento que estes pais conseguem expressar a forma como compreendem a interação com os seus filhos, abre-se um espaço para perceberem e orientarem-se quanto ao próprio comportamento. Neste sentido, o presente estudo objetiva identificar a percepção do pai sobre seu comportamento na interação com seu(s) filho(s).

METODO

Utilizou-se um delineamento qualitativo de estudo de casos múltiplos.⁵ Participaram do estudo sete pais, na faixa etária entre 27 a 45 anos, que apresentaram algum tipo de dificuldade na relação com o(s) filho(s), podendo configurar-se como violência intrafamiliar, tanto física quanto psicológica ou negligencia. Foram excluídos os pais com histórico de

abuso sexual, por entender que neste tipo de violência o homem não estará em contato permanente com os filhos, pois de acordo com a Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, o abuso sexual passou a ser considerado crime hediondo com cumprimento de pena em unidade prisional.

Para preservar o anonimato, esses pais foram identificados por meio de um código representado pela letra “P”, seguida de um número que expressa a idade do participante. Para os participantes que apresentavam a mesma idade, foi acrescida a letra “a” ou “b”, visando diferenciá-los.

Por se tratar de uma temática de difícil abordagem como a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e o envolvimento do homem como principal agressor, cabe registrar a dificuldade enfrentada para o recrutamento dos participantes da pesquisa. Os primeiros contatos com o pai ocorreram somente após um processo de busca que perdurou por aproximadamente um ano. Um dos principais motivos desta dificuldade pode estar relacionado ao fato desses pais terem pouca ou nenhuma aproximação com os profissionais ou os serviços, local onde se fez a primeira tentativa de recrutamento. Em um segundo momento, tentou-se buscar este pai junto as escolas do município, no entanto, percebeu-se que o mesmo não participa da vida escolar do(s) filho(s) e os professores possuem receio de se envolverem nas questões sobre violência familiar, seja por medo de retaliação ou por convicção de que este é um assunto privativo da família.

Para superar tais dificuldades, foram necessárias algumas estratégias como o recrutamento dos pais por meio da estratégia “bola de neve”⁶ na qual um pai indica outro pai que, de acordo com sua percepção, atende ao critério de inclusão do estudo. Somente o primeiro pai entrevistado foi indicado por uma escola do município. Para que fosse possível a realização das entrevistas com estes pais, não foi mencionado o termo “violência intrafamiliar”, com a intenção de evitar constrangimentos dos participantes ao abordar o assunto, principalmente pelo estigma que envolve o agressor e pelo fato de alguns deles se recusarem a abordar o tema com receio de possível denúncia.

A coleta de dados foi realizada no período entre julho de 2014 a março de 2015, através de entrevista semi-estruturada, orientada por um roteiro previamente elaborado, constituído por três etapas: a primeira destinou-se a caracterização dos respondentes; a segunda referiu-se aos processos vivenciados pelo pai em diferentes contextos e por fim, a terceira etapa correspondia a uma reflexão sobre o cotidiano da relação pai/filho(s) por meio da observação de vídeos. As cenas retratadas nos vídeos foram selecionadas com base na literatura que elenca inúmeras situações e/ou fatores envolvidos no fenômeno violência

intrafamiliar, mas utilizando como critério de exclusão as mensagens de natureza puramente condenatórias, uma vez que reconhecidamente esses pais são pessoas de difícil abordagem.

Especificamente os vídeos abordam as dificuldades enfrentadas pelos pais para o exercício da paternidade, fornecendo informações baseadas no comportamento e atitudes de outros pais. Esta seria uma maneira de chamar a atenção do pai para o cotidiano de outros que enfrentam a mesma dificuldade, possibilitando-os serem expectadores desta realidade e também expor uma posição crítica diante das situações apresentadas por outros pais que encenam a mesma realidade vivenciada por eles.

As entrevistas foram agendadas com antecedência e realizadas nas dependências do grupo de pesquisa, com sede na Universidade onde os pesquisadores atuam. Foram realizadas entre duas e 10 entrevistas com cada respondente, todas gravadas com o consentimento dos mesmos, com duração de cerca de duas horas cada uma, perfazendo um total de 56 horas.

As informações obtidas foram tratadas de forma ética e fielmente transcritas, sem interferência de pré-julgamentos, garantindo o anonimato e respeitando todos os preceitos éticos e legais que regem a pesquisa com seres humanos, estabelecidos pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. O estudo recebeu uma certificação ética do Comitê de Ética e Pesquisa da instituição a qual o projeto está vinculado, pelo Parecer número 79/2014.

A análise dos dados compreendeu as seguintes etapas:⁷ desmontagem das entrevistas, identificando e codificando cada fragmento destacado, resultando em três questionamentos: Como o pai percebe a relação dele com o(s) filho(s)? Como o pai percebe seu(s) filho(s)? Como o pai pensa que outras pessoas o vêem como pai? Posteriormente, passou-se à construção de relações entre as referidas questões, comparando-as e agrupando os elementos semelhantes, surgindo três diferentes perspectivas que receberam as seguintes denominações: A paternidade vivenciada entre o abandono e o convívio conflituoso com o(s) filho(s); A percepção do pai sobre as características e necessidades do(s) filho(s) e O pai na perspectiva de outras pessoas.

RESULTADOS

Caracterização dos respondentes

A faixa-etária dos participantes do estudo variou entre 27 a 45 anos, seis deles possuíam ensino fundamental incompleto e apenas um o ensino médio incompleto. Quatro pais possuíam apenas um filho, dois possuíam dois filhos e um dos pais possuía três filhos. Quanto ao estado civil, cinco participantes têm união estável e dois são solteiros. No que se refere a profissão, dois pais realizam serviços gerais e os demais são moto-taxista, operador de máquinas, pescador, tatuador, agricultor e autônomo. Todos trabalham uma média de 50

horas semanais. Dos sete pais, três não moram com os filhos e possuem contato esporádico com os mesmos.

Quatro pais referiram fazer uso de substâncias ilícitas como maconha, cocaína e crack e também foram alcoolistas. Somente dois deles realizaram tratamento e conseguiram se recuperar da dependência. Para eles este foi um dos principais motivos do afastamento do cuidado dos filhos e das atitudes agressivas na educação dos mesmos. Neste período receberam o apoio da família e da mãe de seus filhos para o cuidado das crianças. Aqueles pais que possuem união estável apresentam um relacionamento conjugal conflituoso, com brigas e discussões, que muitas vezes são presenciadas pelos filhos.

A paternidade vivenciada entre o abandono e o convívio conflituoso com o(s) filho(s)

A maioria dos entrevistados (P31, P32a, P32b, P39, P45a) considerou que se comporta de forma negligente com os filhos, pois estiveram ou ainda estão ausentes ou distantes da vida dos mesmos e não se preocuparam em suprir as necessidades físicas e emocionais das crianças. Este comportamento, segundo os pais, é decorrente da separação da mãe de seus filhos e do uso de drogas ilícitas. Estes dois fatores foram primordiais para que estes pais permanecessem ausentes no cumprimento de suas funções e tarefas, sendo pouco participativos no cuidado e na interação com os filhos.

A atenção destes pais estava voltada para a dependência química e a internação em centros de reabilitação para o tratamento levou P39 e P45a a se afastarem principalmente nos primeiros anos da vida dos filhos, sendo que os cuidados das crianças ficaram sob responsabilidade da mãe e dos avós maternos e paternos. No caso de P39, a mãe de seu filho também era usuária de droga e o cuidado do mesmo ficou sob responsabilidade somente dos avós paternos. A separação da mãe de seus filhos foi mencionada principalmente por P27, P31 e P32a como fator importante para este afastamento. Apesar de culparem a separação de casal, os entrevistados percebem a necessidade de uma convivência maior com os filhos para que consigam interagir de forma mais afetiva.

Houve uma tentativa de criar um vínculo afetivo com os filhos hoje, por parte de P45 e P39 buscando recuperar o tempo em que estiveram ausentes. No entanto, não conseguem boa receptividade por parte dos filhos, visto que eles não costumam procurar os pais com tanta frequência. Isto acabou gerando um sentimento de mágoa por parte dos pais, os quais cobram a presença dos filhos, que atualmente já são adolescentes. Estes pais se sentem perdidos para educar os filhos e tentam suprir a sua ausência compensando-os financeiramente. Também

pensam que perderam o direito de educar os seus filhos, pois acreditam que ao estabelecer limites e regras, estarão os afastando ainda mais do seu convívio.

Dentre os pais entrevistados, apenas dois (P32a, P45a) estava vivendo com sua companheira e com seus filhos e para eles, a interação com os filhos é bem difícil. Na relação entre eles há brigas e agressão física por parte do pai. Na percepção de P32a, para que seja possível estabelecer limites e regras ele precisa ser um pai “rígido”, ou seja, fazer muitas cobranças e colocar de castigo sempre que o filho o desobedece. Já P45a possui dificuldade para impor limites nas filhas e não consegue estabelecer uma relação afetiva com as mesmas, pois sempre que tenta estabelecer regras e normas acaba sendo agressivo.

Mesmo mantendo dificuldades para interagir com os filhos, no discurso, esses pais mostram certa preocupação em relação à qualidade de vida dos mesmos. Isto é identificado quando os entrevistados mencionam que se preocupam com a vida escolar dos filhos, com o envolvimento dos mesmos com substâncias ilícitas, bem como com o comportamento dos filhos perante amigos, vizinhos e familiares.

A Percepção do pai sobre as características e necessidades do(s) filho(s)

A fim de compreender as dificuldades que os pais encontram na interação com os filhos, foi questionado também sobre como eles vêem seus filhos e se conseguem identificar e atender as necessidades dos mesmos de forma a estabelecer um ambiente familiar favorável para um convívio afetivo. A maioria dos pais deste estudo (P27, P31, P32a, P39 e P45a) consegue perceber as características de seus filhos como sendo um fator que dificulta a relação entre eles e as utilizam para justificar suas ações agressivas. O comportamento rebelde das crianças foi o mais mencionado por todos os entrevistados, sendo considerado como um “comportamento difícil”, levando os pais a utilizarem formas agressivas, tanto física quanto psicológica, para a educação das crianças. Aqueles pais que se identificaram como ausentes na interação com os filhos sentem-se responsáveis pelos mesmos apresentarem este tipo de comportamento.

Quanto às necessidades dos filhos, todos os pais reconhecem que o afeto e o carinho são indispensáveis para uma interação afetiva e também destacam a necessidade de diálogo e acompanhamento freqüente. Porém nem sempre eles conseguem transmitir tais sentimentos e estabelecer este tipo de interação, criando um ambiente familiar conflituoso. No entanto, todos perceberam que em alguns momentos na vida dos filhos eles foram essenciais, seja no cuidado enquanto estavam doentes ou quando necessitaram de provimento financeiro. A compreensão das diferentes fases do desenvolvimento da criança também foi mencionada

como importante para que os pais identifiquem as necessidades dos filhos. Eles mencionam que para isso é preciso haver convivência entre pai e filhos.

Estes pais conseguem perceber as necessidades dos filhos, porém precisam estabelecer um contato maior com os mesmos a fim de se tornarem mais atuantes em relação aos seus papéis e tarefas paternos. Eles também conseguiram ser autocríticos a respeito de sua ausência na vida dos filhos, demonstrando dificuldade para estabelecer uma aproximação e até mesmo de exercerem suas funções paternas. Isto gerou uma falta de conhecimento a respeito do comportamento de seus filhos, que os impedia de responder apropriadamente em muitas situações em que eles estavam juntos, gerando certa desmotivação por parte do pai em ocupar seu espaço na vida do filho. Também interferiu de forma negativa para o estabelecimento de uma relação sensível entre pai e filho(s).

O pai na perspectiva de outras pessoas

Todos os pais participantes do estudo referem que os seus familiares os vêem como negligentes e agressivos e os identificam como responsáveis pelo comportamento rebelde dos filhos. P39 e P45a se reconhecem como negligentes e dão razão para os familiares, pois nunca conseguiram orientar seus filhos por meio do diálogo e acompanhá-los nas diferentes fases de seu desenvolvimento. Já P27 e P45b são contrários a posição de seus familiares, pois se consideram pais preocupados com as necessidades dos filhos. Os demais não demonstraram preocupação a respeito de como os familiares os vêem.

A imagem negativa que os familiares têm a respeito de seus comportamentos em relação aos filhos não estimulou estes pais a se tornarem mais presentes na vida dos filhos. A dificuldade que estes pais apresentam para estabelecer uma interação afetiva com os filhos vai além da opinião dos familiares e da simples vontade de mudarem seus comportamentos, pois não depende somente do desejo intrínseco do homem de ser um “bom pai”, implica também em valores e crenças adquiridos desde sua infância, na relação com seus pais, envolvendo também suas características pessoais e contextuais.

DISCUSSÃO

A caracterização dos participantes deste estudo vai ao encontro dos achados na literatura, ou seja, pai(s) joven(s) e que possuem baixa escolaridade. Estudo que avaliou a recorrência da violência intrafamiliar na infância com famílias chinesas em Hong Kong constatou que a maioria (79,8 %) dos pais (pai e mãe) agressores estava na faixa etária entre 40 e 54 anos; mais da metade dos homens possuíam nível fundamental incompleto.⁸Nos Estados Unidos, a faixa etária de 84,6% do(s) pai(s) agressor(es) variou entre os 20 a 49 anos.⁹Pesquisadores no sul do Brasil, ao traçarem o perfil do agressor, constataram que

grande parte deles (72,6%) era do sexo masculino e 38,8% apresentavam idades entre 30 a 40 anos.¹⁰

Quanto às interações com o(s) filho(s), a maioria dos pais manifesta dificuldades para compreender as diferentes etapas de desenvolvimento dos filhos e de interagir com os mesmos de forma afetiva. Todos eles acabam utilizando da violência física e psicológica para impor limites e respeito aos filhos. Na concepção destes pais, a criança já possui a noção do que é certo ou errado e por isso precisa ser punida toda a vez que desobedecer as regras estabelecidas pelos familiares. Estudo que se embasou nas crenças parentais para compreender o comportamento dos pais com seus filhos, afirma que este é fundamentado em idéias e crenças que direcionam a forma como interagir com as crianças e por isso, este tipo de concepção pode levar os pais agir de forma agressiva na educação do(s) filho(s).¹¹ Isto demonstra a ausência de envolvimento por parte destes pais na vida do(s) filho(s), dificultando o conhecimento sobre aspectos emocionais e cognitivos destes, fundamentais para uma interação positiva entre pai e filho(s).¹² Esta ausência refere-se a pais fisicamente e emocionalmente distantes.²

Outros estudos apontam que esta falta de envolvimento, além de dificultar a interação entre pai e filho(s) também leva o pai a ter pouca responsabilidade às necessidades do(s) filho(s), a serem intolerantes e a utilizar a agressão física na educação das crianças devido a pouca compreensão que possuem sobre o desenvolvimento das mesmas.¹³ Segundo estudiosos sobre o tema, este tipo de comportamento por parte do(s) pai(s) frequentemente são originários da sua história pessoal, cultural e das normas estabelecidas no espaço social.¹⁴ Pesquisa realizada com 1266 famílias que tinham o pai com comportamento agressivo com o(s) filho(s) no Canadá constatou que 21% dos pais tinham sido maltratados quando crianças.¹⁵ Sendo assim, esta forma de educar o(s) filho(s), ou seja, com violência física e psicológica, na concepção destes pais pode ser a mais correta, independente do que a sociedade preconiza como ideal.

A principal preocupação dos pais deste estudo está direcionada para a saúde física e o desempenho escolar dos filhos. Nenhum deles menciona preocupação com o desenvolvimento emocional dos filhos e em manter um ambiente tranquilo e sem conflitos, apesar de reconhecerem essas questões como necessidades importantes para o desenvolvimento das crianças e adolescentes. Isso acaba interferindo de forma negativa para o desenvolvimento de uma relação sensível entre a díade pai/filho e a existência de um relacionamento baseado no diálogo, afeto e carinho.¹⁶ Geralmente, o pai menos sensível às necessidades dos filhos, não consegue atender a todas essas demandas, pois ele possui menor controle emocional,

tendendo a empregar, com maior frequência, práticas agressivas e ser menos hábil nas questões voltadas para o bem-estar emocional das crianças.¹⁶ Este é um desafio constante enfrentado por estes pais em relação a disciplina do(s) filho(s).¹⁷

Os pais participantes desta pesquisa que não moram com seu(s) filho(s), conseguiram reconhecer que sua ausência pode ser prejudicial para os filhos, porém a maior influência para que eles não consigam mudar esta realidade foi o uso abusivo de álcool e drogas. Mencionam também que a convivência com o filho pode ser benéfica para que ele consiga identificar as diferentes etapas do desenvolvimento da criança e conseguir compreendê-las. O tempo que o pai compartilha em família, principalmente com o(s) filho(s), é um aspecto importante para compreender o desenvolvimento de um relacionamento sensível dentro do contexto familiar, pois permite a ele fazer um acompanhamento progressivo das diferentes etapas do desenvolvimento da criança, auxiliando no conhecimento das necessidades e prioridades da mesma. Assim, quanto maior for o tempo de convivência do pai com a família, maior será seu engajamento na rotina do filho, permitindo uma continuidade nas interações estabelecidas entre a díade.¹⁸

As características das crianças foram mencionadas pelos pais como um fator que dificulta sua interação com o(s) filho(s). A rebeldia foi designada como um comportamento difícil e que interfere diretamente na forma como o pai irá reagir diante da criança. A literatura aponta que há uma relação entre este tipo de comportamento e a dificuldade dos pais manterem uma interação positiva com o(s) filho(s). Pais que percebem o(s) filho(s) como rebelde(s) tendem a interagir menos e ser menos responsivos a ele(s).¹⁹ Já a criança mais sociável, sorridente, tende a ter interações mais positivas com seus genitores, pois reforça o comportamento deles com seu temperamento positivo.¹⁹

Ao considerarem a opinião de seus familiares sobre a paternidade, os participantes desta pesquisa mencionam que seus pais e irmãos pensam que eles são negligentes e agressivos com o(s) filho(s). Isso permitiu uma autoreflexão sobre a melhor forma de estabelecer práticas educativas que favoreçam um convívio afetivo com o(s) filho(s). Além disso, conhecer a opinião de outras pessoas sobre a própria paternidade deixa transparecer o que está sendo esperado do homem quanto ao exercício de seus papéis e tarefas paternos, ou seja, na contemporaneidade, espera-se do homem maior sensibilidade e o exercício de uma paternidade mais participativa. Ao mesmo tempo, para que seja possível o homem ser mais participativo e sensível na interação com o(s) filho(s) é necessário, primeiramente a vontade do pai em mudar seu comportamento e também que a família e a sociedade o reconheçam com tal capacidade em meio à complexidade do exercício da paternidade.^{20,21}

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste estudo possibilitaram compreender que há grande dificuldade por parte do pai em se aproximar dos filhos e estabelecer uma interação afetiva com os mesmos. A forma mais utilizada de interação é por meio da agressão física e psicológica, o que na concepção destes pais, é a mais correta na educação das crianças. No entanto, eles conseguem identificar que a principal necessidade dos filhos é manter um convívio mais próximo com o pai e que a ausência paterna foi prejudicial para a relação de ambos, causando uma carência afetiva nos filhos, a qual eles não se sentem com capacidade de suprir. Isso demonstra a dificuldade destes homens para exercer as funções e tarefas paternas, de forma a estabelecer um convívio estável e sem conflitos com os filhos.

O fato desses pais serem conscientes que a família possui uma opinião negativa sobre seus comportamentos com os filhos, de certa forma, influenciou para que eles percebessem a importância do papel que desempenham na vida dos mesmos e de que precisam compreender melhor o exercício da paternidade. Por outro lado, não influencia para mudarem o comportamento, pois diante da dificuldade que apresentam para interagir de forma afetiva com os filhos, cria-se a necessidade de estimular sua autoconfiança, identificar suas qualidades paternas para que eles consigam perceber que a mudança de comportamento com os filhos pode trazer benefícios para um convívio familiar menos conflituoso.

Enfatizar os pontos fortes e interesses dos homens, em vez de suas deficiências, valorizando suas ações e esforços, pode ajudar a identificar outras qualidades paternas que são positivas na educação dos filhos. Neste sentido, chama-se a atenção dos profissionais de saúde, principalmente os enfermeiros, na concretização de ações voltadas para a escuta e apoio dos homens no exercício da paternidade, evitando um pré-julgamento de seu comportamento com os filhos. Para isso é fundamental que o enfermeiro estabeleça um vínculo com esses pais, a fim de conhecer o contexto ao qual ele está inserido, suas características pessoais e como seu comportamento paterno influencia nas interações com os filhos.

REFERÊNCIAS

- 1 Lent R. Cem bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociência. 2ª ed. São Paulo: Atheneu; 2010.
- 2 Fleming J, King A. A road less travelled: working with men as fathers in family based services. *developing practice*. 2010; 26: Spring.
- 3 Asla N, Paúla J de, Pérez-Albénizb A. Emotion recognition in fathers and mothers at high-risk for child physical abuse. *Child Abuse & Neglect*. 2011; 35:712– 721.

- 4 Zanoni L, Warburton W, Bussey K, McMaugh A. Child protection fathers' experiences of childhood, intimate partner violence and parenting. *Children and Youth Services Review*. 2014; 46: 91–102.
- 5 Yin RK. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 4Ed., 2010. 248p.
- 6 Sadler GR et al. Research article: recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. *Nursing & Health Sciences*. 2010; 12: 369-374.
- 7 Moraes R.; Galiazzi MC. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí. 2011. 224p
- 8 Chan KL. Children exposed to child maltreatment and intimate partner violence: A study of co-occurrence among Hong Kong Chinese families. *Child Abuse & Neglect*. 2011; 35: 532–542.
- 9 National Child Abuse and Neglect Data System. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Administration on Children, Youth and Families, Children's Bureau. (2012). *Child Maltreatment, 2011*.
- 10 Martins CBG, Jorge MHPM. Violência física contra menores de 15 anos: estudo epidemiológico em cidade do sul do Brasil. *Rev Bras Epidemiol*. 2009; 12(3): 325-37.
- 11 Kobarg APR, Sachetti VAR, Vieira ML. Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 2006; 16(2):96-102.
- 12 Cia F, Barham EJ. Como se tornar um pai presente: impactos de um grupo de pais. *Psicol. Argum*. 2014 Jan-Mar; 32 (76): 139-150.
- 13 Scott KL, Lishak V. Intervention for maltreating fathers: Statistically and clinically significant change. *Child Abuse & Neglect*. 2012; 36: 680– 684.
- 14 Lacharité C. L'expérience paternelle entourant la naissance sous l'angle du discours social. *Enfances, Familles, Générations*. 2009;11: i-x.
- 15 Dufour S, Lavergne C, Larrivée MC, Trocmé N. Who are these parents involved in child neglect? A differential analysis by parent gender and family structure. *Children and Youth Services Review*. 2008; 30(2): 141–156.
- 16 Bortolini M, Andretta I. Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. *Psicol. Argum*. 2013 Abr-Jun; 31(73): 227-235.
- 17 De Antoni C, Barone LR, Koller SH. Indicadores de Risco e de Proteção em Famílias Fisicamente Abusivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2007 Abr-Jun; 23 (2): 125-132
- 18 Bronfenbrenner U, Morris PA. The ecology of developmental process. In: Damon W, Sigel, IE, Renninger KA. eds. *Handbook of child psychology*. New York: John Wiley & Sons; 1998. p. 993-1027.

19 Patias ND, Siqueira AC, Dias ACG. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. *Mudanças – Psicologia da Saúde* Jan-Jun 2013; 21(1): 29-40.

20 Bornholdt EA, Wagner A, Staudt ACP. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psic. Clin.* 2007; 19 (1): 75 – 92.

21 Freitas WMF, Silva ATMC, Coelho EAC, Guedes RN, Lucena KDT, Costa APT. Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev Saúde Pública* 2009;43(1):85-90.

6.3 Artigo 3

Estratégias de cuidado de enfermagem com o pai agressor
Nursing care strategies with the abusive father
Las estrategias de atención de enfermería con el padre abusivo

Maria Emilia Nunes Bueno⁶

Mara Regina Santos da Silva⁷

⁶ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem/Saúde da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Rio Grande (RS), Brasil. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa de Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES). Rua: Andrade Neves, 343. Centro. Rio Grande/RS. CEP: 96200-140. Email: me_bueno@yahoo.com.br

⁷ Doutor, Professor Associado, Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Brasil.

RESUMO

Objetivo: elaborar estratégias para o cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que apresentam comportamento agressivo com o(s) filho(s). **Método:** estudo qualitativo realizado com sete pais, com idades entre 27 a 45 anos, que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s). Para a coleta de dados, que ocorreu de julho/2014 a março/2015, foram realizadas entre duas e dez entrevistas com cada participante, perfazendo um total de 56 horas. Os dados foram submetidos à análise textual discursiva. **Resultados:** as estratégias para o trabalho com o pai incluem a conscientização do enfermeiro no trabalho com o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s); aproximação do enfermeiro com o(s) pai(s) e sua família; identificação das necessidades prioritárias e dos recursos pessoais e contextuais do(s) pai(s) com comportamento agressivo. **Conclui-se** que o trabalho de enfermagem com estes pais demanda articulação com outros profissionais e reconhecimento que o comportamento agressivo das pessoas não determina sua identidade.

Descritores: paternidade, enfermagem, Relações pai-filho.

ABSTRACT

Objective: to elaborate strategies for care on nursing with fathers that present aggressive behavior with their children. **Method:** it is a qualitative study carried out with seven fathers, who aged 27 to 45 years old and also manifested aggressive behavior with their children. Data was collected from July 2014 to March 2015, using a sequence of 56 hours of interviews, which were submitted to discursive textual analysis. **Results:** the strategies to work with the father included the nurse's awareness when working with fathers that manifest aggressive behavior with their children; the closeness towards the father and his family by the nurse; identification of major needs and personal and contextual resources of the fathers that manifest aggressive behavior. **It was concluded** that the nursing work with these parents demand articulation with other professionals and recognition that the aggressive behavior of people does not determine your identity.

Descriptors: Paternity; Father-Child Relations; Nursing

RESUMEN

Objetivo: elaborar estrategias para el cuidado de enfermería con padres que presentan comportamiento agresivo con los hijos. **Método:** estudio cualitativo realizado con siete padres, con edades entre 27 y 45 años, que manifestaran comportamiento agresivo con los hijos. Los datos fueron recolectados entre julio de 2014 y marzo de 2015, utilizando una secuencia de 56 horas de entrevistas y sometidos al análisis textual discursiva. **Resultados:** las estrategias para el trabajo con el padre incluyen la concientización del enfermero en el trabajo con los padres que manifiestan comportamiento agresivo con los hijos; aproximación del enfermero con los padres y su familia; identificación de las necesidades prioritarias de los padres y de los recursos personales y contextuales de los padres con comportamiento agresivo. **Se concluyó** que el trabajo de enfermería con estos padres exigen la articulación con otros profesionales y reconocimiento de que el comportamiento agresivo de las personas no determina su identidad.

Descriptores: Paternidad; Relaciones Padre-Hijo; Enfermería

Introdução

A violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes é detectada de forma expressiva na rotina de trabalho dos profissionais de saúde, em particular do enfermeiro que, geralmente, mantém um contato mais próximo com as famílias. Nessa situação, a atuação desse profissional exige uma atenção primordial à unidade familiar como um todo, incluindo a pessoa que assume o papel de agressor. No entanto, ao perceber este problema, o enfermeiro nem sempre consegue desenvolver ações que possam sensibilizar e envolver todos os membros da família em um projeto de mudança de seus próprios comportamentos⁽¹⁾, particularmente quando o pai é o principal agressor.

Ao redor do mundo, o homem tem sido apontado como um dos principais autores da violência intrafamiliar contra os filhos⁽²⁻⁴⁾. Nos Estados Unidos, do total de casos de violência notificados ao Serviço de Proteção à Criança no período de 2009 a 2011, 84% ocorrem no contexto intrafamiliar, tendo o pai como principal autor das agressões⁽⁴⁾. De acordo com o quarto estudo de incidência sobre abuso e negligência de Washington, o pai biológico é responsável por 48% dos abusos físicos e 80% dos abusos sexuais praticados contra crianças e adolescentes⁽³⁾. Em Hong Kong, estudo realizado com famílias chinesas sobre a recorrência da violência intrafamiliar, constatou que o pai foi o principal responsável pelas agressões físicas, psicológicas e negligência contra seus filhos⁽⁵⁾. Na Suécia, dentre os casos de violência intrafamiliar notificados no departamento de polícia, o pai se sobressai como principal agressor, responsável pela violência física contra crianças⁽⁶⁾.

No Brasil, de acordo com os atendimentos realizados no Sistema Único de Saúde – SUS, no ano de 2011, o pai foi o responsável por 23,5% das agressões físicas contra os filhos menores de um ano de idade e 19,5% das agressões sexuais na faixa etária entre 1 a 4 anos de idade⁽⁷⁾. Em São Paulo, estudo que examinou as agressões físicas ocorridas no ambiente familiar no período de 2001 a 2005, constatou que o pai se destacou como o principal agressor⁽⁸⁾. No Paraná, outro estudo sobre o perfil de casos notificados de violência física contra menores de 15 anos constatou que em 48,8% dos casos de violência o pai foi o agressor principal⁽²⁾. Em Fortaleza/CE, em um estudo realizado com crianças e adolescentes que sofreram violência dos pais ou outros familiares também constatou que o pai biológico foi o principal agressor⁽⁹⁾.

Embora esses dados evidenciem a necessidade do pai constituir-se como objeto de estudo e de intervenção, no Brasil, as experiências de trabalho dirigido aos pais com histórico de comportamento agressivo com os filhos ainda é muito incipiente. Inúmeras razões dificultam esse tipo de trabalho. Dentre essas, alguns autores apontam as características que influenciam o comportamento agressivo, incluindo o fato do pai ser menos responsivos às necessidades dos filhos; interagirem pouco com eles; mostram-se intolerantes e inclinados a usar a punição física; além de terem pouco conhecimento sobre o desenvolvimento da criança⁽¹⁰⁾. Estas características são associadas ao fato desses homens conhecerem pouco as necessidades físicas e emocionais dos filhos, o que acarreta em dificuldade para compreender o comportamento das crianças, para se relacionar com elas⁽¹¹⁾ e, conseqüentemente, para reconhecerem a necessidade de ajuda para mudar seu comportamento.

O desconhecimento do pai em relação às necessidades da criança e adolescentes repercute negativamente na família, podendo comprometer o comportamento social e emocional dos filhos, bem como o desenvolvimento cognitivo dos mesmos, com conseqüente redução do desempenho escolar, e de forma mais ampla, da autoestima dos membros da família⁽¹¹⁾. Repercute, também, dificultando a manutenção dos vínculos afetivos, além de gerar insegurança e isolamento social⁽¹²⁾.

Da mesma forma, um conjunto de características pessoais do agressor também pode estar associado a violência intrafamiliar, dentre essas a baixa autoestima, depressão, ansiedade e comportamento anti-social do pai, ou seja, um comportamento que transgride as normas da sociedade⁽¹²⁾. Essas características contribuem para que os pais se tornem propensos a negligenciar as necessidades de seus filhos, a não se responsabilizarem com o provimento financeiro dos mesmos, podendo colocar em risco a saúde e a segurança de toda a família. Além disso, pode influenciar direcionando para a escolha de uma disciplina rígida e agressiva⁽¹¹⁾.

Outras situações que também podem contribuir para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes, são conflitos conjugais, violência doméstica, pobreza, desemprego, dificuldade financeira e exclusão social⁽¹¹⁾. Embora essas situações isoladamente não possam ser responsabilizadas pela violência, elas freqüentemente influenciam de forma negativa o funcionamento familiar, podendo exacerbar certas características como a hostilidade, ansiedade ou depressão, o que também agrava o nível de conflito familiar⁽¹³⁾.

O enfermeiro que trabalha com o pai agressor precisa levar em consideração que a agressão é desencadeada por diferentes fatores e que, em sua maioria, não determinam a identidade de uma pessoa. O rótulo de “agressor” estigmatiza levando a uma identidade

deteriorada. Por essa razão é preciso considerar que estes homens também são pessoas que vivem em sociedade, trabalham e podem manter relações afetivas com seus filhos. São pessoas capazes de rever seus comportamentos e assumir um processo de mudança, para o qual necessita de apoio.

Desta forma, o estímulo à mudança de comportamento do pai agressor pode ser efetivo na medida em que pode modificar a percepção desse homem em relação às necessidades e prioridades das crianças, e também quando ele começa a ter uma autopercepção da importância de seu papel para o desenvolvimento de seu(s) filho(s). Estudo realizado na Austrália sobre a autopercepção da paternidade mostrou que os pais que recebiam apoio para o desenvolvimento de suas funções e que passavam maior tempo com seus filhos, possuíam uma relação mais sensível e eram mais propensos a perceberem a si mesmos como melhores pais⁽¹⁴⁾.

Diante destas informações, constata-se a necessidade de haver um maior envolvimento por parte dos profissionais da saúde com as famílias que necessitam de apoio para o exercício da paternidade, mais especificamente para inserir o pai nas ações direcionadas para a reconstrução das relações intrafamiliares, prevenindo a violência. A realização deste tipo de cuidado é ainda muito incipiente e não faz parte do cotidiano das famílias brasileiras, principalmente quando se refere ao homem, o que de certa forma, justifica a ausência ou recusa do mesmo em aderir a estas ações⁽¹⁴⁾.

Para este tipo de cuidado a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano⁽¹⁵⁾ é uma referência teórica plausível, pois permite o conhecimento e a compreensão das interações vivenciadas pelo pai nos diferentes contextos que está inserido, como por exemplo, família, trabalho, comunidade e serviços de saúde. Possibilita, também, compreender como estes contextos influenciam o desempenho de seu papel na família. Ademais, abre a possibilidade de examinar a relação entre pai e filho(s) associando-a às experiências de vida do pai, a qual é influenciada pelas interações que vivencia em outros contextos além da família.

É no microcontexto familiar, como aborda a Teoria Bioecológica, que se estabelece o vínculo entre pai e filho(s), mas é também neste mesmo espaço relacional que se iniciam as relações conflituosas, capazes de gerar situações de violência entre eles. Considerar o pai com a complexidade de seu papel e sua forma de coexistir neste contexto, assim como as implicações deste tipo de relação para todos os membros da família pode auxiliar o pai a mudar seu comportamento com os filhos. Pode ser possível, também, fortalecer os vínculos entre pai e filho(s) e contribuir para o desenvolvimento de uma interação mais afetiva, baseada no diálogo e no afeto entre eles⁽¹⁵⁾.

Este estudo apresenta como objetivo elaborar estratégias para o cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que apresentam comportamento agressivo com o(s) filho(s).

Método

Estudo exploratório, descritivo com abordagem qualitativa, do qual participaram sete pais na faixa etária entre 27 e 45 anos, que manifestavam comportamento agressivo com o(s) filho(s), tanto físico quanto psicológico ou negligência. Foram excluídos os pais com histórico de abuso sexual, por entender que neste tipo de violência o homem não estará em contato permanente com os filhos, pois de acordo com a Lei 8.072, de 25 de julho de 1990, o abuso sexual passou a ser considerado crime hediondo com cumprimento de pena em unidade prisional.

Para preservar o anonimato, esses pais foram identificados por meio de um código representado pela letra “P”, seguida de um número que expressa sua idade cronológica. Dois participantes tinham a mesma idade. Neste caso, foi acrescentada a letra “a” ou “b”, para diferenciá-los.

Uma vez que o fenômeno em estudo envolve a violência contra crianças e adolescentes, tendo o pai como principal agressor, cabe destacar a dificuldade enfrentada para o recrutamento dos participantes da pesquisa. Os primeiros contatos para localizá-los e recrutá-los ocorreram somente após um processo de busca que perdurou por aproximadamente um ano. Dentre os motivos que podem explicar essa dificuldade está o fato desses pais terem pouca ou nenhuma aproximação com os profissionais dos serviços de proteção à infância e com as escolas onde os filhos estudavam, locais onde foram feitas as primeiras tentativas de recrutamento. Observou-se que, em geral, os profissionais se retraem e não fornecem informações por medo de retaliação ou por convicção de que a relação pai e filho, seja ela de natureza violenta ou não, é um assunto privativo da família. Para superar tais dificuldades, foi necessário utilizar a estratégia “bola de neve”⁽¹⁶⁾, na qual um pai indicou outro que, de acordo com sua percepção, manifestava comportamento agressivo com os filhos. Somente o primeiro pai entrevistado foi indicado por professores de uma escola do município.

A coleta de dados iniciou em julho de 2014 e finalizou em março de 2015. Utilizou-se a entrevista semi-estruturada, realizada nas dependências do grupo de pesquisa, ao qual este estudo está vinculado. Estas entrevistas foram orientadas por um roteiro previamente elaborado, constituído por três etapas: a primeira voltada para a caracterização dos respondentes; a segunda centrada nos processos vivenciados pelo pai em diferentes contextos e a terceira voltada para a reflexão sobre o cotidiano da relação pai/filho(s). Na terceira etapa

foi incluído, como recurso estratégico para sensibilização do(s) pai(s) e abordagem do tema, um conjunto de vídeos montados com cenas extraídas de filmes de domínio público, que retratavam as relações familiares, em momentos bons e momentos difíceis.

Nesta terceira etapa, de base reflexiva, inicialmente, o diálogo e a reflexão estavam centrados no comportamento agressivo manifesto pelos personagens projetados nos vídeos. Posteriormente, de forma gradativa, o comportamento do próprio pai foi sendo abordado até culminar na reflexão sobre os principais obstáculos que interferem na relação com seu(s)filho(s); as necessidades prioritárias da família e as suas individualmente; os recursos existentes em seu entorno que podem ajudá-lo no processo de reconstrução da relação com os filhos; as potencialidades que o homem identifica na sua própria família e na relação com o(s) filho(s) particularmente.

O tempo gasto para a projeção do conjunto de vídeos e a discussão sobre os mesmos, em cada encontro, foi de uma hora e trinta minutos. Foram realizados entre dois e dez encontros com cada participante, todos gravados com o consentimento dos mesmos, perfazendo um total de 56 horas. As cenas retratadas nos vídeos foram selecionadas com base na literatura que elenca inúmeras situações e/ou fatores envolvidos no fenômeno violência intrafamiliar, mas utilizando como critério de exclusão as mensagens de natureza puramente condenatórias, uma vez que reconhecidamente esses pais são pessoas de difícil abordagem.

Esta estratégia metodológica foi utilizada para facilitar a aproximação cognitiva e emocional do pai com o problema da violência, de forma gradativa, ou seja, inicialmente visualizando o problema nos personagens e só mais tarde abordando as experiências de agressão com seus próprios filhos. É, também, uma estratégia que possibilita mostrar ao pai que ele não é a única pessoa que enfrenta problemas dessa natureza.

Além de possibilitar uma reflexão sobre as necessidades/dificuldades encontradas pelos pais nas relações com os filhos, essa estratégia metodológica propiciou a discussão sobre a rede de apoio que poderia ser utilizada para auxiliar o pai a gerenciar as situações de conflitos com os filhos. Dentre os componentes da rede de apoio, cabe destacar a importância dos profissionais de saúde, especialmente o enfermeiro. Nesse sentido, a partir dos depoimentos dos participantes, foi possível elaborar estratégias para o trabalho de enfermagem com o pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s).

As informações obtidas foram tratadas de forma ética e fielmente transcritas, sem interferência de pré-julgamentos, garantindo o anonimato e respeitando todos os preceitos éticos e legais que regem a pesquisa com seres humanos, estabelecidos pela Resolução 466/12

do Conselho Nacional de Saúde. O estudo recebeu uma certificação ética sob o número 79/2014.

A análise dos dados⁽¹⁷⁾ compreendeu as seguintes etapas: desmontagem das entrevistas, identificando e codificando cada fragmento destacado, correspondente as falas dos pais. Posteriormente, passou-se à construção de relações entre as referidas unidades de análise, comparando-as e agrupando os elementos semelhantes em um processo de ordenação, respeitando o contexto no qual aconteceram, sendo que predominaram as experiências de forma direta ou, conforme refere Bronfenbrenner, face a face, vivenciadas no contexto da família de origem. A partir desse processo foram identificadas algumas referências para o trabalho de enfermagem com o pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s).

Resultados

Caracterização dos respondentes

A faixa-etária dos participantes do estudo variou entre 27 a 45 anos, seis deles possuíam ensino fundamental incompleto e apenas um possuía o ensino médio incompleto. Quatro pais possuíam apenas um filho, dois possuíam dois filhos e apenas um possuía três filhos. Quanto ao estado civil, cinco participantes viviam em união estável e dois estavam solteiros. No que se refere a profissão, dois pais realizam serviços gerais e os demais eram moto-taxista, operador de máquinas, pescador, tatuador, agricultor e autônomo. Todos trabalham em média 50 horas semanais. Dos sete pais, três não moram com os filhos e têm contato esporádico com os mesmos.

Quatro pais referiram fazer uso de substâncias ilícitas como maconha, cocaína e crack e também foram alcoolistas. Somente dois deles realizaram tratamento e conseguiram se recuperar da dependência. Para eles, este foi um dos principais motivos do afastamento do cuidado dos filhos e das atitudes agressivas na educação dos mesmos. Neste período receberam o apoio da família e da mãe de seus filhos para o cuidado das crianças. Aqueles pais em união estável têm um relacionamento conjugal conflituoso, com brigas e discussões que muitas vezes são presenciadas pelos filhos.

O cuidado de enfermagem com o pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s).

Os resultados desse estudo sugerem que a organização do trabalho de enfermagem com o pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s), precisa incluir, no mínimo, quatro etapas, cada uma sustentada em uma base teórica definida pela própria natureza do fenômeno em foco, ou seja, a violência do pai dirigida ao(s) filho(s). A tabela

abaixo esquematiza essas etapas, mostrando especificamente a estratégia utilizada e a justificativa para cada uma das ações realizadas.

Tabela 1: Estratégias de cuidado de enfermagem com o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s).

Etapas	Estratégia	Justificativa
Primeira Etapa	Conscientização do enfermeiro quanto a necessidade de cuidado dirigido ao pai que manifesta comportamento agressivo com o(s) filho(s).	O cuidado na área da enfermagem, voltado para o(s) pai(s) com comportamento agressivo com o(s) filho(s), exige do profissional a conscientização de que tanto a vítima, quanto o agressor necessitam de condutas terapêuticas e de assistência. Entretanto, o enfermeiro precisa levar em consideração o agressor como um sujeito com potencial para mudar seu comportamento na relação com seu(s) filho(s). Esta conscientização envolve refletir sobre a experiência de ser pai, resgatar questões que o levem a perceber o impacto de seu comportamento para o(s) filho(s) e para o convívio familiar, responsabilizando-o pelo impacto de seu comportamento sobre a saúde e o desenvolvimento do filho, mas sem julgamentos de natureza culpabilistas. Desta forma, é importante que as ações desenvolvidas não sejam sustentadas em julgamentos e atitudes que desqualifiquem os pais frente aos filhos, pois esta atitude pode reprimir a criação de um processo relacional dinâmico entre o pai agressor e o profissional. Pode também inibir o desenvolvimento de ações que orientem a realização das funções paternas de forma positiva, contribuindo para o bom relacionamento entre pais e filhos. Esta conscientização por parte do enfermeiro permite o resgate, o fortalecimento e a manutenção de relações positivas entre o pai e os filhos, auxiliando a superar as dificuldades enfrentadas no cotidiano familiar e a mudar o comportamento agressivo do homem.
Segunda Etapa	Aproximação do enfermeiro com o(s) pai(s)	Considerando a necessidade premente de os profissionais de saúde em geral, e da enfermagem especificamente, se ocuparem desses pais, incluindo-os como foco da assistência, é necessário a busca e a utilização de conhecimentos e metodologias que facilitem a aproximação do enfermeiro com o pai agressor e a manutenção desta aproximação pelo tempo que for necessário. Estrategicamente, é preciso criar um espaço de diálogo e reflexão onde o(s) pai(s) possa(m) expressar suas experiências e refletir sobre a maneira como se relaciona(m) com o(s) filho(s). Podem ser utilizadas como técnicas para abordagem do assunto, as entrevistas individuais e material áudio visual semelhante ao utilizado neste estudo que incluía um conjunto de vídeos contendo fragmentos de cenas que retratam o cotidiano familiar em momentos bons e momentos difíceis das relações entre pai e filho(s). As entrevistas são espaços individuais de relação com o enfermeiro, durante as quais o pai é estimulado a refletir sobre sua história de vida e relatar

		<p>acerca da(os): relação com seu próprio pai e a relação com seu(s) filho(s), ou seja, refletir sobre sua própria experiência como filho e como pai; a maneira como percebe seus filhos (quem são e como os vê); o que ele acredita que seus filhos e sua companheira pensam dele como pai (progressivamente é estimulado a expressar, também, o que acredita que outras pessoas do seu círculo de amizade e os profissionais pensam dele como pai); os obstáculos que ele encontra no desempenho de seu papel de pai; os apoios que recebe para exercer as funções de pai; os ensinamentos e lições de vida que o pai gostaria de transmitir aos seus filhos; os bons momentos vividos com o(s) filho(s). Pode-se Solicitar ao pai descrever coisas que ele faz com o(s) filho(s) que considera bem feitas e refletir sobre como ele se percebe nesses momentos e o que contribui para que o momento sejam bons; também momentos difíceis vividos com o(s) filho(s). Igualmente pode-se solicitar que o pai reflita sobre como ele se percebe nesses momentos e o que contribui para que o momento se torne difícil. Paralelamente, a utilização de material áudio visual retratando as relações familiares, em momentos bons e momentos difíceis possibilita a reflexão sobre a natureza e os efeitos do comportamento agressivo inicialmente de outros pais vividos nos personagens e só posteriormente, de forma gradativa, examinar o seu próprio comportamento como pai. É, pois, um processo gradativo de aproximação e confronto com seu próprio comportamento que cria a possibilidade de culminar na reflexão sobre: a) os principais obstáculos que interferem na relação com seu(s) filho(s); b) as necessidades prioritárias da família e as suas individualmente; c) os recursos existentes em seu entorno que podem ajudá-lo no processo de (re)construção da relação com os filhos; d) as potencialidades/fortalezas que identifica na sua própria família e na relação com o(s) filho(s) particularmente. A prioridade quando trabalhamos com os pais que tem histórico de agressão contra os filhos, não é emitir julgamentos, mas, fundamentalmente, criar oportunidades para que estes possam reconstruir a relação com seu(s) filho(s). Para isso, é necessário reconhecer e gerenciar as barreiras e limitações que se apresentam em um trabalho dessa natureza. E, entre as mais proeminentes está justamente a aproximação entre esses pais e os profissionais que trabalham nos serviços que têm a responsabilidade de proteger as crianças e adolescentes vítimas de violência.</p>
Terceira Etapa	Identificação das necessidades prioritárias do(s) pai(s) com comportamento agressivo	<p>Esta etapa preconiza realização de uma avaliação das necessidades que o pai considera prioritárias quando o foco é reconstruir a relação com o(s) filho(s). Necessariamente implica no desenvolvimento de um trabalho adaptado para a realidade e o contexto de vida deste pai, considerando as razões. Implica em dar atenção para a forma como o pai interage com seus filhos, considerando nesta relação, o que de fato orienta este pai a estabelecer um convívio de conflito com os mesmos. Esta é uma maneira de ajudar o pai a compreender que seu comportamento dificulta as relações familiares, principalmente com os seus filhos.</p>

		Entretanto, torna-se necessário a troca de informações, o respeito mútuo entre profissional e o pai e a tomada de decisão deve ser a que melhor se ajuste às necessidades do mesmo.
Quarta Etapa	Identificação dos recursos pessoais e contextuais que o pai percebe como fonte de apoio.	Envolve a identificação dos recursos que o pai reconhece como capazes de lhe dar apoio no processo de superar as dificuldades no relacionamento com os filhos. Como exemplo pode-se citar a rede de suporte social deste pai, a qual pode se tornar importante aliada nestas situações. Pode ser considerada rede de suporte social os serviços de saúde, a família extensa, os amigos, os vizinhos, entre outros. A integração do pai com uma rede social verdadeiramente engajada com seus problemas pode ajudá-lo a reduzir ou neutralizar os efeitos negativos do seu comportamento agressivo. Outro exemplo de recurso seria a própria capacidade deste pai para mudar seu comportamento, incluindo o desejo e a motivação para a mudança. Isso implica na observação das características pessoais do pai, tais como a habilidade necessária para gerir as situações de conflitos com os filhos, bem como a revisão da concepção de educação dos filhos, a capacidade de colocar limites sem a necessidade de utilizar agressão física ou psicológica contra os mesmos. É importante que o enfermeiro perceba que tais características, muitas vezes, necessitam ser estimuladas, pois muitos pais são capazes de desenvolvê-las, porém necessitam de um estímulo externo para tanto, ou seja, auxílio profissional capaz de instigar uma reflexão voltada para a mudança de comportamento por meio da utilização de seus próprios recursos.

Discussão

Os cuidados de enfermagem com o pai que manifesta comportamento agressivo contra o(s) filho(s) buscam prioritariamente a reconstrução, de forma global, da experiência de tornar-se pai, relegando o rótulo de agressivo. Entretanto, é preciso ter claro que esta finalidade requer um longo trabalho de acompanhamento no qual a continuidade é fundamental, não envolvendo somente o pai, mas com toda a família⁽¹⁸⁾. Assim, o tempo e o envolvimento de toda a família são pré condições para que se possa realizar ações mais resolutivas na rede de proteção às vítimas de violência.

A primeira etapa da metodologia de cuidado proposta neste estudo possibilita ao enfermeiro conhecer o pai com histórico de agressão contra os filhos e buscar uma forma de aproximação com o mesmo. Esta consiste em uma etapa fundamental, principalmente quando se está tratando de violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes praticada pelo pai. Este tende a interpretar o trabalho dos profissionais da área da saúde como um risco de julgamento e condenação por seu comportamento violento contra o(s) filho(s). Tal concepção

dificulta o primeiro contato dos profissionais com este pai, o qual, muitas vezes, considera a violência física e psicológica como uma maneira de educar os filhos. Por consequência, ele não observa este tipo de trabalho como uma forma de apoio ou ajuda para mudar seu comportamento⁽¹⁹⁾.

Entretanto, a maneira como é realizada a abordagem com esses pais pode ser primordial para o estabelecimento ou não de um vínculo de confiança recíproco entre eles e o enfermeiro. Desta forma, é importante não haver senso de julgamento e desqualificação das atitudes dos pais frente aos filhos, pois esta atitude pode reprimir a criação de um processo relacional dinâmico entre o pai agressor e o profissional. Pode também inibir o desenvolvimento de ações que orientem a realização das funções paternas de forma positiva, contribuindo para o bom relacionamento entre pais e filhos⁽²⁰⁾.

É preciso focar no planejamento de ações que necessitam ser implementadas a fim de que o enfermeiro consiga realizar um cuidado direcionado para este(s) pai(s). Traçar estratégias capazes de orientar o(s) pai(s) na interação com o(s) filho(s), considerando os fatores que levam a instabilidade familiar, bem como a disponibilidade deste(s) pai(s) para receberem ajuda profissional; os recursos estruturais do serviço, tanto físicos como humanos; avaliar as possibilidades de realização de um trabalho individual ou coletivo, considerando as características e prioridades dos pais. Assim é possível estabelecer um processo relacional evolutivo e dinâmico, com ações destinadas a permitir o desenvolvimento das funções paternas de forma positiva, contribuindo para o bom relacionamento entre pai e filho(s). Neste sentido, as ações englobam também a companheira, o(s) filho(s), ou seja, o microsistema familiar.⁽²¹⁾

A terceira etapa, a qual engloba a identificação das necessidades e prioridades do pai, envolve o desenvolvimento da capacidade de escuta, orientações, diálogo com o(s) pai(s) sobre o seu comportamento diante da educação dos filhos. Esta seria uma forma de trabalho que possibilita a identificação e compreensão das necessidades e prioridades dos pais, bem como das dificuldades encontradas para o desenvolvimento do papel paterno. Também possibilita o conhecimento e a compreensão das interações vivenciadas pelo pai nos diferentes contextos que está inserido (família, trabalho, comunidade, serviços de saúde) e, fundamentalmente, como essas influenciam o desempenho de seu papel na família⁽²²⁾.

Diante de tais constatações, a quarta etapa do trabalho com este(s) pai(s) está direcionada para a identificação dos recursos do pai, que permitem responder às suas necessidades. Os recursos podem estar ligados à rede de suporte social que este pai possui, tornando-se uma importante aliada nessas situações. A integração do pai com uma rede social

verdadeiramente engajada com os problemas do mesmo pode ajudá-lo a mudar seu comportamento na interação com o(s) filho(s), reduzindo ou neutralizando a violência intrafamiliar⁽²³⁾.

Com a realização destas etapas de cuidado é possível o enfermeiro fornecer condições para que o pai com histórico de agressão contra os filhos possa compreender questões importantes para a interação com os filhos, como por exemplo, o reconhecimento de que a violência física ou psicológica não são as únicas formas de educar crianças e adolescentes e uma interação afetiva com os filhos pode contribuir para o bem estar e desenvolvimento de todos os membros da família.

Conclusão

A realização de um cuidado direcionado para o(s) pai(s) que manifestam comportamento agressivo com o(s) filho(s) é o grande desafio que os enfermeiros precisam superar. Além de desenvolver ações voltadas ao cuidado com este(s) pai(s) é preciso aproximá-lo(s) e mantê-lo(s) inserido(s) em um espaço em que ele(s) sintam-se capazes de refletir sobre seu comportamento paterno. Assim, o enfermeiro precisa estar preparado e capacitado para atuar com determinadas situações que podem exigir certo grau de amadurecimento e autoconhecimento, que lhe proporcionarão a segurança necessária para o desempenho de seu papel. Desse modo, cabe a ele desenvolver um trabalho comprometido com as necessidades e recursos deste(s) pai(s), assegurando a integridade da atenção, a qualidade e a humanização do atendimento.

Referências

- 1 Bezerra KP, Monteiro AI. Violência intrafamiliar contra a criança: Intervenção de enfermeiros da estratégia saúde da família. *Rev Rene*. 2012; 13 (2): 354-64.
- 2 Martins CBG, Jorge MHP de M. Violência física contra menores de 15 anos: estudo epidemiológico em cidade do sul do Brasil. *Rev Bras Epidemiol*. 2009; 12(3): 325-37.
- 3 Sedlak AJ, Mettenburg J, Basena M, Petta I, Mcpherson K, Greene A, Li S. Fourth National Incidence Study of Child Abuse and Neglect (NIS-4): Report to Congress. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, 2010.
- 4 Brandon M et al. New learning from serious case reviews: a two year report for 2009-2011. Centre for Research on the Child and Family in the School of Social Work and Psychology, University of East Anglia. US, 2012.
- 5 Chan KL. Child victims and poly-victims in China: Are they more at-risk of family violence? *Child Abuse & Neglect*, 2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.05.006>

- 6 Annerbäck EM. et al. Child physical abuse and concurrence of other types of child abuse in Sweden - Associations with health and risk behaviors. *Child Abuse & Neglect*. 2012; 36: 585– 95.
- 7 Waiselfisz JJ. *Mapa da Violência: Anatomia dos Homicídios no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.
- 8 Dossi AP, Saliba O, Garbin CAS, Garbin, AJI. Perfil epidemiológico da violência física intrafamiliar: agressões denunciadas em um município do Estado de São Paulo, Brasil, entre 2001 e 2005. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24(8): 1939-1952.
- 9 Silva AM, Vieira LJES. Caracterização de crianças e adolescentes atendidos por maus tratos em um hospital de emergência no município de Fortaleza-CE. *Rev Esc Enf USP*. 2001; 35(1):4-10.
- 10 Scott KL, Lishak V. Intervention for maltreating fathers: Statistically and clinically significant change. *Child Abuse & Neglect*. 2012; 36: 680– 684.
- 11 Topitzes J, Mersky JP, Dezen KA, Reynolds AJ. Adult resilience among maltreated children: A prospective investigation of main effect and mediating models. *Children and Youth Services Review*. 2013;35: 937–949.
- 12 Godinho LBR, Ramires VRR. Violência contra a criança. *Psicol. Argum*. 2011; 29 (66): 315-326.
- 13 Cater A, Forssell AM. Descriptions of fathers' care by children exposed to intimate partner violence (IPV) – relative neglect and children's needs. *Child and Family Social Work*. 2014; 19:185–193.
- 14 Baxter J, Smart, D. *Fathering in Australia among couple families with young children*. Occasional Paper, n. 37. Australian Institute of Family Studies, 2010.
- 15 Bronfenbrenner U. (2005). *Making human beings human*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- 16 Sadler GR et al. Research article: recruitment of hard-to-reach population subgroups via adaptations of the snowball sampling strategy. *Nursing & Health Sciences*. 2010; 12: 369-374.
- 17 Moraes R.; Galiazzi MC. *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Editora Unijuí. 2011. 224p
- 18 Angelo M, Prado SI, Cruz AC, Ribeiro MO. *Vivências de Enfermeiros no Cuidado de Crianças Vítimas de Violência Intrafamiliar: Uma Análise Fenomenológica*. *Texto Contexto Enferm*. 2013 Jul-Set; 22 (3), 585-92.
- 19 Eckenrode J et al. Preventing Child Abuse and Neglect With a Program of Nurse Home Visitation. *The Journal of the American Medical Association – JAMA*. 2000 set; 284 (11): 1385-1391.
- 20 Bérnago LPD, Bazon MR. *Abuso Físico Infantil: Analisando o Estresse Parental e o Apoio Social*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 2011 Jan-Mar.; 27 (1): 13-21.

21 Matias SS, Nascimento EGC, Alchieri JC. A Percepção dos Profissionais da Estratégia Saúde da Família sobre as Implicações da Violência intrafamiliar em Crianças e Adolescentes. *Sau. & Transf. Soc.* 2013; 4 (4): 38-46.

22 Chan KL. Child victims and poly-victims in China: Are they more at-risk of family violence? *Child Abuse & Neglect*,2014. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.05.006>

23 Bérubé A, Lafantaisie V, Dubeau D, Coutu S, Caron J, Devault A Using implementation evaluation to uncover a child neglect prevention program. *Evaluation and Program Planning*. 2014; 45: 1–8.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo enfatizam as experiências do pai com histórico de agressão contra o(s) filho(s) na interação com os mesmos. Para tanto, considerou-se as dificuldades que o pai enfrenta para desempenhar suas responsabilidades; suas necessidades e preocupações, juntamente com suas crenças, costumes e sua concepção da paternidade. Para melhor compreender o comportamento do pai junto aos filhos foi necessário investigar, também, as interações dele com outras pessoas e outros contextos, como por exemplo, a companheira, os familiares e as relações no ambiente de trabalho. Assim foi possível constatar que, pelo menos para os pais que participaram deste estudo, a forma de interação com os filhos mais frequentemente utilizada e que eles acreditam ser a correta é a agressão física e psicológica.

Mesmo que os resultados deste estudo não possam ser generalizados devido ao tamanho da amostra, as dificuldades relatadas pelos sete participantes indicam que o enfermeiro que trabalha com famílias em situação de violência, precisa levar em consideração que o comportamento agressivo é desencadeado por diferentes fatores que, embora impactantes, não determinam a identidade de uma pessoa. O rótulo de “agressor” representa uma barreira para o trabalho de enfermagem e, por esta razão, os eventos agressivos não deveriam se constituir no único elemento de análise e de trabalho. É fundamental que estes pais possam ser percebidos como pessoas que vivem em sociedade, trabalham e podem manter relações afetivas com seus filhos, desde que recebam apoio para desenvolver a capacidade de rever seus comportamentos e assumir um processo de mudança do próprio comportamento.

Ao mesmo tempo, a literatura é repleta de informações a respeito dos sentimentos de medo e insegurança experimentados pelos profissionais que trabalham com as famílias que convivem com a violência entre seus membros. Em geral, os profissionais se sentem ameaçados pelo agressor, caso venham notificar a agressão ou denunciá-lo aos órgãos de proteção às crianças e adolescentes como, por exemplo, o Conselho Tutelar. Assim, a atuação dos profissionais permanece, em

sua maioria, centrada na mãe e no(s) filho(s), excluindo o pai do planejamento dos cuidados. Esta dissociação prejudica tanto a compreensão das motivações que sustentam esse tipo de relações intrafamiliares, quanto a implementação de ações que possam, de fato, proteger as vítimas.

Os resultados deste estudo mostram, também, que o pai conhece pouco o(s) filho(s), seja porque são ausentes ou porque não conseguem estabelecer uma comunicação efetiva com o(s) mesmo(s). Por outro lado, o enfermeiro também conhece pouco o pai com histórico de comportamento agressivo com o(s) filho(s), pois a realização de um trabalho dirigido a ele ainda é muito incipiente. Nesta perspectiva, a prática de enfermagem com famílias que enfrentam a violência contra crianças e adolescentes, precisa ser repensada, para que se possa elaborar estratégias que integrem o pai, mas sem perder de vista a mãe e o(s) filho(s).

No conjunto, essas considerações embasam a confirmação da tese defendida neste estudo, a qual afirma que “resgatar de forma global as experiências de pai e não apenas aquelas que o definem como agressivo, possibilita elaborar estratégias particularizadas para o trabalho de enfermagem voltado à reconstrução de uma relação sensível entre o pai e seu(s) filho(s). Entretanto, é preciso considerar que são muitos os obstáculos a serem superados quando o objetivo é construir uma relação sensível entre pai e filho(s).

É necessário, por exemplo, que esses pais sejam esclarecidos sobre formas não violentas de se relacionar com os filhos, bem como sobre as necessidades das crianças e adolescentes em suas diferentes etapas do desenvolvimento. Estas são ações de saúde que podem ser adotadas pelos enfermeiros, e que são capazes de direcionar a atenção ao pai com dificuldades de interagir de forma afetiva com os filhos. Além disso, pode ser um dos caminhos para prevenir a violência intrafamiliar praticada pelo pai no desempenho de suas responsabilidades para com os filhos.

Embora tenham sido significativos seus resultados este estudo teve limitações importantes. Dentre essas, o tamanho da amostra que, mesmo justificada pela natureza do fenômeno e a dificuldade de recrutamento dos participantes, não permite uma generalização dos resultados. Da mesma forma, a coleta de dados, desenvolvida individualmente com cada participante, representou outra limitação se considerarmos que, do ponto de vista metodológico, a realização de grupos poderia ser mais efetiva para o desenvolvimento de um trabalho reflexivo com o(s) pai(s)

com comportamento agressivo com o(s) filho(s). Ainda, assim, a natureza do fenômeno em estudo não permitiu a utilização desta metodologia, pois o estigma em relação a este(s) pai(s) é muito forte e poderia provocar o afastamento deste homem dos serviços de saúde, bem como da participação em pesquisas.

Para finalizar, cabe destacar a necessidade de desenvolver outras pesquisas direcionadas para a reconstrução da relação entre pai e filho(s) em contexto de violência, uma vez que este tema, envolvendo especificamente o pai com histórico de agressão contra os filhos, é pouco explorado. Em consequência, a prática de enfermagem com estes pais, quando acontece, é sem sustentação teórica. Da mesma forma, recomenda-se aprofundar a investigação sobre a relação entre o pai e o enfermeiro, destacando a necessidade deste profissional estabelecer vínculos efetivos como pré-condição para uma relação capaz de auxiliar o pai no desempenho de seus papéis e funções paternas.

REFERENCIAS

ALGERI, S.; SOUZA, L.M. Violência contra crianças e adolescentes: um desafio no cotidiano da equipe de enfermagem. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.14, n.4, Jul.-Ago., 2006.

ALGERI, S. et al. Violência intrafamiliar contra a criança no contexto hospitalar e as possibilidades de atuação do enfermeiro **Rev HCPA**, v.27, n.2, 2007.

ANGELO, M.; PRADO, S.I.; CRUZ, A.C., RIBEIRO, M.O. Vivências de Enfermeiros no Cuidado de Crianças Vítimas de Violência Intrafamiliar: Uma Análise Fenomenológica. **Texto Contexto Enferm**, v.22, n.3, p.585-92, Jul-Set, 2013.

ANNERBÄCK, E. M. **Child Physical Abuse: Characteristics, Prevalence, Health and Risk-taking**. 2011. 99f. Dissertação 1234 - Linköping University, Sweden, Sweden, 2011.

ANNERBÄCK, E.M. et al. Child physical abuse and concurrence of other types of child abuse in Sweden - Associations with health and risk behaviors. **Child Abuse & Neglect**, v.36, p.585– 95, 2012.

ARAGÃO, A.S., FERRIANI, M.G.C., VENDRUSCOLLO T.S., SOUZA, S.L., GOMES, R. Abordagem dos casos de violência à criança pela enfermagem na atenção básica. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.21, n.spec., jan.-fev, 2013.

ASLA, N.; PAÚLA, J.; PÉREZ-ALBÉNIZB, A. Emotion recognition in fathers and mothers at high-risk for child physical abuse. **Child Abuse & Neglect**, v.35, p. 712–721, 2011.

BAKERMANS-KRANENBURG, M.J.; VAN IJZENDOORN, M.H.; JUFFER, F. Less is more: Meta-Analyses of Sensitivity and Attachment Interventions in Early Childhood. **Psychological Bulletin**, v.129, n.2, p.195-215, 2003.

BARROSO, R.G.; MACHADO, C. Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. **PSYCHOLOGICA**, v.1, n.52, p. 211-229, 2010.

BAXTER, J.; SMART, D. **Fathering in Australia among couple families with young children**. Occasional Paper, n. 37. Australian Institute of Family Studies, 2010.

BEHRENSA, K.Y.; PARKERA, A.C.; HALTIGAN, J.D. Maternal sensitivity assessed during the Strange Situation Procedure predicts child's attachment quality and reunion behaviors. **Infant Behavior & Development**, v. 34, p.378–381, 2011.

BERGER, L.M. Income, family characteristics, and physical violence toward children. **Child Abuse & Neglect**, v.29, p.107–133, 2005.

BERLIN, L.J.; APPELYARD, K.; DODGE, K.A. Intergenerational Continuity in Child Maltreatment: Mediating Mechanisms and Implications for Prevention. **Child Dev.**, v.82, n.1, p. 162–176, jan., 2011.

BÉRUBÉ, A.; LAFANTAISIE, V.; DUBEAU, D.; COUTU, S.; CARON, J.; DEVAULT, A. Using implementation evaluation to uncover a child neglect prevention program. *Evaluation and Program Planning*, v. 45, p.1–8, 2014.

BES, T.M.; LOPES, F.A.R.; MORGAN, G.J.; RIBEIRO, M.S.; DUARTE, W.R. Relação da violência intrafamiliar e o uso abusivo de álcool ou entorpecentes na cidade de Pelotas, RS. **Revista da AMRIGS**, v. 57, n.1,p. 9-13, jan.-mar. 2013.

BEZERRA, K. P.; MONTEIRO, A. I. Violência intrafamiliar contra a criança: Intervenção de enfermeiros da estratégia saúde da família. **Rev Rene**, v.13, n.2, p. 354-64, 2012.

BOMFIM, Leny A. **Familia contemporânea e saúde**: significados, práticas e políticas públicas. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2010.

BORSA, J.C.; NUNES, M.L.T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicol. Argum.**, v. 29, n. 64, p. 31-39 jan./mar. 2011.

BORTOLINI, M.; ANDRETTA, I. Práticas parentais coercitivas e as repercussões nos problemas de comportamento dos filhos. **Psicol. Argum.**, v. 31, n. 73, p. 227-235, abr./jun. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Estatuto da Criança e do Adolescente / Ministério da Saúde**. – 2. ed. atual. – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem**: Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Departamento de Análise de Situação da Saúde**. Anais : I Seminário sobre a Política Nacional de Promoção da Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Análise de Situação da Saúde. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009.252 p. – (Série D. Reuniões e Conferências)

BRAGG, H.L. Child Protection in Families Experiencing Domestic Violence. **Department of Health and Human Services**, US, 2003.

BRANDÃO, S.; FIGUEIREDO, B. Fathers' emotional involvement with the neonate: impact of the umbilical cord cutting experience. **Journal of Advanced Nursing**, v.68, n.12, p. 2730-39, 2012.

BRANDON, M. et al. **New learning from serious case reviews: a two year report for 2009-2011**. Centre for Research on the Child and Family in the School of Social Work and Psychology, University of East Anglia. US, 2012.

BRAZ, M.P.; DESSEN, M.A.; SILVA, N.L.P. Relações conjugais e parentais: uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.18, n.2, p.151-161, 2005.

BRITO, A.M. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.10, n.1, p.143-149, 2005.

BROOKS-GUNN, J.; SCHNEIDER, W.; WALDFOGEL, J. The Great Recession and the risk for child maltreatment. **Child Abuse & Neglect**, v. 37, p. 721-729, 2013.

Bronfenbrenner U. Making human beings human. Thousand Oaks, CA: Sage. 2005.

BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P.A. The ecology of developmental process. In: DAMON, W.; SIGEL, I. E.; RENNINGER, K. A. (eds). **Handbook of child psychology**. New York: John Wiley & Sons, v. 1, p. 993-1027, 1998.

CARDOSO, M.V.L.M.L.; SOUTO, K.C.; OLIVEIRA, M.M.C. Compreendendo a experiência de ser pai de recém-nascido prematuro internado na unidade neonatal. **Rev. RENE**, v. 7, n. 3, p. 49-55, set./dez., 2006.

CARMO, C.J.; HARADA, M. de J.C.S. Violência física como prática educativa. **Rev Latino-am Enfermagem**, v.14, n.6, 2006.

CARVALHO, Q.C.M. et al. Malformação congênita: significado da experiência para os pais. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 5, n. 3, p. 389-397, set./dez. 2006.

CHAN, K.L. Children exposed to child maltreatment and intimate partner violence: A study of co-occurrence among Hong Kong Chinese families **Child Abuse & Neglect**, v.35, p. 532– 542, 2011.

CHAN, K.L. Child victims and poly-victims in China: Are they more at-risk of family violence? **Child Abuse & Neglect**, 2014.
<http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2014.05.006>

CIA, F.; BARHAM, E.J. Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai-filho. **Psico-USF**, v.11, n.2, p. 257-264, jul./dez. 2006

CIA, F.; PAMPLIN, R.C. de O.; Williams, L.C. de A. O impacto do envolvimento parental no desempenho acadêmico de crianças escolares. **Psicologia em Estudo**, v. 13, n.2, p.351-360, abr./jun, 2008.

CIA, F.; BARHAM, E.J.; FONTAINE, A.M.G.V. Impactos de uma Intervenção com Pais: O Desempenho Acadêmico e Comportamento das Crianças na Escola. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 23, n.3, p. 533-543, 2010.

CIA, F.; BARHAM, E.J. Intervenção com pais: Impactos em curto e longo prazo no comportamento infantil. **Psicol. Argum.**, v. 31, n. 73, p. 215-226, abr./jun. 2013.

CICCHETTI, D.; ROGOSCH, F.; SHEREE, L.T. Fostering secure attachment in infants in maltreating families through preventive interventions. **Development and Psychopathology**, v.18, p.623-49, 2006.

COCCO, M.; SILVA, E.B.; JAHN, A. do C.; POLL, A. dos S. Violência contra crianças e adolescentes: Estratégias de cuidado adotadas por profissionais de saúde. **Cienc Cuid Saude**, v.9, n.2, p. 292-300, Abr-Jun. 2010.

COUTO, M.T. et al. O homem na atenção primária à saúde: discutindo(in)visibilidade a partir da perspectiva de gênero. **Interface - Comunic., Saude, Educ.**, v.14, n.33, p.257-70, abr./jun. 2010.

CROOKS, C.V.; SCOTT, K.L.; FRANCIS, K. J.; KELLY, T.; REID, M. Eliciting change in maltreating fathers: goals, processes, and desired outcomes. **Cognitive and Behavioral Practice**, v.13, p. 71–81, 2006.

DANTAS, C.; Jablonski, B.; Féres-Carneiro, T. Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, v.14, n.29, p. 347-357, 2004.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa – teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DEPARTMENT Of HEALTH And HUMAN SERVICES, **Administration for Children and Families, Administration on Children, Youth and Families**, U.S. Child Maltreatment, 2011. Disponível em: <<http://www.acf.hhs.gov/programs/cb/research-data-technology/statistics-research/child-maltreatment>>. Acesso em: 23 out. 2013.

DE ANTONI, C.; BARONE, L.R.; KOLLER, S.H. Indicadores de Risco e de Proteção em Famílias Fisicamente Abusivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.23, n.2, p.125-32, Abr-Jun, 2007.

DE WOLF, M.; VAN IJZENDOORN, M.H. Sensitivity and attachment: a meta-analysis on parental antecedents of infant attachment. **Child Development**, v. 68, n.4, p.571-591, August, 1997.

DIXON, L.; BROWNE, K.D.; HAMILTON-GIACHRITSIS, C. Patterns of risk and protective factors in the intergenerational cycle of maltreatment. **Journal of Family Violence**, v.24, p. 111-122, 2009.

DOSSI, A.P.; SALIBA, O.; GARBIN, C.A.S.; GARBIN, A.J.I. Perfil epidemiológico da violência física intrafamiliar: agressões denunciadas em um município do Estado de São Paulo, Brasil, entre 2001 e 2005. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n.8, p.1939-1952, ago, 2008.

DUBEAU, D.; CLÉMENT, M.E; CHAMBERLAND, C. Le père, une roue du carrosse familial à ne pas oublier ! État des recherches québécoises et canadiennes sur la paternité. **Enfances, Familles, Générations**, n. 3, p. 17-39, 2005.

EUSER, S. et al. The prevalence of child maltreatment in the Netherlands across a 5-year period. **Child Abuse & Neglect**, v.37, p.841– 851, 2013.

FARNFIELD, S. A Theoretical Model for the Comprehensive Assessment of Parenting British. **Journal of Social Work Advance Access published**, v.22,p.1-24,February, 2007.

FIGUEIREDO, M.G.A.V.; MARQUES, A.C.Pré-Natal: Experiências vivenciadas pelo pai.**Cogitare Enferm.**, v.16, n.4, p.708-13,Out/Dez, 2011.

FREITAS, W.M.F. Paternidade: responsabilidadesocial do homem no papel de provedor. **Rev Saúde Pública**, v.43, n.1, p.85-90, 2009.

FROTA, M.A.; BEZERRA, J.A; FÉRRER, M.L.S; MARTINS, M.C; SILVEIRA V.G. Percepção materna em relação ao cuidado e desenvolvimento infantil. **RBPS-Fortaleza**, v.24, n.3, p. 245-250, jul./set., 2011.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Resumo estatístico do município de Rio Grande/RS.** Disponível em: http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/resumo/pg_municipios_detalhe.php?municipio=Rio+GrandeAcesso em: 15 ago 2013.

FUNDAÇÃO De ECONOMIA E ESTATÍSTICA (FEE). **Estimativas populacionais – Revisão 2015.** Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/indicadores/populacao/estimativas-populacionais/>. Acesso em: 07 março 2016.

GARBARINO, J. Socioeconomic forces and the problem of counting in understanding child abuse and neglect: Commentary on “The Great Recession and the Risk for Child Maltreatment”. **Child Abuse & Neglect**, v.37, p.730-734, 2013.

GARBIN, C.A.S. et al. Notificação de violência contra criança: conhecimento e comportamento dos profissionais de saúde. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v.13, n.2, p.17-23, 2011.

GODINHO, L.B.R.; RAMIRES, V.R.R. Violência contra a criança. **Psicol. Argum.**, v. 29, n. 66, p. 315-326, jul./set. 2011.

GOMES, R. **Saúde do Homem em debate**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011. 228p.

GRACIA, E.; MUSITU, G. Social isolation from communities and child maltreatment: a cross-cultural comparison. **Child Abuse & Neglect** , v.27, n.2, p. 153-168, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/temas.php?codmun=431560&id_tema=16&search=rio-grande-do-sul|rio-grande|sintese-das-informacoes. Acesso em 26 de ago 2013.

LACHARRITÉ, C. Parental sensitivity : its role in the prevention of child maltreatment and the promotion of child well-being. **Texto Contexto Enferm**, v.12, n.3, p. 275-9, Jul-Set, 2003.

LACHARITÉ, C.; LOUISE, É.; PIERRE, N. Vers une théorie écosystémique de la négligence envers les enfants. **Bulletin de psychologie**, v.4, n.484, p. 381-394, 2006.

LAI, F.J. **The relationships between parenting stress, child characteristics, parenting self-efficacy, and social support in parents of children with autism in Taiwan**. 2013, 185f. Dissertação (Mestrado) - Columbia University, New York, 2013.

LEERKES, E.M. Maternal sensitivity during distressing tasks: A unique predictor of attachment security. **Infant Behavior & Development**, v. 34, p.443- 446, 2011.

LIMA, P.D.; FARIAS, G.M. Conduitas adotadas pelos profissionais de saúde com crianças hospitalizadas vítimas de violência. *Rev. Eletr. Enf.*, v.10, n.3, p.643-53, 2008.

LINDHIEM, O.; BERNARD, K.; DOZIER, M. Maternal Sensitivity: Within-Person Variability and the Utility of Multiple Assessments. **Child Maltreatment**, v.16, n.1, p. 41-50, 2011.

LUNDAHL, B.W.; NIMER, J.; PARSONS, B. Preventing Child Abuse: A Meta-Analysis of Parent Training Programs. **Research on Social Work Practice**, v.16, n.251, 2006.

LUNDAHL, B.W.; TOLLEFSON, D.; RISSER, H.; LOVEJOY, M.C. A Meta-Analysis of Father Involvement in Parent Training. **Research on Social Work Practice**, v.18, n. 2, p.97-106, Mar., 2008.

MACLEOD, J.; NELSON, G. Programs for the promotion of family wellness and the prevention of child maltreatment: A meta-analytic review. **Child Abuse & Neglect**, v.24, n. 9, p. 1127–1149, 2000.

MARTINS, C.B.de G.; JORGE, M.H.P. de M. Violência física contra menores de 15 anos: estudo epidemiológico em cidade do sul do Brasil. **Rev Bras Epidemiol.**, v.12, n.3, p.325-37, 2009.

MONTEIRO, L. et al. Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. **Análise Psicológica**, v.3, n. XXVI, p. 395-409, 2008.

MONTIGNY, F.; LACHARITE, C. Perceived parental efficacy: concept analysis. **Journal of Advanced Nursing**, v.49, n.4, p.387-396, 2005.

MONTIGNY, F.; LACHARRITÉ, C.; AMYOT, E. Tornar-se pai: modelo da experiência dos pais em período pós-natal 1. **Paidéia**, v.16, n.33, p. 25-36, 2006.

MORAES R.; GALIAZZI, M.C.,. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: Editora Unijuí. 2011. 224p.

MORAN, G.; FORBES, L.; EVANS, E.; TARABULSY, G.M.; MADIGAN, S. Both maternal sensitivity and atypical maternal behavior independently predict attachment security and disorganization in adolescent mother–infant relationships. **Infant Behavior & Development**, v. 31, p. 321–325, 2008.

MOURA, A.T.M.S.; REICHENHEIM, M.E. Estamos realmente detectando violência familiar contra a criança em serviços de saúde? A experiência de um serviço público do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.21, n.4, p.1124-1133, jul/ago, 2005.

MOURA, A.T.M.S.; MORAES, C.L.; REICHENHEIM, M.E. Detecção de maus-tratos contra a criança: oportunidades perdidas em serviços de emergência na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n.12, p.2926-2936, dez, 2008.

NATIONAL CHILD ABUSE AND NEGLECT DATA SYSTEM. U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, Administration on Children, Youth and Families, Children's Bureau. (2012). Child Maltreatment, 2011.

NUNES, C.B. et al. Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v.16, n.1, jan./fev., 2008.

NUNES, C. B.; SARTIS, C. A.; OHARA, C. V. da S. Concepções de profissionais de saúde sobre a violência intrafamiliar contra a criança e o adolescente. **Rev Latino-Am Enfermagem**, v.16, n.1, jan./fev., 2008.

OLDS, D.L.; SADLER, L.; KITZMAN, H. Programs for parents of infants and toddlers: recent evidence from randomized trials. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v.48, n.3/4, p.355-391, 2007.

PERUCCHI, J.; BEIRÃO, A. M. Novos Arranjos Familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v.19, n.2, p.57 – 69, 2007.

PIERANTONI, L.M. de M.; CABRAL, I.E. Crianças em situação de violência de um ambulatório do rio de janeiro: Conhecendo seu perfil. **Esc Anna Nery Rev Enferm**, v.13, n.4, p.699-07, out/dez, 2009.

PIMENTEL, Adelma. **Cuidado paterno e enfrentamento da violência**. São Paulo: Summus, 2008. 102 p.

PIMENTEL, A.G.; OLIVEIRA, I.B.S.; ARAÚJO, L.S. Paternidade, violência e drogadição: limitações psicossociais à saúde. **Revista do Nufen**, v.1, n.1, abr./ago., 2009.

POLLETO, M. et al. **Direitos humanos, prevenção à violência contra crianças e adolescentes e mediação de conflitos**: manual de capacitação para educadores. Porto Alegre: Ideograf, 2013. 248p.

PRINZ, R.J.; et al. Population-Based Prevention of Child Maltreatment: The U.S. Triple P System Population Trial. **Prev Sci**, v.10, n.1, p.1-12, 2009.

READER, P.; DUNCAN, S.; LUCEY, C. **Studies in the assessment of parenting**. Florence: Routledge. 2005

REICHENHEIM, M.E.; DIAS, A.S.; MORAES, C.L. Co-ocorrência de violência física conjugal e contra filhos em serviços de saúde. **Rev Saúde Pública**, v.40, n.4, p.595-603, 2006.

RIBEIRO, M.M. et al. Violência doméstica: a realidade velada. **R. bras. est. pedag.**, v.85, n. 209/210/211, p.114-125, jan./dez. 2004.

ROCKVILLE, M. Factors associated with fathers' caregiving activities and sensitivity with young children. **Journal of Family Psychology**, v. 14, n.2, p. 200-219, 2000.

ROSENBERG, J.; WILCOX, W.B. **The Importance of Fathers in the Healthy Development of Children**. Child Abuse and Neglect: user manual series. US, 2006, 118 p.

ROTHMAN, E.F.; MANDEL, D.G.; SILVERMAN, J.G. Abusers' Perceptions of the Effect of Their Intimate Partner Violence on Children. **Violence Against Women**, v.13, n.11, p.1179-91, Nov., 2007.

SARAIVA, R.J. Qualificação do enfermeiro no cuidado a vítimas de violência doméstica infantil. **Ciencia y Enfermeria**, v.18, n.1, p.17-27, 2012.

SCOTT, K.L. **Effecting Change in Maltreating Fathers**: Critical Principles for Intervention Planning. Ontario Institute for Studies in Education/University of Toronto, 2004.

SCOTT, K.L.; LISHAK, V. Intervention for maltreating fathers: Statistically and clinically significant change. **Child Abuse & Neglect**, v. 36, p.680– 684, 2012.

SEDLAK, A.J., METTENBURG, J., BASENA, M., PETTA, I., MCPHERSON, K., GREENE, A., and LI, S. **Fourth National Incidence Study of Child Abuse and Neglect (NIS-4)**: Report to Congress. Washington, DC: U.S. Department of Health and Human Services, Administration for Children and Families, 2010.

SILVA, M.R.S.; VAZ, M.R.C.; GAYA, A.S.; SILVA, P.A. La sensibilité parentale dans le cadre de la politique brésilienne de santé familiale. **Enfances, Familles, Générations**, n.13, p.116-128, 2010.

SOLIS-PONTON, L. **Ser pai, ser mãe. Parentalidade**: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SOUZA, C.L.C.; BENETTI, S. P.C. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. **Paideia**, v.19, n.42, p. 97-106, jan./abr. 2009.

SPERRY, D.M.; WIDOM, C.S. Child abuse and neglect, social support, and psychopathology in adulthood: A prospective investigation. **Child Abuse & Neglect**, v. 37, p.415- 425, 2013.

THOMAZINE, A.M.; OLIVEIRA, B.R.Gonçalves; VIERA, C.S. Atenção a crianças e adolescentes vítimas de violência intrafamiliar por enfermeiros em serviços de pronto-atendimento. **Rev. Eletr. Enf.**, v.11, n.4, p.830-40, 2009.

THORNBERRY, T. P.; et al. Adolescent risk factors for child maltreatment. **Child Abuse & Neglect**, 2013. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1016/j.chiabu.2013.08.009>>. Acesso em: 13 out. 2013.

TOPITZES, J.; MERSKY, J.P.; DEZEN, K.A.; REYNOLDS, A.J. Adult resilience among maltreated children: A prospective investigation of main effect and mediating models. **Children and Youth Services Review**, v. 35, p.937–949, 2013.

TREMBLAY, R.E.; BOIVIN, M.; PETERS, R.V. **Social-contextual determinants of parenting**. Encyclopedia on early childhood development, p. 1-6, 2008. Disponível em: <http://www.child-encyclopedia.com/pages/PDF/synthesis-parenting_skills.pdf>. Acesso em: 24 out. 2013.

TROCMÉ, N. Canadian Incidence Study of Reported Child Abuse and Neglect **Public Health Agency of Canada**, Ottawa, 2008: Major Findings., 2010. 122p. Disponível em: <<http://www.phac-aspc.gc.ca/ncfv-cnivf/index-eng.php>> . Acesso em: 15 jul. 2013.

TRONCHIN, D.M.R.; TSUNECHIRO, M.A. Cuidar e o conviver com o filho prematuro: a experiência do pai.**Rev Latino-am Enfermagem**, v.14, n.1, p.93-101, jan.-fev,2006.

VITE SIERRA, A.; RODRÍGUEZ, F.L.; CORTÉS, A.N. Sensibilidad materna y maltrato infantil. **Acta Colombiana de Psicología**, v.13, n.2, p.11-18, 2010.

WASELFISZ, J.J. Mapa da Violência: **Anatomia dos Homicídios no Brasil**. São Paulo: Instituto Sangari, 2012.

WARPECHOWSKI, A.; MOSMANN, C. A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções. **Temas em Psicologia**, v.20, n.1, p.247-60, 2012.

WEBER, L.N.D.; et al. Famílias que maltratam: uma tentativa de socialização pela violência. **Psico-USF**, v.7, n.2, p.163-173, Jul./Dez, 2002.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 4Ed., 2010. 248p.

ZAMPIERI, M.F.M. O significado de ser pai na ótica de casais grávidos: limitações e facilidades. **Rev. Eletr. Enf.**, v.14, n.3, p.483-93,jul/sep, 2012.

ZOTTIS, G.A.H.; ALGERI, S.; PORTELLA, V.C.C. Violência intrafamiliar contra a criança e as atribuições do profissional de enfermagem. **Fam. Saúde Desenv.**,v.8, n.2, p.146-153, Maio/Ago, 2006.

APÊNDICES

Apêndice A: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

 <p>Universidade Federal do Rio Grande.</p> <p>C.P. 140, Av. Itália Km 8 S/N, Rio Grande – Rio Grande do Sul/Brasil Telefone : (53) 32336500</p>	 <p>Grupo de Estudos e Pesquisa em Família, Enfermagem e Saúde.</p> <p>C.P. 140, Rua Osório S/N – Rio Grande – Rio Grande do Sul/Brasil Telefone: (53) 32330304</p>
--	---

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Pesquisadora responsável: Dr^aMara Regina Santos da Silva – Enfermeira, Professora da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES).

Pesquisadora-Doutoranda: Dda.Maria Emília Nunes Bueno- Enfermeira, Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa de Família, Enfermagem e Saúde (GEPEFES).

Objetivo Geral: Compreender o processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes.

Objetivos Específicos: 1) Identificar as características pessoais e contextuais do pai com histórico de comportamento agressivo contra o(s) filho(s), que contribuem para a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes; 2) Descrever a percepção do pai sobre seu comportamento na interação com seu(s) filho(s); 3) Elaborar estratégias para o trabalho de enfermagem com o(s) pai(s) que apresentem comportamento agressivo com o(s) filho(s).

Procedimentos: para participar nesta pesquisa você está sendo convidado a responder algumas perguntas que buscam informações para os objetivos especificados acima. A realização desta entrevista será em local privativo, escolhido de acordo com seu bem-estar e sem prejuízo de suas atividades de trabalho, estudo ou familiares.

Direitos assegurados: as informações fornecidas por você serão tratadas confidencialmente pela equipe de pesquisadores. Os dados serão tratados pelo conjunto do grupo de participantes e não de maneira individual. Todas as informações serão anônimas e as partes relativas à sua participação serão destruídas caso você venha a suspender seu consentimento. Uma identificação codificada substituirá seu nome e de sua família para garantir o anonimato e a confidencialidade das informações.

Benefícios: sua participação nesta pesquisa pode contribuir na identificação das dificuldades enfrentadas pelos pais (homens) no relacionamento com seus filhos, possibilitando a discussão sobre estratégias de trabalho com os pais, com vistas a estabelecer uma relação sensível entre pai e filhos.

Riscos: sua participação nesta pesquisa poderá acarretar-lhe um risco mínimo. Um certo desconforto pode ser causado por algumas questões incluídas no roteiro de entrevista. Por favor, examine-as antes de iniciar a respondê-las.

Participação voluntária: a sua participação nesta pesquisa é voluntária e você é livre para aceitá-la ou recusar-se. Por favor, certifique-se que todas suas dúvidas ou questionamentos relativos a esta pesquisa foram respondidos e que lhe foi garantido o tempo necessário para tomar sua decisão.



Pessoa para contato: Para informações relativas a esta pesquisa você pode entrar em contato com a Professora Dr^a Mara Regina Santos da Silva e a Doutoranda Maria Emilia Nunes Bueno, pelo telefone (53) 32374608.

Eu, _____,
 aceito livremente participar como sujeito da pesquisa “**O processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes**”. Confirmando que a justificativa, os objetivos e os procedimentos relativos à minha participação foram explicados verbalmente e eu os compreendi. Confirmando, também, que foram respondidas todas as minhas dúvidas e me foi dado o tempo necessário para tomar a decisão de participar deste estudo. Sendo assim, atesto que li todas as informações explicitadas acima e escolhi voluntariamente participar deste estudo.

Uma cópia deste formulário de consentimento ficou sob minha guarda.

Local e data _____	
_____ Nome do participante	_____ Assinatura do participante
_____ Nome do entrevistador	_____ Assinatura do entrevistador

Apêndice B: Roteiro de entrevista

 <p>UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE</p> <p>C. P. 140, Rua Osório S/N – Rio Grande – Rio Grande do Sul/Brasil Telefone: (53) 3233 0304</p>	 <p>GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM FAMÍLIA, ENFERMAGEM E SAÚDE</p> <p>PROJETO: O processo de reconstrução da paternidade no contexto da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes</p>
--	--

Parte I: Caracterização dos respondentes

1. Idade: _____
2. Número de filhos: _____
3. Estado Civil: _____
4. Escolaridade: _____
5. Ocupação: _____
6. Carga horária de trabalho semanal: _____
7. Renda Familiar: _____
8. Constituição familiar (nome e Idade): _____

Parte II: Processos vivenciados pelo pai em diferentes contextos.

1. Inicialmente gostaria que o senhor falasse sobre sua historia de vida considerando:
 - a) A relação com seu pai e a relação com seu(s) filho(s) atualmente:
 - b) A experiência de ser pai.
 - c) Tempo de convivência com seu(s) filho(s).
 - d) Atividades que realizam juntos.
2. Dando continuidade, gostaria que o senhor descrevesse quem e como são seu(s) filho(s):
3. Quais ensinamentos o senhor gostaria de transmitir a seus filhos?
4. Recebe algum tipo de apoio para exercer as funções de pai? De quem?
5. Como seu(s) filho(s), sua companheira e outras pessoas do seu ciclo de amizade e família vêm o senhor como pai?
6. Comente sobre a sua relação com colegas e superiores no seu trabalho.

7. Como os serviços de saúde poderiam contribuir para auxiliar os homens a exercer suas funções de pai?

Parte III: Reflexão sobre o cotidiano da relação pai/filho.

Prosseguindo, gostaria de convidá-lo a assistir um vídeo em que irá mostrar cenas da relação entre um pai e seus filho(s). Após vamos conversar sobre os vídeos.

1. Considerando a relação com seu(s) filho(s) descreva algumas situações que o senhor se sentiu bem no papel de pai:
2. Descreva momentos difíceis que o senhor enfrenta no papel de pai:
O que contribui para tornar estes momentos difíceis?
3. Você consegue identificar as principais necessidades que seu filho apresenta? Quais são?
4. Na família, quem seu(s) filho(s) reconhece(m) como autoridade e por quê?

ANEXO

Anexo I - Parecer do Comitê de Ética

CEPAS/FURG
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA NA ÁREA DA SAÚDE
Universidade Federal do Rio Grande - FURG
www.cepas.furg.br

PARECER Nº 79/ 2014**CEPAS 036/2014****CAAE:** 32033614.6.0000.5324**Título da Pesquisa:** O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**Pesquisador:** Mara Regina Santos da Silva**PARECER DO CEPAS:**

O Comitê, considerando tratar-se de um trabalho relevante, o que justifica seu desenvolvimento, bem como o atendimento às pendências informadas no parecer 070/2014, emitiu o parecer de **APROVADO** para o projeto "**O PROCESSO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA PATERNIDADE NO CONTEXTO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILIAR CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES**".

Está em vigor, desde 15 de novembro de 2010, a Deliberação da CONEP que compromete o pesquisador responsável, após a aprovação do projeto, a obter a autorização da instituição co-participante e anexá-la ao protocolo do projeto no CEPAS. Pelo exposto, o pesquisador responsável deverá verificar se seu projeto está obedecendo a referida deliberação da CONEP.

Segundo normas da CONEP, deve ser enviado **relatório semestral** de acompanhamento ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme modelo disponível na página <http://www.cepas.furg.br>.

Data de envio do relatório final: 01/07/2015

Rio Grande, RS, 09 de julho de 2014.

Profª. Eli Sinnott Silva**Coordenadora do CEPAS/FURG**